

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
LINHA DE PESQUISA: PAISAGEM E SOCIEDADE

FLÁVIA ASSUMPCÃO DE GODOY BUENO

**O modo de vida Guarani e suas múltiplas paisagens no
Jaraguá, São Paulo - SP**

São Paulo, 2020

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
LINHA DE PESQUISA: PAISAGEM E SOCIEDADE

**O modo de vida Guarani e suas múltiplas paisagens no
Jaraguá, São Paulo - SP**

Flávia Assumpção de Godoy Bueno

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo como pré-requisito para a obtenção do título de mestra em arquitetura e urbanismo.

Área de concentração: Paisagem e Ambiente.

Orientador: Prof. Dr. Euler Sandeville Jr.

EXEMPLAR REVISADO E ALTERADO EM RELAÇÃO À VERSÃO ORIGINAL, SOB RESPONSABILIDADE DA AUTORA E ANUÊNCIA DO ORIENTADOR.

A versão original, em formato digital, ficará arquivada na Biblioteca da Faculdade.

São Paulo, 18 de janeiro de 2021

São Paulo, 2020

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Godoy Bueno, Flavia Assumpção de
O modo de vida Guarani e suas múltiplas paisagens no Jaraguá, São Paulo - SP / Flavia Assumpção de Godoy Bueno; orientador Euler Sandeville Junior. - São Paulo, 2020.
155 f.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Paisagem e Ambiente.

1. Natureza. 2. Paisagem Urbana. 3. Guarani. 4. Cultura.
I. Sandeville Junior, Euler, orient. II. Título.

Elaborada eletronicamente através do formulário disponível em: <<http://www.fau.usp.br/fichacatalogica/>>

Endereço eletrônico da autora: flabueno3@gmail.com

GODOY BUENO, Flávia Assumpção de. *O modo de vida Guarani e suas múltiplas paisagens no Jaraguá, São Paulo - SP.* 2020. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2020.

Aprovado em 16/12/2020

*Dedico este trabalho ao meu filho Gabriel
e a todos que procuram entender diferentes modos de ser e estar no mundo*

AGRADECIMENTOS

Ao longo de todo o percurso, eu me senti amparada de diferentes formas. Os desafios e as incertezas não foram poucos, mas os caminhos se abriram a partir da entrega. Eu me sinto grata por ter uma religião, herança de minhas avós, a quem sou tão agradecida. Sou grata por minha fé e sentir a presença de Deus se manifestando de tantas maneiras, criando meu chão. Nesse sentido, sou muito grata a *Nhanderu*, que me acolheu e me protegeu para que eu caminhasse em segurança e completasse esta pesquisa.

Ao meu orientador, Euler Sandeville Junior, que acompanhou e incentivou a pesquisa. Por sua generosidade e grandeza como ser humano, características que tanto me inspiraram.

Aos Guarani-Mbya que me acolheram. Muitos contribuíram para essa pesquisa e permitiram que eu conhecesse riquezas inimagináveis por meio da abertura a mim confiada. Sou grata em especial ao meu padrinho, *xeramoí* Elias, que me revelou o nome de *Araju Mirim*. Agradeço ao amigo Jurandir Augusto Martins e à sua esposa Marilene; ao Thiago Guarani; ao David Karai Popygua; à Eunice Augusto Martins e à Jaciara. Agradeço à Poty, por ter me recebido tão bem em sua casa no *Tenonde Porã* e pelas profundas conversas. Sou muito grata ao *xeramoí* Timóteo Verá *Popygua*, por suas palavras de encorajamento e por me ensinar sobre *Yvy Rupa*. Agradeço a todos os moradores da Terra Indígena do Jaraguá.

Aos meus pais, Léa e Sérgio, por valorizarem o conhecimento acadêmico e por sempre me estimularem nessa direção. Ao meu pai, em especial, por seu suporte e constância em minha vida. Agradeço a minha amada tia Solange, por sua força e amorosidade.

À querida Fúlvia e a todos os membros da minha família que contribuíram direta ou indiretamente para que esse trabalho se realizasse.

Ao Gabriel, meu filho, por ser tão companheiro e inundar meu coração de alegria. Agradeço muito à Kelly, por ter cuidado tão bem dele enquanto eu escrevia, principalmente na reta final.

Aos meus amigos queridos, que animam minha vida com risadas, música e esperança. Em especial, à Clarissa, que segurou minha mão nos momentos mais difíceis; à Clélia e ao Líbero, pelo abraço carinhoso durante a pandemia, e à Paula Gama, parceira nas causas indígenas e em tantas outras empreitadas.

Ao amigo Maurício Fonseca, que conheci por meio dos Guarani, por sua preciosa companhia, por me apresentar as aldeias do litoral e tantas histórias valiosas. Agradeço ao pessoal do *Nhanhoty*, em especial ao Lucas, que me convidou pela primeira vez para participar das atividades de horta com as crianças Guarani.

À professora Marta Rosa Amoroso, por ter me apresentado à Antropologia Social e por sua generosidade.

Aos pesquisadores do NEP e em especial à Clara pelas ótimas trocas. Agradeço à Franciele, por me mostrar o CIEJA e o trabalho maravilhoso que fazem em Perus.

Aos antropólogos que tive a sorte de conhecer durante a pesquisa, em especial à Adriana Queiroz Testa e ao Fabio Nogueira da Silva. Agradeço à Maria Inês Ladeira, pelas imagens cedidas, e ao pessoal do Centro de Trabalho Indigenista, o CTI.

Sou muito grata também à Priscila e à Fernanda, que foram verdadeiras irmãs nesse meu caminho.

Aos meus alunos da Escola da Cidade e, em especial, à Laura Pappalardo e à Sabrina Montessanti, pelos mapas produzidos. Aos alunos e ex-alunos que aceitaram participar do projeto da Casa de Cultura Guarani: Beatrice, Bianca, Isabela e Giulio, pela parceria, dedicação e entrega.

Sou muito grata a todas as pessoas que estiveram comigo nesse período, mesmo as que estiveram apenas no coração e que contribuiram, de alguma forma, para que esse trabalho se realizasse.

Aguyjevete!

RESUMO

Este trabalho de pesquisa apresenta os Guarani-Mbya que vivem no Jaraguá, São Paulo - SP e suas múltiplas paisagens. A resignificação do mundo Guarani se dá por meio de suas práticas espirituais, vida comunitária e sua interação com a natureza. Portanto, este trabalho descreve o viver em *Tekoa* (aldeia), suas espacialidades e perspectivas em relação à sociedade dominante. Alguns de seus principais desafios, enquanto povo, estão em preservar seus direitos e território. Dessa forma, a manutenção de sua terra, suas relações com o meio ambiente e os saberes orais das mitologias são fundamentais para sua cultura. Este trabalho apresenta alguns desses aspectos e sutilezas, em justaposição às dificuldades apresentadas pelas circunstâncias da Terra Indígena do Jaraguá. Portanto, por meio de um estudo interdisciplinar, busca-se compreender como os Guarani entendem seu mundo, movem-se por ele, interagem e criam espaços e narrativas de resistência.

Palavras-Chave: Guarani, Paisagens, Território, *Tekoa*, Espiritualidade, Resistência

ABSTRACT

This research work presents the Guarani-Mbya who live in Jaraguá, São Paulo - SP and their multiple landscapes. The reframing of the Guarani world happens by their spiritual practices, community life and its interaction with nature. Therefore, this work describes living in *Tekoa* (village), its spatialities and perspectives towards the dominant society. Some of their main challenges as a people are to preserve their rights and territory. In this way, maintaining their land, relations with the environment and the oral knowledge from mythologies are fundamental to their culture. This work shows some of these aspects and subtleties in juxtaposition to the difficulties presented by the circumstances of the Indigenous Land of Jaraguá. Therefore, through an interdisciplinary study, we seek to understand how the Guarani understand their world, move around it, interact and create spaces and narratives of resistance.

Keywords: Guarani, Landscapes, Territory, *Tekoa*, Spirituality, Resistance

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 13

O entorno da Terra Indígena do Jaraguá – uma síntese	14
Procedimentos Metodológicos.....	19
Eixo Teórico da Pesquisa	20
Eixo experiencial	30
Estrutura da Dissertação.....	32

CAPÍTULO 1 - O *Tekoa* Guarani: um panorama sobre os principais conceitos 35

1.1. O <i>Tekoa</i> como aldeia e núcleo familiar ou conjunto de núcleos familiares	35
1.2. Escolha do local - espacialidades	37
1.3. <i>Yvy Rupa</i> : O Leito Terrestre.....	43
1.4. Mobilidade Guarani	47
1.5. Reflexões sobre a relação com a terra	52

CAPÍTULO 2 - A Terra Indígena do Jaraguá e o *Nhanderekó* 56

2.1. Os Guarani no Território do Jaraguá	56
2.2. Chegada documentada dos Guarani no Jaraguá.....	64
2.3. O Cotidiano no <i>Tekoa Ytu</i> , a formação de outros <i>Tekoa</i> e seu sedentarismo 68	
2.4. Parceria entre os <i>Tekoa</i> e reflexões sobre mobilidade Guarani	70
2.5. Subsistência e a agricultura como prática educativa e ritualística	72
2.6. Descrição de rituais.....	74

CAPÍTULO 3 - *Tekoa Ytu*: educação, saúde e moradia 84

3.1. Diferenças entre educação e escolarização Guarani.....	84
3.2. UBS dentro do <i>Tekoa Ytu</i> e a cura de doenças como caminho para aprendizagem 94	
3.3. Contradições, vivências interculturais e infraestrutura.....	97

3.4.	Mudanças e adensamento nas espacialidades do <i>Tekoa Ytu</i>	104
CAPÍTULO 4 - Passos Guarani em direção às retomadas pelo território e o Tekoa Yvy Porã		109
4.1.	A Terra Indígena do Jaraguá: um recorte sobre seu contexto	109
4.2.	Mudanças na paisagem: empreendimentos imobiliários	116
4.3.	Outros empreendimentos imobiliários na região.....	128
4.4.	Visões Guarani sobre seu espaço e projeções futuras	131
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		143
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS		149

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1: Pico do Jaraguá - vegetação e vista pela Rodovia dos Bandeirantes	16
Figura 2: Sobreposição da Terra Indígena ao Parque do Jaraguá.....	17
Figura 3: <i>A colheita do trigo</i> , Pieter Bruegel, o velho, 1565. Óleo sobre madeira	23
Figura 4: Entrada da Aldeia Boa Vista, Ubatuba	38
Figura 5: O Opy desenhado por uma criança Guarani como centro de um Tekoa , Vale do Ribeira, 2000	40
Figura 6: Fases da Lua, os dois tempos – Ara Pyau e Ara Yama – e os ciclos para atividades no Tekoa.....	48
Figura 7: Presença de Aldeias Indígenas nas regiões Sul-Sudeste do Brasil	58
Figura 8: Terra Indígena do Jaraguá	60
Figura 9: Os seis Tekoa Guarani no Jaraguá.....	64
Figura 10: <i>Tekoa Ytu</i> - Rua comendador Jose de Matos e terreno acima, onde hoje fica o Tekoa Pyau	66
Figura 11: Terreno do <i>Tekoa Ytu</i> , anos 1980. O Ribeirão das Lavras aparece pelos canos aparentes.....	69
Figura 12: Grupo de plantio Nhanhoty no Tekoa Itakupé	74
Figura 13: Maços de mate secando durante a cerimônia do Mate.....	79
Figura 14: Mulheres Guarani batendo o mate e tomando chimarrão durante a cerimônia do mate	80
Figura 15: Visão externa - Escola Estadual <i>Djekape Amba Arandu</i>	86
Figura 16: Cartaz artista urbano Xadalu Tupã Jekupe.....	93

Figura 17: A UBS Jaraguá – <i>Kwaray Djekupe</i> praça de convívio	96
Figura 18: A UBS Jaraguá – <i>Kwaray Djekupe</i> , campanha “Novembro azul”, clima descontraído	97
Figura 19: Antiga casa de Dona Jandira e do Sr. Joaquim, 2019.	99
Figura 20: Casas e acessos entre elas <i>Tekoa Ytu</i> - 2019	99
Figura 21: Qualidade da água do Ribeirão das Lavras	101
Figura 22: Projetos do CDHU em São Paulo e população na em 2001	103
Figura 23: Primeira casa do casal Jandira e Joaquim. Foto do início de 1980.....	104
Figura 24: Croqui do <i>Tekoa Ytu</i>	105
Figura 25: Planta atual <i>Tekoa Ytu</i>	106
Figura 26: Caminhos entre as casas do <i>Tekoa Ytu</i> , 2020	107
Figura 27: Visão da rua para dentro do <i>Tekoa Pyau</i>	111
Figura 28: Entrada <i>Tekoa Itavera</i> vista da rua	111
Figura 29: <i>Tekoa Pyau</i> vista da rua	112
Figura 30: Uso e ocupação do solo predominantemente residencial e horizontal no Jaraguá	116
Figura 31: Rodoanel e mudanças na região entre os anos 2000 e 2020.....	117
Figura 32: Localização do empreendimento em relação à TI, área de mata desmatada pela construtora	118
Figura 33: Propaganda de condomínios na reserva Jaraguá-Carinás	119
Figura 34: Ocupação <i>Yary Ty</i> pelos Guarani, cartaz em luto pelas árvores derrubadas	120
Figura 35: Ocupação Guarani em terreno da construtora Tenda/entrevistas com lideranças	120

Figura 36: Ocupação <i>Yary TY</i> em terreno da construtora Tenda imagem drone.....	121
Figura 37: Dia 10 de março de 2020 - Discurso de liderança durante a reintegração de posse	121
Figura 38: Corte de árvores de grande porte e nativas terreno da Construtora Tenda.....	123
Figura 39: Corredores ecológicos	126
Figura 40: Estudo Prévio de Viabilidade Ambiental	129
Figura 41: Mapa marcando a TI Jaraguá e as retomadas	134
Figura 42: Casa de Reza, <i>Opy. Tekoa Yvy Porã</i> : construção em pau a pique.....	138
Figura 43: Residência em pau a pique <i>Tekoa Yvy Porã</i> (2020)	138
Figura 44: Caminhos <i>Yvy Porã</i>	139
Figura 45: Folheto digital “Mandato Coletivo Jaraguá é Guarani”	141
Figura 46: Fala da conhecida <i>Jerá</i> Guarani para a campanha do Mandato Coletivo Jaraguá é Guarani.....	142
Figura 47: Imagem ritual <i>Nhemongarai</i> do batismo erva mate.....	145

INTRODUÇÃO

Este trabalho de pesquisa apresenta o modo de vida do povo *Guarani-Mbya*¹, residente na Terra Indígena do Jaraguá, noroeste de São Paulo - SP, e suas relações com a construção e manutenção de múltiplas paisagens de resistência. Este estudo busca descrever, assim, tanto um recorte sobre desafios, quanto as sutilezas descritas pela cultura Guarani por meio da vida comunitária do *Tekoa*² (aldeia). O contexto do *Tekoa*, ora se manifesta em adversidades explícitas perante deficiências em infraestrutura básica e moradia, ora por meio de sua religiosidade e cosmogonia, tão constantes em seu cotidiano. Essa dissertação descreve lutas e conquistas presentes no território por meio da vida Guarani em comunidade e, mais especificamente, pela aproximação com o *Tekoa Ytu* e o recém-construído *Tekoa Yvy Porã*, duas das seis³ aldeias que compõem a Terra Indígena do Jaraguá. O convívio com esse povo ao longo de mais de dois anos possibilitou uma observação participante que, com o apoio de estudos etnográficos da antropologia social e o suporte teórico sobre paisagem, formaram as bases metodológicas desta pesquisa.

Assim, mostrando os valores e perspectivas, que se manifestam por meio da paisagem concreta, o trabalho faz um estudo sobre os fundamentos que revelam tanto a força desse povo, quanto enfrentamentos perante injustiças e contradições a ele impostas. Este estudo se viabilizou por meio de teorias antropológicas, pesquisas etnográficas e experiências em campo, que gradativamente conduziram o olhar para as características mais sutis dos Guarani. Dissociar a experiência e o convívio com os Guarani das descrições seria perder parte da alma deste trabalho. Portanto, a partir do vínculo crescente com o povo do *Tekoa Ytu* (núcleo familiar mais antigo dos seis que compõem a TI Jaraguá), a pesquisa foi desenvolvida, tendo por objetivo descrever o modo de vida Guarani no Jaraguá a partir da sua relação com as dinâmicas da vida em aldeia (*Tekoa*)⁴ e sua participação na criação de paisagens de resistência.

¹Há três troncos principais Guarani no Brasil: *Guarani-Mbya*, *Guarani-Nhandeva* e *Guarani-Kaiowá*. Salvo quando houver indicações, sempre que esta dissertação usar o termo ‘Guarani’ será para descrever os *Guarani-Mbya*, que são maioria nas aldeias do Rio de Janeiro e de São Paulo, em especial no Jaraguá.

² O conceito de *Tekoa* será abordado no primeiro capítulo desta dissertação.

³ Esses seis *Tekoa* serão descritos ao longo desta dissertação.

⁴ O conceito de ‘*Tekoa*’ e alguns dos seus múltiplos significados serão explicados ao longo desta dissertação.

A maneira pela qual o povo Guarani carrega sua cultura e princípios se expressa pela sua profunda relação com o meio natural e uns com os outros. Em meio aos desafios produzidos pela constante e acelerada aproximação da cidade em direção ao território Guarani, surgem diversas lutas para manter seus direitos, adquiridos por meio da Constituição Federal de 1988.

O trabalho em campo junto aos Guarani teve início a partir do desenvolvimento de projetos e parcerias ainda em curso. O primeiro contato regular com os Guarani foi iniciado no começo de 2018, no contexto do Projeto *Nhanhoty*⁵ que consiste em práticas de horta com as crianças Guarani do *Tekoa Ytu*. Essas atividades, que ocorrem quinzenalmente, fazem parte do currículo da Escola Estadual *Djkupe Amba Arandy*, que é diferenciada e indígena⁶. A relação com os Guarani do Jaraguá também se construiu por meio do projeto da Casa de Cultura Guarani⁷. Assim, inicialmente por meio desses projetos, o convívio natural e gradativo aproximou o olhar para os Guarani, facilitando as experiências em campo e as observações sobre seu viver e sua relação com o *Tekoa* e com a paisagem.

O entorno da Terra Indígena do Jaraguá – uma síntese

As grandes e bruscas transformações da região do Jaraguá, principalmente no que diz respeito aos acessos viários desde 1970, tais como a construção da Rodovia dos Bandeirantes, em 1974, e asfaltamento da Rua Comendador José de Matos, antes um pequeno caminho de terra, impactaram irreversivelmente a vidas dos moradores da região. Essas mudanças alteraram a vida dos indígenas, que usavam a área do entorno livremente para suas práticas culturais agrícolas e de manutenção do *Nhanderekó* (modo de vida Guarani). As áreas abertas passaram a ser cercadas por lotes privados, restringindo o acesso aos moradores Guarani.

⁵ De acordo com os Guarani do *Tekoa Ytu*, '*Nhanhoty*' significa "fazer plantar".

⁶ A educação diferenciada indígena será abordada no terceiro capítulo desta dissertação.

⁷ Por meio das conversas com os Guarani e o contato quinzenal para trabalho na horta, surgiu a proposta de realização do Projeto Casa de Cultura Guarani. Assim, a partir de contatos com o CTI, também desenvolvidos por meio do trabalho em campo, e com a Escola da Cidade, foi possível estabelecer uma parceria para desenvolvimento do projeto. Para isso, criou-se um grupo composto por alunos, professores da Escola da Cidade, CTI e lideranças Guarani. Este projeto (que ainda está em desenvolvimento) teve início em maio de 2019. Duas Casas de Cultura foram projetadas: a primeira no *Tekoa Ytu* (que não será construída por incompatibilidade do solo) e a segunda no *Tekoa Yvy Porã*, que está em processo de desenvolvimento junto aos Guarani do *Tekoa Yvy Porã*. A construção tem início previsto para 2021.

No início dos anos 1980 houve um aumento da ocupação urbana do Jaraguá próxima à via ferroviária e surgiram muitas indústrias e galpões de armazenamento que seguiam o eixo Lapa-Jaraguá. O Jaraguá teve uma expansão de sua área de ocupação, ocasionada por três focos principais: 1) presença da antiga Ferrovia São Paulo Railway (1891-1975), que, após 1994, recebeu o nome de Companhia Paulista de Trens Metropolitanos; 2) o fácil acesso, possibilitado pela Rodovia Anhanguera, inaugurada na década de 1940, e, finalmente, 3) pela ocupação resultante da expansão do Distrito de Pirituba. Portanto, a paisagem rural do Jaraguá foi sofrendo transformações, em grande parte impulsionadas pela presença de muitos acessos ferroviários e rodoviários (PEREIRA, 2015).

Esses fatores caracterizam esse trecho da região do Jaraguá, que está em constantes mudanças e aceleração do crescimento urbano. O Jaraguá sempre esteve (e ainda está) na rota de transportes do país; é um lugar dinâmico e borbulhante e sofre com desmatamento do pouco de mata nativa que restou, resultado de empreendimentos imobiliários de grande escala. Nos últimos anos, após as mudanças do plano diretor de 2016, a região sofre aquecimento do mercado imobiliário, que lança sobretudo loteamentos residenciais de baixa renda⁸ na região. De acordo com os dados da subprefeitura de Pirituba/Jaraguá, a população da região é, em sua maioria, composta por pessoas de baixa renda e que sofrem de extrema vulnerabilidade social⁹. A região é, assim, caracterizada por brusca urbanização sem planejamento adequado.

O distrito do Jaraguá ocupa uma área de 54,7km², com acessos a grandes eixos metropolitanos de transporte: Rodovia Anhanguera e dos Bandeirantes, Linha 7 Rubi da CPTM e Av. Raimundo Pereira Magalhães. As drásticas mudanças de perfil da região correspondem

⁸ Esse tema será abordado no quarto capítulo desta dissertação.

⁹ O termo “vulnerabilidade social” não está apenas relacionado à pobreza no sentido econômico. Há muitos estudos que explicam a multiplicidade deste conceito (Vide: MONTEIRO, 2011. *O marco conceitual da Vulnerabilidade Social*). A vulnerabilidade é compreendida a partir da exposição a riscos de diferentes naturezas, sejam eles econômicos, culturais ou sociais, que colocam diferentes desafios para seu enfrentamento (VIGNOLI, 2001; CAMARANO; et al., 2004). Carolina Mozer juntamente com um grupo do Banco Mundial, por meio de pesquisa de estratégias de redução da pobreza urbana (1998) pressupõe a eliminação do risco e substituição da vulnerabilidade, por força ou por resistência. Outro aspecto importante na concepção de ‘vulnerabilidade social’ é que ela se constitui como um produto negativo da relação entre recursos simbólicos e materiais de indivíduos ou grupos e o acesso a oportunidades. A partir dessa definição, a compreensão de ‘vulnerabilidade social’ requer uma articulação de pressupostos objetivos e subjetivos como condicionantes. (VIGNOLLI, 2001; FIGUEIRA, 2001; ABRAMOWAY, 2002). Não é objetivo desta dissertação ampliar as reflexões sobre esse conceito, mas demonstrar sua complexidade e, portanto, dificuldade em combatê-la.

não apenas ao aumento de vias e acessos, aumentando o interesse do mercado imobiliário (que será tratado no quarto capítulo desta dissertação), mas, principalmente, ao uso predominante da região, que ainda é residencial e horizontal, caracterizado por favelas em área de risco (instaladas sobre córregos ou áreas de grande declínio; áreas que necessitam de investimentos em infraestrutura urbana), além de áreas e equipamentos públicos para lazer descompressão.

Figura 1: Pico do Jaraguá - vegetação e vista pela Rodovia dos Bandeirantes



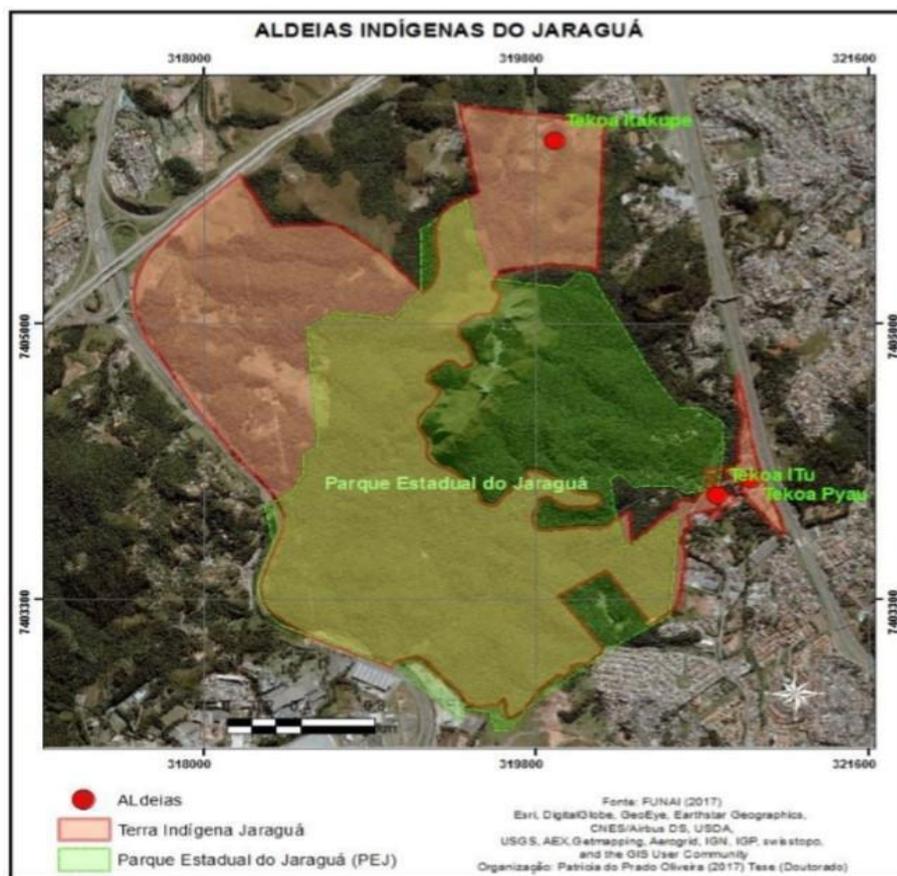
Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019

Para obter um panorama sobre a região onde está a Terra Indígena do Jaraguá é preciso compreender partes de seu território. Um dos aspectos fundamentais da TI Jaraguá é que uma grande parte de sua área está sobreposta ao Parque Estadual do Jaraguá-PDE (figura 2). A região estudada corresponde também à **Macroárea de Preservação dos Ecossistemas Naturais** e a **Macroárea de Redução de Vulnerabilidade e Recuperação Ambiental**. De acordo com o Plano Diretor Estratégico (PDE) de 2014¹⁰, a região é reconhecida como um

¹⁰ Plano Diretor do Município de Estado de São Paulo. Lei n 16.050, de 31 de julho de 2014. Publicada no Diário Oficial da Cidade de São Paulo, sexta feira dia 1 de agosto de 2014. Disponível em: <www.gestaourbana.prefeitura.sp.gov.br>. Acesso fevereiro de 2020.

território de preservação ambiental da fauna e flora e deveria observar a contenção da expansão urbana. Como estudado pelo Território de Interesse da Cultura e da Paisagem (TICP), a situação local engloba tanto a questão da preservação de sua vegetação como de valores culturais importantes para a cidade.

Figura 2: Sobreposição da Terra Indígena ao Parque do Jaraguá



Fonte: OBIN (Observatório dos direitos e políticas indigenistas)

Este estudo acerca das expressões culturais Guarani¹¹ nos espaços da Terra Indígena do Jaraguá está diretamente relacionado ao entorno e às experiências paisagísticas a elas relacionadas; por isso, requer a aproximação aos modos como estes espaços são vivenciados

¹¹ Expressões culturais observadas estão relacionadas ao entorno como, por exemplo, no processo de escolha do local do *opy* (casa de rezas), que muitas vezes envolve não apenas a orientação do xamã em contato com divindades, mas também o cuidado com a discrição em relação aos não indígenas da região.

coletivamente. Portanto, contextualizar a localização da TI Jaraguá é importante para a compreensão das retomadas dos Guarani de seu território e, principalmente, a constante ressignificação de seu modo de vida por meio das espacialidades do *Tekoa*. Nesse sentido, o estudo de inventário histórico auxiliou no contato direto com as situações cotidianas nas quais os Guarani interagem entre si e com os não-indígenas, o que constitui parte importante dos procedimentos em campo.

Além disso, tanto a Teoria da Paisagem, proposta pelo NEP (Núcleo de Estudos da Paisagem)¹², quanto os estudos etnográficos da bibliografia apresentada entendem o trabalho de campo como fundamental para o entendimento dos Guarani e da Paisagem. Os trabalhos de autores que já eram discutidos no NEP, como Philippe Descola (2013 e 2016), Tim Ingold (2002, 2011, 2013), Eduardo Viveiro de Castro (1987 e 2017), Augustin Berque (2012) e Jean-Marc Besse (2006, 2014) fortaleceram o embasamento teórico da pesquisa. Conceitos vindos da Antropologia a respeito da oposição entre *Natureza* e *Sociedade* e as discussões sobre os modos de “habitar a terra”, noção de Martin Heidegger¹³ apreendida por Ingold (2011), somadas a questões formuladas por etnografias acerca dos povos indígenas, como, em especial as de Maria Inês Ladeira (2001, 2008, 2014, 2016) e Adriana Queiroz Testa (2014) foram bases importantes para a familiarização com os olhares antropológicos ao lidar com questões interculturais, não só em teoria, mas também em campo.

Um dos principais aspectos sobre o entendimento de Paisagem para os Guarani está no próprio fazer ao criar e vivenciar o ambiente e, portanto, na interpretação de sua memória cultural. Segundo a fala de Maria Inês Ladeira, no Seminário Internacional Etnologia Guarani, “ao ser indagado sobre ‘como era antigamente a paisagem do lugar’ [...] o interlocutor Guarani diz: ‘antigamente, nós plantávamos, nós caçávamos [...]’ (LADEIRA, 2016). Essa fala mostra

¹² O Núcleo de Estudos da Paisagem era um núcleo de pesquisa vinculado à FAU-USP e coordenado pelo Professor Euler Sandeville Jr. Hoje, após o professor se aposentar, o grupo de pesquisa passou a integrar o Instituto da Paisagem.

¹³ Conceitos procedentes da Fenomenologia que contribuíram na formulação por Ingold de definições em Ecologia. “Martin Heidegger’s famous essay *Building Dwelling Thinking*, are unavoidable (Heidegger 1971). The question, which is really the central question of this collection, is whether it is possible to reconcile a dwelling perspective with a recognition that human lives are lived collectively within fields of power. If dwelling implies an openness to the world, how can it accommodate struggle, defeat and closure?”. INGOLD, T. Epilogue: Towards a Politics of Dwelling. *Conservation & Society*, v. 3, n. 2, p. 501-508, Jul.Dec. 2005: Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/26396589>>. Acesso em 28 março de 2020.

claramente que a apreensão de paisagem para os Guarani está relacionada ao seu fazer, sendo, portanto, uma maneira ativa de se relacionar com o seu ambiente. Nesse seminário, Ladeira faz uma síntese sobre o conceito de “paisagem”¹⁴, uma vez que não se trata de um “termo universal”, mas “polissêmico” e associado a “descrições dos ambientes” (LADEIRA, 2016). Ela explica o que são essas *memórias paisagísticas* que constroem os ambientes Guarani. A pesquisa verifica essas concepções por meio das descrições postas nos capítulos a seguir.

Se passarmos a compreender as tramas que formam a natureza-cultura que fundamenta nossa experiência humana e terrena, a paisagem também pode deixar de representar o distante que é apreendido pelo olhar, e passar a ser o onde somos-estamos, o que habitamos e habita em nós, o que construímos e que nos constrói, o que experienciamos com o nosso corpo e nossas concepções. E assim, exaltar seu potencial ativo e transformador, inerente à própria relação entre a humanidade e a paisagem. (MARIA, 2016 *apud* LADEIRA, 2016)

Aprender a observar a construção do território Guarani possibilita compreender os Guarani e a paisagem criada por eles. Como explica Ladeira, não há a separação cartesiana entre ambiente natural e eles próprios; o que se encontra é uma continuidade entre o corpo e o que ele vivencia: a lida com a terra, o transitar por ela e, portanto, o ver a terra. Nesse sentido, o ambiente e sua apreensão estão entrelaçados. A partir dessa reflexão, trazida por Ladeira, que aproxima as pessoas e a paisagem, “o que construímos e o que nos constrói”, o trabalho buscou responder as seguintes questões: como o povo Guarani do Jaraguá compõe a paisagem e vivencia o *Nhanderekó* (modo de vida Guarani) inseridos no contexto do *Tekoa*? Como se apresenta essa paisagem, que é construída a partir de memórias coletivas de antepassados e que eles próprios não viveram? Como se dá a resistência Guarani no contexto urbano do Jaraguá?

Procedimentos Metodológicos

Para responder a essas questões, o trabalho dispõe de procedimentos metodológicos divididos em dois eixos principais: teórico e empírico, que são as bases dos capítulos apresentados a seguir. 1) O eixo teórico corresponde à análise das expressões culturais Guarani

¹⁴ Ela relembra que o “termo francês *paysage* deriva de *pays* que se refere às regiões ocupadas por populações humanas” (LADEIRA, 2016).

no que diz respeito ao *Tekoa* e ao *Nhanderekó* e o reconhecimento de paisagens específicas; 2) o eixo empírico (ou experiencial) pressupõe a identificação, mediante inventário realizado em campo, das experiências associadas à realidade sensível das práticas coletivas nos espaços do *Tekoa*. A partir dos resultados e do cruzamento desses dois eixos foi possível ampliar o reconhecimento de paisagens no desvelar dos modos de vida Guarani.

No que tange ao eixo teórico, foram realizados levantamento e revisão da bibliografia referente aos estudos sobre paisagem, que serão melhor apresentados ao longo desta dissertação. Para este inventário, foram adotados os seguintes procedimentos: investigação dos conceitos relacionados à paisagem nos trabalhos de diferentes autores, em sua dimensão existencial e cultural; estudo acerca da experiência da paisagem e sua ocorrência nos espaços do *Tekoa*; análise e reconstituição da evolução morfológica do *Tekoa Ytu* e do recém-criado *Tekoa Yvy Porã*, por meio da produção acadêmica e de narrativas dos Guarani.

Eixo Teórico da Pesquisa

A Teoria da Paisagem, adotada pelo NEP, é central para a pesquisa, tanto no que se refere à abordagem e interpretação do território, quanto à experiência em campo, que, para o NEP, são indissociáveis. Portanto, no que se refere aos estudos teóricos de paisagem, compreende-se esse termo enquanto experiência partilhada e produção social, conforme proposto por Sandeville Jr. (2011), que entende a aproximação do outro como fundamental para se reconhecer e valorizar o campo dos afetos, das subjetividades e das identidades múltiplas na construção do espaço e suas manifestações enquanto campo social. Nesse sentido, aprofundar o olhar sobre o outro requer aproximações e cuidados, intencionalmente tomados pelos processos metodológicos e teóricos apresentados ao longo deste trabalho.

Quanto à paisagem concreta, dotada de significados, o povo Guarani do Jaraguá expressa seus saberes culturais, fundamentais para a ressignificação de suas tradições¹⁵, por meio da

¹⁵ A reflexão sobre a palavra “tradição” onde o território está “tradicionalmente ocupado” é de fundamental importância, pois confronta concepções preconceituosas e erradas sobre a validade dos direitos constitucionais Guarani sobre seu território. Como diz Ladeira: “o tradicional não está condicionado ao “tempo de ocupação, mas no “modo” de ocupação” algo que requer o entendimento de seus próprios repertórios “concepções e sistemas” (LADEIRA, 2016). Nesse sentido, os estudos de Adriana Queiroz Testa (2014) sobre tradição, mostrando que tradição não é “um inventário estável de significados e práticas”, mas algo vivo que está sujeito a mudanças e

memória¹⁶ expressa nos espaços por eles habitados e construídos. A maneira pela qual esse povo valoriza e constrói seu território e enfrenta difíceis contrastes culturais se apresenta mais fortemente ao reconhecerem e reafirmarem elementos importantes da sua identidade, principalmente por meio da religiosidade.

Muitos são os desafios enfrentados pelo povo Guarani no Jaraguá perante constantes injustiças, preconceitos, falta de infraestrutura adequada, entre outros problemas. Apesar disso, há traços marcantes de sua cultura e mitologia em seu cotidiano e na coletividade de suas ações. Este trabalho descreve esses traços, que se contrastam e se complementam. O reconhecimento da permanência Guarani como povo e sua vida em comunidade, pode, assim, ser um convite a conhecer valores outros, que promovem o respeito à diversidade, à cultura e à história deste território. A paisagem da Terra Indígena do Jaraguá é, assim, um território de resistência cultural. Os Guarani criam seu ambiente por meio do reconhecimento de sua cultura, criando novas paisagens – possíveis, sensíveis, afetivas e, ao mesmo, tempo concretas.

As reflexões sobre o conceito de paisagem e sua construção por meio de subjetividades encontram suporte na síntese de alguns principais conceitos teóricos, como propostos por concepções contemporâneas. Augustin Berque (2012) e Jean-Marc Besse (2006) pensam a paisagem como representação cultural a partir do processo interior e cognitivo de percepção da vida. Assim, *paisagem* seria uma espécie de grade mental, jamais existindo por si só, mas como um instrumento para as apropriações humanas. As paisagens formam-se, assim, como representações de mensagens internas. Essa perspectiva revela um reflexo de sua interioridade e aspirações. Sua representação, tanto por meio das práticas com o solo, como pelas demonstradas no papel, revelam a cultura e as categorias morais e estéticas da expressão humana, individuais ou coletivas.

atualizações, possibilitou o aprofundamento na compreensão desta reflexão. Complementando esses estudos, o trabalho e a proximidade aos Guarani, com mais de dois anos de convivência regular, possibilitou verificar em campo que se trata de um povo que apresenta uma multiplicidade de visões.

¹⁶ A “memória paisagística” (LADEIRA 2016) é o que define como os Guarani constituem seu ambiente e está diretamente relacionada às histórias passadas por seus ancestrais sobre lugares que eles mesmos não chegaram a conhecer, mas conseguem descrever os cheiros, as cores, as texturas do relevo e as práticas com a terra nesses locais. Essa reflexão será aprofundada ao longo da dissertação.

A paisagem nos fala dos homens, dos seus olhares e dos seus valores e não do mundo exterior propriamente dito. Não haveria, na realidade, senão paisagens interiores, mesmo que esta interioridade se traduza e se inscreva — no exterior, no mundo. (BESSE, 2014, p. 13)

Besse (2014, p. 15) retrata a paisagem como “representação social” em que a cultura explicita valores econômicos, religiosos, filosóficos, políticos, científicos e técnicos, tanto no campo coletivo como individual. A paisagem estaria, portanto, no campo da memória, expressando informações sobre uma determinada cultura, suas representações sobre a experiência do contato com a natureza e a formação de identidades e estereótipos regionais que ora se complementam, ora se contrastam, autoinstruindo-se e autocriando-se.

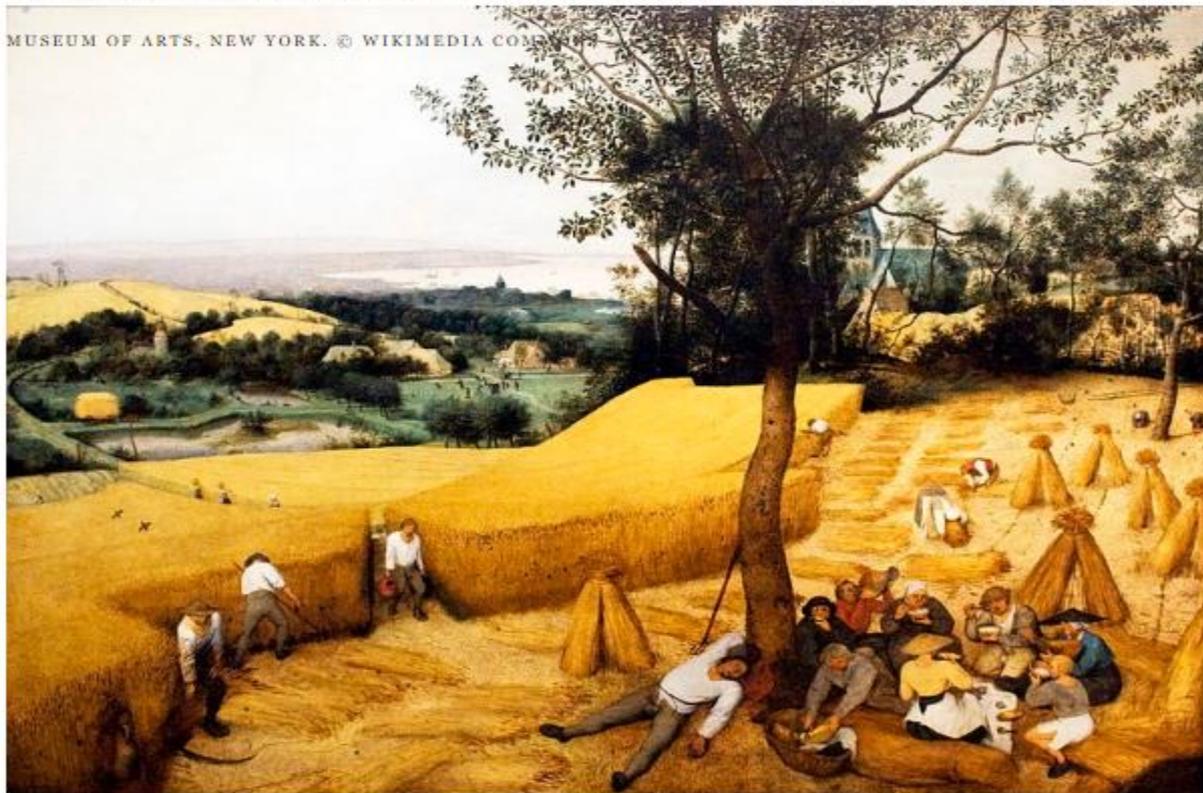
A montanha suíça, a floresta alemã, a planície húngara, a *lande* escandinava ou o campo romano, seja na forma de representações pictóricas ou literárias [...] (foram desenvolvidos) para dar conta dos múltiplos modos pelos quais as representações paisagísticas foram integradas à produção de imaginários. (BESSE, 2014, p. 17)

Descrições como “montanha suíça, floresta alemã...” fornecem imagens construídas pelo consciente coletivo ocidental. Normalmente, a maior parte das pessoas com Ensino Médio completo, mesmo nunca tendo estado nesses lugares, tem uma imagem do que essas paisagens são – “A paisagem é um território produzido e habitado” (BESSE, 2014, p. 20). Com essa afirmação, o autor define “paisagem” como um produto fabricado pelas sociedades humanas, para que elas mesmas possam encontrar o que está em seu interior, com motivações que são, ao mesmo tempo, econômicas, políticas, culturais e religiosas. O autor argumenta ainda que “paisagem” é também um produto, econômico e social – e não necessariamente artístico.

Nesse sentido, surgem valores paisagísticos que não são de ordem estética, mas que demonstram a soma das experiências, dos costumes e das práticas realizadas pelo grupo humano que as desenvolveu. (BESSE, 2014, p. 20). Um exemplo são as práticas de agricultura que esculpem a terra com objetivos econômicos (figura 1).

Figura 3: A colheita do trigo, Pieter Bruegel, o velho, 1565. Óleo sobre madeira

A COLHEITA DO TRIGO, PIETER BRUEGEL, O VELHO, 1565, ÓLEO SOBRE TELA, 119CM X 162CM, METROPOLITAN



Fonte: Metropolitan Museum of Art, Nova York¹⁷.

Besse (2014) faz referência a John Brinckerhoff Jackson (1909-1996), fundador da revista *Landscape* (1951) e professor das Universidades de Harvard e Berkeley, nos Estados Unidos. Suas ideias deram origem à *Teoria Jacksoniana da Paisagem*, que relaciona a geografia humana às ciências sociais ao defender que “a paisagem é um espaço organizado e obra coletiva das sociedades que transformam o substrato natural” (BESSE, 2014, p. 21). Jackson discorre sobre a vernaculidade do espaço, das relações sociais e afetivas com a terra, algo que vai muito além da estética, e propõe uma maneira de ver o mundo de forma objetiva, que, em última instância, reconhece que o homem produz tanto sua paisagem, quanto sua interpretação.

¹⁷ Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pieter_Bruegel_the_Elder-The_Corn_Harvest_\(August\).JPG](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Pieter_Bruegel_the_Elder-The_Corn_Harvest_(August).JPG)>. Acesso em setembro de 2020.

Nesse percurso teórico, dois outros pensadores foram de grande importância para as análises sobre a paisagem: Tim Ingold (2002, 2011, 2013, 2019) e Philippe Descola (2013, 2015). Ambos aproximam o conceito de paisagem dos seres humanos e estreitam a noção de percepção do meio pelo homem como produto da cultura ocidental. Em justaposição, tratam das nações não-ocidentais; é a partir dessa elaboração, de como se conceitua o ambiente, levando em consideração o posicionamento materialista/capitalista/mercantilista do Ocidente, que se interpretam os elementos como parte da dicotomia natureza/cultura: paisagem/ser-humano se comportam como entidades distintas e separadas.

Ao dividir as reflexões sobre paisagem em duas linhas principais clássicas, Descola, em sua palestra *Landscape as Transfiguration* (2015), propõe ir além de conceitos tradicionais. A primeira linha é nomeada como *extensionist*, (extensionista) e interpreta paisagem como uma representação estética e literal: um quadro bidimensional da terra e de seu horizonte. A segunda linha, a *compreensiva*, foi desenvolvida principalmente na França, entre geógrafos e filósofos, e coloca o ser humano como espectador que absorve o ambiente a sua volta, fora de si e, assim, cognitivamente, o compreende. Descola critica tais noções universalistas e argumenta que seres humanos captam o ambiente de forma subjetiva e emocional, de acordo com suas referências culturais e especificidades momentâneas.

Portanto, como resposta a essas formulações, Descola (2015) sugere um terceiro modo, denominado *transfiguração*, no qual a paisagem é um processo de contínua transformação, sem lugar para imagens constituídas e fixas. Na transfiguração, a paisagem deliberadamente se torna um objeto produto das relações humanas, que percebem sua diversidade e usos múltiplos. É reconhecendo os possíveis empregos da paisagem, quer sejam utilitários, recreativos, religiosos, que os seres humanos têm a oportunidade de testemunhar algo real ou imaginário. Descola argumenta que a *transfiguração* acontece em duas situações: *in situ* e *in viso*. *In situ*, a relação homem/ambiente é direta e o ser humano descreve aquilo que vê diretamente, como um trabalhador ao relatar a roça ao seu redor. A outra, indireta, *in viso*, é expressa em representações da paisagem, usando-se modelos, fotos e pinturas. Em última instância, a paisagem *in viso* pode ser entendida como entidade que instrui e educa o expectador, condicionando suas formas de percepção. Em ambos os casos, a paisagem é um produto externo, palpável, com forma, texturas, profundidades e recortes.

Assim como Descola aproxima a noção de paisagem dos seres humanos e de suas percepções, Ingold também traz luz à definição de paisagem como parte da experiência humana: perceber a paisagem, para o autor, corresponde a um ato de memória, relacionado ao engajamento e à circulação em um ambiente impregnado de passado (BAILÃO, 2016). Sobre essa concepção de paisagem, Ingold aborda os desafios sobre a percepção ocidental do mundo como algo meramente terrestre e traça um percurso para interpretar e atuar sobre a Terra (INGOLD, 2011). Em seguida, o autor sugere entender a paisagem como o resultado do viver e seus modos de sentir, trabalhar, circular, morar, trocar, interagir e lembrar¹⁸.

Nesse texto, Ingold (2011, p.205) constrói o conceito de paisagem começando pela terra, passando por céu e mar, até chegar a dois pontos principais. O primeiro apresenta as experiências sensoriais do mundo-tempo: visão, audição e tato, como fluxos do meio. No segundo ponto, Ingold designa o conceito de fluxos do meio, onde seria impossível corporificar qualquer experiência sensorial dado que o corpo sente não na superfície fixa da paisagem, mas no meio turbilhonado do mundo-tempo. A paisagem que Tim Ingold (2011) descreve, traz luz à importância da experiência fenomenológica como insubstituível ferramenta para a apreensão da realidade. Como apreender algo que está em constante transformação e movimento ao usar palavras para descrever o conhecimento sobre o sensível? Ingold sugere, assim, a junção entre essas duas ferramentas: o vivenciar e o codificar como meio para se afinar a percepção e o entendimento da realidade e suas múltiplas complexidades.

Como explica a geógrafa Yanci Ladeira Maria (2016), as reflexões de Berque (2012) a respeito de relações entre sociedades partem das questões que levam a pensar como um determinado grupo de seres humanos organiza seus espaços e entende seu território. Berque apresenta uma emergência simultânea na ecologia e fenomenologia que surge a partir do século XX introduzindo uma refuta ao pensamento dual e à separação entre seres humanos e seu meio natural. Neste contexto, Berque oferece a visão de ambiente onde há *entidades relacionais complexas*, e coloca no mesmo patamar a corporeidade, os laços sociais e os ambientes

¹⁸ Esse conceito se aproxima muito de como os Guarani entendem a paisagem, algo que é produzido no contexto ativo do fazer, como explica Maria Inês Ladeira.

ecológicos: estabelece-se assim “um conjunto de relações físicas e sociais, psíquicas e biológicas” (BERQUE, 2012, p. 40).

Berque identifica que todos os seres humanos são equipados de aparelho sensorial e que fisiologicamente têm as mesmas capacidades e atributos para perceber o ambiente. Portanto trata-se da maneira pela qual interpreta-se e percebe-se e não uma diferença ou deficiência fisiológicas. Cada cultura tem entendimento e manifesta suas sensibilidades de acordo com critérios e conceitos distintos e, assim, interpretam diferentemente as mesmas situações. Esta dissertação apresenta, por meio da convivência com os Guarani, um dos aspectos fundamentais para a leitura da paisagem, que acontece por meio do tríplice ambiente físico (visto como objeto):

A tríplice separação do sujeito em relação ao mundo — quer se trate de seu ambiente físico (visto como objeto), social (o individualismo separando o sujeito da comunidade) e mesmo de seu corpo (a partir da ciência que separa cada parte como faz com o ambiente). (BERQUE, 2013, p. 39)

As narrativas ecológicas aproximam Besse de Berque, no que diz respeito a uma emergência simultânea na **ecologia** e na **fenomenologia** presentes no século XX e XXI e que estimulam os seres humanos a recusarem o dualismo e a separação entre todos os seres vivos e seu meio. Para aprofundar as discussões sobre a fusão entre seres humanos e seu ambiente, distanciando a noção de que a Terra pode ser considerada como um objeto separado, Berque (2012) inaugura as teorias desenvolvidas no trabalho sobre “trajetividade do ecúmeno”, e depois a noção de “mediança”. Seleccionadas, por meio dos estudos antropológicos abordados, algumas das teorias de Philippe Descola e Tim Ingold também compõem as reflexões sobre a paisagem como entidade relacional e oferecem a perspectiva onde pensam o ambiente como meio para demonstrar a cultura a qual pertence.

Assim sendo, como apontam Descola e Ingold, pensar a paisagem como lugar de relações entre pessoas¹⁹, no qual o ambiente é ressignificado continuamente, proporciona a aproximação entre seres humanos e seu ambiente, natural ou construído. A natureza sempre

¹⁹ Aproximam-se assim do perspectivismo ameríndio, no que tange uma noção mais complexa das “relações” considerando múltiplas subjetividades.

foi um tema central tanto no que diz respeito aos estudos de mitos de tradições nativas ligados a técnicas de subsistência do corpo e do mundo, quanto à ecologia cultural e do campo da ciência ligados a cultura popular. As culturas não-ocidentais e indígenas oferecem modelos alternativos para repensar o conceito de paisagem, mesmo que não tenham essa palavra em seus vocabulários, além das múltiplas atividades em relação com os não humanos. Como diz Maria Inês Ladeira:

“O conceito de *paisagem*, tal como inicialmente construído no ocidente, não condiz com o sentimento dos povos indígenas sobre o ambiente ao qual pertencem e que procuram reproduzir, no caso dos Kaiowa e Guarani, inspirados nos princípios do tekoha, ou *Tekoa*. Não há um distanciamento ou separação entre as naturezas que conformam esse ambiente heterogêneo e cheio de perigos que implica um ordenamento, ainda que temporal e circunstancial, das normas de uso e convivência. Todavia, essas formas de relacionamento e representações dos lugares e ambientes têm novas perspectivas aos estudos sobre paisagem”. (LADEIRA, 2016)

Nesse sentido, como explica Ladeira, pouca atenção foi dada à maneira pela qual culturas não ocidentais vivem a paisagem e seus imbricamentos não convencionais, afinal essas relações se dão em espaços, mesmo quando mitológicos. Como está descrito nesta dissertação, o transitar por esses espaços, sua apreensão e seu "ordenamento" (INÊS LADEIRA, 2016) também representam manifestações de paisagem. Assim, a antropologia simbólica ou o estruturalismo tem usado a oposição cultura/natureza como estrutura analítica para dar sentido aos mitos e rituais, sistemas de classificação, corpo e comida e seus significados e simbolismos.

Para aprofundar o pensamento sobre a fusão entre seres humanos e seu ambiente, distanciando a noção de que a Terra pode ser considerada como um objeto separado do ser humano, Berque inaugura algumas teorias²⁰. Assim, explica que a paisagem é um produto dependente de subjetividades e referências presentes na cultura. Paralelamente, a paisagem sempre requer um suporte objetivo, portanto nunca é um produto imaginário, uma fantasia; representa objetos e existe dependente da interpretação de diferentes sociedades e épocas. "Em suma, a paisagem é uma entidade relativa e dinâmica onde natureza e sociedade, olhar e ambiente estão em constante interação" (BERQUE, 2013, p. 26). Berque enfatiza, entretanto,

²⁰ Como explicado acima, Berque oferece os conceitos de ‘*ecúmeno*’, ‘*médiance*’ e ‘*trajection*’.

a interpretação simbólica e coletiva como ferramentas para descrever a identidade de um certo grupo ou sociedade.

Para Ingold, a paisagem não reflete a natureza no que diz respeito a sua específica e ontológica função. Assim, como critica o autor, seres humanos ocidentais, mental e intencionalmente tentam reconstruir seu ambiente para então se relacionarem com ele. Ingold rejeita esse processo de concepção de natureza como algo externo e separado do homem. Nesse sentido, a natureza é cultural ou simbolicamente construída ao ser representada pela paisagem que, neste caso se estabelece como separação entre mundo interno e externo: “landscape, I hold, is not a picture in the imagination, surveyed by the mind's eye; nor however, is it an alien and formless substrate awaiting the imposition of human order²¹” (2000, p. 191). Desse modo, a paisagem implicaria ver o mundo não como idêntico ao mundo natural, como também não é a racionalização e ordenação de seus espaços, mas está na própria relação entre humanos e a natureza e sua representação como parte dela.

Como será possível observar, por meio desta pesquisa, essas teorias da paisagem se aproximam muito da maneira como os Guranai entendem sua relação com o meio e criam seu *Tekoa* (aldeia). Portanto, é possível traçar um paralelo sobre a maneira como esse povo se enxerga, algo que está diretamente relacionado a sua relação com a natureza e seus múltiplos seres. Esse entendimento, tão fundamental no modo de vida Guarani e concepção de mundo, será demonstrado ao longo dos capítulos em especial no primeiro capítulo que abordará mais especificamente as mitologias e a cultura Guarani por meio do viver em *Tekoa*.

Portanto, buscou-se as bases de entendimento teórico da cultura e do modo de vida Guarani, a partir de leituras antropológicas sobre a paisagem, junto com o estudo etnográfico Guarani, principalmente nos trabalhos dos antropólogos e etnólogos como Curt Nimuendaju (1883–1945), Egon Shaden (1974), Hélène Clastres (1978), Dominique Tilkin Gallois (2018), Maria Inês Ladeira (2001), Adriana Queiroz Testa (2014), Fabio de Oliveira Nogueira da Silva (2008), Lucas Keese dos Santos (2016), Daniel Calazans Pierri (2018), além do Arquiteto Carlos Alberto Zibel da Costa (1989) e a geógrafa, Yanci Ladeira Maria (2016). E como pode-

²¹ “Paisagem, eu sustento, não é um fragmento da imaginação examinada pelo olho da mente; nem, no entanto, é um substrato alienígena e sem forma que aguarda a imposição da ordem humana” (Tradução livre).

se ver, essas teorias Curt Nimuendaju, etnólogo alemão, passou cerca de quarenta anos vivendo entre os indígenas brasileiros, tendo, inclusive, recebido o nome pelo qual é conhecido em cerimônia Guarani, escreveu importantes trabalhos, como *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guarani* (1987), em que retrata o desespero indígena diante dos maus-tratos por parte dos não-indígenas, conforme relata Egon Shaden:

Expressões rudes e duras, nascidas da indignação e da revolta, traduzem o amor que Nimuendajú voltava a seus irmãos da mata e a intransigência com que os defendia das injustiças de toda sorte. Não nos assistiria o direito de duvidar da sinceridade de seu testemunho. Sempre e em toda parte a sua voz se levantou para declarar, alto e bom som, que é crime negar tratamento humano a desprezados e maltrapilhos indígenas, cuja existência não raro se transformou em inferno após a chegada dos portadores da civilização. (SHADEN 2013 [1954])

Egon Shaden (1913-1991), brasileiro, alemão por ascendência, antropólogo, e docente da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), criador da *Revista Antropologia*, é importante referência nos estudos sobre a cultura e língua Tupi-Guarani. Esta dissertação analisa seu trabalho de livre docência, transformado em livro intitulado *Os aspectos fundamentais da cultura Guarani*, publicado em 1954, obra que foi fundamental à pesquisa, pelas observações quanto à configuração cultural Guarani, suas diversas formas de vida e relações com a cultura ocidental. As reflexões, apesar de feitas há mais de 70 anos, servem como base para a compreensão de muitas das características pouco evidentes sobre esse povo. Hélène Clastres, filósofa e etnógrafa francesa, interessada mais especificamente pela espiritualidade Guarani, direcionou seus estudos para o entendimento da relação indígena com o sagrado. Seu livro *Terra sem Mal* (1978) é considerado um clássico na área.

Entre os antropólogos e estudiosos contemporâneos que escrevem e se debruçam sobre os Guarani os mais importantes para esta dissertação estão nos trabalhos da antropóloga Maria Inês Ladeira e sua pesquisa de mais de trinta anos de dedicando-se a estudos sobre os Guarani. Não apenas seus artigos, dissertação de mestrado, tese de doutorado, mas também algumas das imagens usadas neste trabalho se deram por sua doação. A tese de doutorado e mestrado da Antropóloga Adriana Queiroz Testa também foi de grande auxílio nas reflexões e aprofundamentos sobre os Guarani principalmente nas questões em torno do conceito de

“tradição” e fluxos dos Guarani. O Antropólogo Fabio de Oliveira Nogueira da Silva e o arquiteto Carlos Alberto Zibel da Costa, foram de constante alicerce em entender os Guarani no contexto do Jaraguá, não só territorialmente, mas especificamente pensando a cultura Guarani naquele local e suas contradições. Ao longo da dissertação, trarei aspectos fundamentais sobre os estudos de cada um destes autores.

Eixo experiencial

O eixo experiencial trata a dimensão empírica da pesquisa e se embasa nas atividades de reconhecimento, compostas por idas à Terra Indígena do Jaraguá e, com maior frequência, no *Tekoa Ytu*. Portanto, o intuito deste eixo foi registrar a vivência das práticas coletivas Guarani, associadas aos múltiplos espaços e ao *Nhanderekó*. Este eixo, empreendido em diferentes horários e situações, descreve, na prática, como os Guarani vivem sua cultura, quais desafios e injustiças enfrentam e quais são as suas lutas. Além disso, o entendimento de suas mitologias e suas vivências por meio da espiritualidade e relação com o meio natural, também foram importantes nesse processo em campo. Por meio de projetos conjuntos como a idealização da Casa de Cultura Guarani, participação nas atividades de hortas, eventos e cerimônias ao longo de mais de dois anos, propiciou não só um material rico para a pesquisa com os Guarani mas criou afetividades. Registros para o inventário da realidade sensível sobre as práticas tradicionais e a cosmologia Guarani, foram fundamentais para o reconhecimento de sua identidade indígena, suas formas de habitar o espaço e seus significados.

No que se refere à pesquisa empírica, atividades de observação participante foram realizadas principalmente nos seguintes locais e datas: *Tekoa Ytu* (entre abril de 2018 e março de 2020); *Tekoa Pyau* (entre fevereiro 2018 a janeiro de 2019); Aldeia da Boa Vista, em Ubatuba (setembro 2018); *Tekoa Yvy Porã* (entre agosto 2018 e março 2020); *Tekoa Itakupé* (outubro 2018 e agosto 2020) e Aldeia do Rio Silveira, em Bertiooga (Janeiro 2019), Aldeia de São Vicente ou *Tekoa Paranapuã* (Julho 2019) e Aldeia de Parelheiros *Tenondé Porã* (julho 2019 e Outubro 2019). Dentre as idas a campo realizadas na aldeia do Jaraguá, além da participação nas atividades de horta com as crianças de ensino fundamental (*Tekoa Ytu*), houve também o projeto de Casa de Cultura Guarani. Paralelamente, houve a participação em eventos e oficina, que ajudaram a obter entendimento sobre as questões que os Guarani enfrentam e suas lutas pela manutenção de direitos constitucionais.

Alguns fatores principais impulsionam a relação dos Guarani do Jaraguá com a cidade: a proximidade da TI Jaraguá ao centro de São Paulo é, sem dúvida, um grande facilitador da interação com os não-indígenas. Além das demandas geradas por necessidades de diferentes naturezas, que normalmente estão relacionadas ao consumo de produtos não-indígenas, os Guarani do Jaraguá se adaptam, pelo menos em parte, à cultura não-indígena e, cada vez mais, à sociedade como um todo. São muitas as variáveis que impactam e a vida e necessidade destes Guarani.

Estar junto aos Guarani com regularidade construiu vínculos afetivos que sustentaram a dinâmica da pesquisa. A bibliografia estudada foi de extrema importância, mas estar com os Guarani²², principalmente moradores do *Tekoa Ytu*, permitiu compreender mais a fundo seus fluxos diários, necessidades e subjetividades características da vida cotidiana. Esse processo, que se aprofunda e se amplia, está em constante transformação, conforme as relações se estreitam e a confiança mútua vai se fortalecendo. A dissertação tem um cronograma e uma data para entrega do texto final, mas o eixo experiencial continua para além da pesquisa e se desdobra por meio de novos projetos, amizades e batalhas, muitas das quais a autora se coloca como parceira dos Guarani.

²² Para preservar a privacidade e identidade verdadeira de cada interlocutor, a autora optou por usar siglas (Interlocutor IG01, IG02, IG03 e assim por diante) quando citar falas e conversas com cada Guarani. Não revelar os nomes das pessoas, suas casas, é uma maneira de respeitar sua privacidade individual. Quando se fizer menção a falas já publicadas e/ou de lideranças políticas que estão à frente do movimento, os nomes verdadeiros serão mantidos.

Estrutura da Dissertação

A dissertação está estruturada em quatro capítulos.

O primeiro capítulo, *O Tekoa Guarani: um panorama sobre os principais conceitos*, apresenta os conceitos de *Tekoa*²³ e *Nhanderekó*²⁴, respectivamente, sem entrar nas especificidades sobre o povo Guarani da Terra Indígena do Jaraguá. Portanto, esse texto visa analisar elementos simbólicos da cultura Guarani, presentes na elaboração do *Tekoa* e suas espacialidades, que permitam identificar aspectos de sua cosmologia e seus usos. A cultura Guarani apresenta elementos concretos, expressos em sua religiosidade e sua relação com o modo de vida em comunidade.

Sua cosmologia, relação com a terra e o viver em aldeia estão vinculados uns aos outros, em práticas cotidianas presentes no uso do solo e da terra, que estão atreladas às suas atividades espirituais. Como explica Maria Inês Ladeira,

a partir do conjunto dinâmico que reúne formulações herdadas e projetadas, onde mito e práxis se referenciam mutuamente, essas sociedades (Guarani) constroem continuamente o mundo e suas representações. (LADEIRA, 2001, p. 10)

Portanto, a criação do espaço e sua interpretação estão imbricadas pelos mitos e suas práticas espirituais. Em seguida, ainda no mesmo capítulo, a pesquisa apresenta o conceito de *Nhanderekó* que, de acordo com os próprios Guarani, só é possível por meio da vida no *Tekoa*. Este texto apresentará um recorte que aborda: 1) elementos naturais que norteiam a escolha do local onde estabelecer o *Tekoa*; 2) aspectos sobre a noção Guarani de ‘território’, no que diz respeito aos seus deslocamentos e ciclos da natureza e 3) relatos sobre vivências em campo que possibilitam aproximações aos Guarani e às formas de se viver hoje no *Tekoa*.

²³ Ao longo da dissertação, quando o texto se referir a uma aldeia, usará o termo *Tekoa*. Na palavra ‘*Tekoa*’, como a maioria das palavras no Guarani, não diferencia o plural do singular (ex.: o *Tekoa*, os *Tekoa*).

²⁴ ‘*Nhanderekó*’ é modo de vida Guarani, de acordo com os interlocutores Guarani.

Alguns elementos culturais são indissociáveis para a compreensão de *Tekoa* e *Nhanderekó* e podem ser compreendidos como estrutura do pensamento Guarani e base de sua percepção de mundo. São alguns desses:

1. Mobilidade Guarani
2. Procura pela “Terra sem mal”
3. Territorialidade e a relação com o conceito de *Yvy Rupa*
4. As relações com a natureza/ agricultura e estações do ano
5. Espiritualidade e suas relações espaciais presentes na casa de resas, o *Opy*

Cada um destes elementos está vinculado aos demais; portanto, há de se levar em consideração que o modo de vida Guarani, o *Nhanderekó*, e o modo de pensar o mundo estão diretamente relacionados à formulação do *Tekoa*, suas interpretações e apropriações ao longo do tempo. Esses conceitos se conectam e formam a estrutura de pensamento Guarani. Há, porém, outras variáveis importantes para a compreensão dos Guarani no contexto do Jaraguá, como a interação com os não-indígenas, por exemplo.

Para iluminar as reflexões sobre *Tekoa e Nhanderekó* no contexto do Jaraguá, o segundo capítulo, *A Terra Indígena do Jaraguá e o Nhanderekó*, mostra o *Tekoa Ytu* a partir de sua formação até os dias atuais, bem como sua relação com o *Nhanderekó*, o modo de vida Guarani. Este capítulo traz algumas das principais questões fundiárias que circunscrevem o momento desse povo no Jaraguá e faz uma reflexão sobre suas necessidades básicas para que haja a manutenção de sua permanência no território. Há também o esforço dos Guarani em preservar e viver o *Nhanderekó*. Portanto, esse capítulo mostra as especificidades vividas no contexto do *Tekoa Ytu* em relação à Terra Indígena do Jaraguá.

O terceiro capítulo, *Tekoa Ytu: educação, saúde e moradia*, descreve as especificidades do *Tekoa Ytu*, principalmente as relacionadas à infraestrutura e a algumas das conquistas dos Guarani, sobretudo no que diz respeito à saúde e educação diferenciadas dentro da TI. Este capítulo fornece, portanto, uma descrição espacial do *Tekoa Ytu* e sua evolução ao longo dos anos, apontando para alguns problemas urgentes de infraestrutura e saneamento básico e outras sobre conquistas importantes para a TI como um todo. Nesse sentido, esse capítulo apresentará alguns dos principais pilares de sua vida em comunidade, além de demonstrar os direitos adquiridos pela Constituição de 1988 e a luta desse povo pela manutenção desses direitos.

O quarto e último capítulo, *Passos Guarani em direção às retomadas pelo território e o Tekoa Yvy Porã*, trará uma reflexão sobre a situação e os desafios enfrentados pelos Guarani da TI Jaraguá, no que diz respeito à sua territorialidade. Esse capítulo mostrará algumas das lutas por seu território e suas retomadas, em especial a formação do *Tekoa Yvy Porã* e sua relação com o protagonismo Guarani. Esse capítulo mostra, assim, uma mudança na forma como os Guarani se posicionam e se apresentam para a sociedade dominante, por meio de aberturas conscientes e planejadas sobre sua cultura, com intuito de proteger o meio ambiente e seu direito à terra. Nesse sentido, esse capítulo se aprofunda no conceito de *Paisagem* mostrando a paisagem de resistência, por meio da idealização e concretização do *Tekoa Yvy Porã* (que é o mais novo dos seis aldeamentos no Jaraguá). Assim, esse capítulo conecta muitos dos conceitos sobre paisagem estudados e apresentados no eixo teórico desta dissertação.

Entende-se que a principal contribuição deste trabalho de pesquisa está em demonstrar a paisagem vivenciada e construída pelo imaginário Guarani e por sua manifestação, tanto no *Tekoa Ytu*, quando na idealização do *Tekoa Yvy Porã*. Por meio das descrições e reflexões postas aqui, constrói-se um panorama da TI Jaraguá e sua bricolagem de ideias e contradições. Nesse sentido, o trabalho faz parte de um processo contínuo de ressignificações e adaptações.

CAPÍTULO 1 - O *TEKOA* GUARANI: UM PANORAMA SOBRE OS PRINCIPAIS CONCEITOS

“... Los Guarani en ella tratados todavía llegan a transmitir de sí mismos una imagen bastante auténtica estructurada sobre las categorías fundamentales de espacialidad irreductible y tradición firme.” Ou seja, a tradição Guarani encontra seu ponto de equilíbrio, como categoria fundamental, na própria espacialidade irreductível, daí, inclusive, a importância da questão do território, para compreensão de todo o comportamento cultural ou mesmo do complexo tecnológico desta nação.

(Meliá²⁵)

O objetivo deste capítulo é apresentar o conceito de *Tekoa* a partir de reflexões sobre a construção de mundo Guarani²⁶, sua cosmovisão. Para isso, é necessário abordar mitos e concepções que fundamentam o pensamento deste povo. Este capítulo descreve assim, alguns aspectos principais que constroem a concepção de mundo Guarani, sem exemplificar um *Tekoa* específico e desafios inerentes ao momento e ao lugar. Faz-se, assim, uma bricolagem sobre aspectos que fundamentam o conceito de *Tekoa* Guarani, baseado em estudos antropológicos que permitam conhecer o bem viver e o modo de vida Guarani como determinantes aspectos de sua cultura.

1.1. O *Tekoa* como aldeia e núcleo familiar ou conjunto de núcleos familiares

Tekoa, é uma palavra em Guarani para designar aldeia ou núcleo familiar²⁷ que ocupa um território. Os *Tekoa* não são uniformes nem estáticos e se alteram ao longo do tempo pela chegada e partida de familiares, pelo local, tamanho, características naturais do espaço seu relevo, fauna e flora e também pelo modo como seus habitantes se comportam, tipos de prioridades entre eles, relações políticas e sociais. Há dinamismo na constituição do *Tekoa* e a presença ou falta de recursos naturais, como mata, água limpa e corrente, espaço para roça e

²⁵ MELIÁ, 1981 *apud* Zibel da Costa, 1989, pp. 238.

²⁶ Salvo quando houver indicações, quando o trabalho utilizar o termo “Guarani” estará se referindo aos *Guarani-Mbya*, tronco que é maioria no Jaraguá e serra do mar.

²⁷ Núcleo familiar é a organização das residências de parentes com maior proximidade em termos de consanguinidade, liderado por um casal em geral com mais idade que ascende sobre o grupo política e espiritualmente. Em um único *tekoa* podem haver alguns núcleos.

caça e proximidade ou não com centros urbanos, são fatores que determinam sua formação e manutenção. Atualmente, os habitantes dos *Tekoa*, são, em maior ou menor proporção, participantes da sociedade não-indígena, não só pelo consumo de produtos adquiridos para sua subsistência, mas também por meio de tecnologia, participação em redes sociais, entidades indígenas pejetizadas²⁸ e, principalmente, pelo protagonismo cada vez mais presente.

Dentro de uma mesma Terra Indígena pode haver diversos *Tekoa*, como é o caso da Terra Indígena do Jaraguá, que hoje possui seis *Tekoa* (*Ytu, Pyau, Itwera, Itakupé, Itaendy, Yvy Porã*), e da Terra Indígena *Tenondé Porã*²⁹, que fica também em São Paulo, no bairro de Parelheiros, e possui oito *Tekoa* (*Guyrapaje, Kalipety, Yrexaka, Tape miri, Kuaray Rexa Kã, Kurukutu, Tenonde Porã e Porã*). Essa dissertação não incluirá estudos sobre a Terra Indígena *Tenondé Porã*, mas é importante pontuar que há grande ligação entre as duas TIs e profundos vínculos e associações de parentesco entre seus habitantes. A antropóloga Adriana Queiroz Testa faz um estudo minucioso (ainda em desenvolvimento³⁰) sobre as redes de parentesco entre estas Terras Indígenas e seus fluxos.

Há uma grande diferença entre ‘Terra Indígena’ e ‘*Tekoa*’, segundo o antropólogo Fábio de Oliveira Nogueira da Silva (2019). A Terra Indígena é uma solução administrativa do poder executivo federal para garantir o cumprimento dos artigos constitucionais relativos aos direitos indígenas. A Terra Indígena, ou TI é, portanto, uma figura jurídica. Diferentemente, o *Tekoa* é um conceito Guarani que se refere a um conjunto de relações de parentesco entre seus moradores e que, normalmente, se expandem para outros *Tekoa*. As relações que constituem o *Tekoa* incluem também o meio natural, o clima, os animais, os alimentos e toda a rede de

²⁸ Muitas entidades hoje possuem CNPJ, tais como a Comissão Guarani *Yvy Rupa.*, conforme informação do site Socioambiental, disponível em: <<https://www.socioambiental.org/pt-br/tags/comissao-guarani-yvyrupa>>. Acesso dia 3/02/2020.

²⁹ A TI *Tenondé Porã* possui por volta de 16 mil hectares e mil e quinhentos Guarani vivem nesta Terra. Em maio de 2016, o Ministério da Justiça publicou a portaria declaratória da TI *Tenondé Porã* (Portaria MJ/GAB nº 548), aprovando os limites presentes nos estudos de identificação conduzidos pela Funai. A portaria declaratória garante de forma definitiva a posse permanente sobre o território tradicional e autorizando as etapas conclusivas do processo: a colocação dos marcos físicos nos limites e a desintrusão das áreas ocupadas por não-indígenas mediante a indenização de benfeitorias, formalizando em seguida a homologação presidencial e o registro final da Terra Indígena. (Disponível em: <<http://www.tenondepora.org.br>>. Acesso em 10 de janeiro de 2020).

³⁰ Este estudo foi apresentado pela antropóloga Adriana Queiroz Testa no seminário *Parentesco, Política e Território Guarani Mbya* dia 21 de novembro de 2019, FAU-USP, promovido por Quintas Ameríndias.

mítica³¹ que sustenta o mundo Guarani. Portanto viver em *Tekoa*, contém muito mais significados do que a delimitação de um espaço físico com limites territoriais. Constante em todos os *Tekoa* são as relações constituídas por, pelo menos, uma família extensa e a manutenção de vínculos necessários para que os *Tekoa* se mantenham (TESTA, 2014).

Mesmo em situações ambientais restritas e com espaços que são fixos e incapazes de oferecer as condições adequadas para práticas agrícolas, a aldeia Guarani é considerada um *Tekoa*, não só pelas relações de parentesco, mas, muitas vezes, por haver relações de reciprocidade e amizade entre os moradores. Ao se estabelecer uma organização social, que nasce a partir da formação de um núcleo familiar, cria-se uma rede ou uma família extensa e uma liderança, que deve ser política e por vezes, espiritual. Como explica a antropóloga Maria Inês Ladeira (2001), a concepção de *Tekoa* está na interconexão social, espiritual e natural. Para a autora, construir um *Tekoa* ou recuperá-lo é um projeto coletivo de reconstrução do mundo Guarani por meio da reprodução dos elementos originais existentes em *Yvy Apy*, “lugar exemplar criado por *Nhanderu* (Deus Guarani), onde desceram seus filhos, na terra, e onde é possível retornar ao infinito” (LADEIRA 2014, p. 92). A noção de abundância está diretamente relacionada a esse mito, que fala de **perenidade**³² e **renovação**, características presentes nos alimentos, plantas, animais e água. Para esse povo, a abundância é relacionada à qualidade, que não implica em quantidade; é por meio da abundância qualitativa que os Guarani procuram criar um *Tekoa*.

1.2. Escolha do local - espacialidades

Os principais elementos físicos e naturais presentes na escolha do local para a formação de um *Tekoa* estão diretamente relacionados à sua cosmologia, pela forte relação entre mundo celeste e mundo terrestre. No passado, quando os Guarani podiam escolher o lugar de seus *Tekoa* livremente, havia algumas características naturais comuns: a localização deveria conter nascente de água, palmeira de jerivá (*pindó*), estar no alto de um monte e, de preferência, numa

³¹ Pode-se entender como as relações com diversos seres que povoam o Cosmos os quais os Guarani negociam constantemente a possibilidade de convivência.

³² PIERRI, Daniel Calazans. *O Perecível e o Imperecível: reflexões Guarani sobre a existência*. Editora Elefante. São Paulo, 2018

localização onde se pudesse ver o mar (figura 4). Sua cultura privilegia lugares perto do oceano e em contato com a fauna e a flora típicas da Mata Atlântica. Isto faz com que eles estejam mais próximos do mundo celestial e, de acordo com Ladeira (2011), é também por intermédio desses locais naturais que há possibilidade de alcançarem a “Terra sem Mal” (*Yvy Marey*). Ou seja, a busca é por lugares que apresentem esses elementos e que abarquem múltiplos significados – um deles contido na possibilidade de estar em contato com elementos físicos e espirituais que propiciem o acesso à “Terra Sem Mal”³³.

Figura 4: Entrada da Aldeia Boa Vista, Ubatuba



Fonte: Fotografia arquivo pessoal da autora, 2019.

Como explica o arquiteto e estudioso dedicado aos Guarani, Carlos Roberto Zibel da Costa (1989), os *Tekoa* não possuem uma geometria espacial específica, mas seguem o eixo Leste-Oeste. Com relação às formas das edificações, a construção mais importante para conceber um espaço como *Tekoa* é o *Opy* (casa de rezas). Esta edificação, tradicionalmente

³³ A “Terra Sem Mal”, é um conceito fundamental da cultura Guarani e será melhor abordado ao longo dessa dissertação.

feita da madeira retirada das palmeiras jerivá ou de pau a pique e com cobertura³⁴ de sapé, também idealmente retirada das folhagens dessa palmeira, é o centro social e espiritual do *Tekoa* e isso permanece até os dias de hoje. Segundo a crença Guarani, o *Opy* é o lugar destinado por *Nhanderu* (Deus Guarani) para se guardar o *Amba*, (espécie de altar Guarani), que fica voltado para o sol nascente. Além disso, o *Opy*, por ser o centro social da aldeia, é onde a comunidade se reúne, discute assuntos relacionados ao cotidiano e às táticas de resistência, além de fazerem reuniões e encontros, tanto espirituais quanto de ordem prática³⁵. Outro aspecto decisivo para compreender o significado do *Opy* está contido no próprio sentido da palavra: ‘*O*’ significa ‘casa’ e ‘*py*’ significa ‘interior’.

É, pois, no seu interior que, vindos das várias regiões do mundo celeste, se concentram *Nhanderu*. É onde as almas das pessoas se comunicam e se integram. Onde as pessoas, através dos cantos e das danças sintonizam a alma e o corpo (LADEIRA, 2001, p. 191).

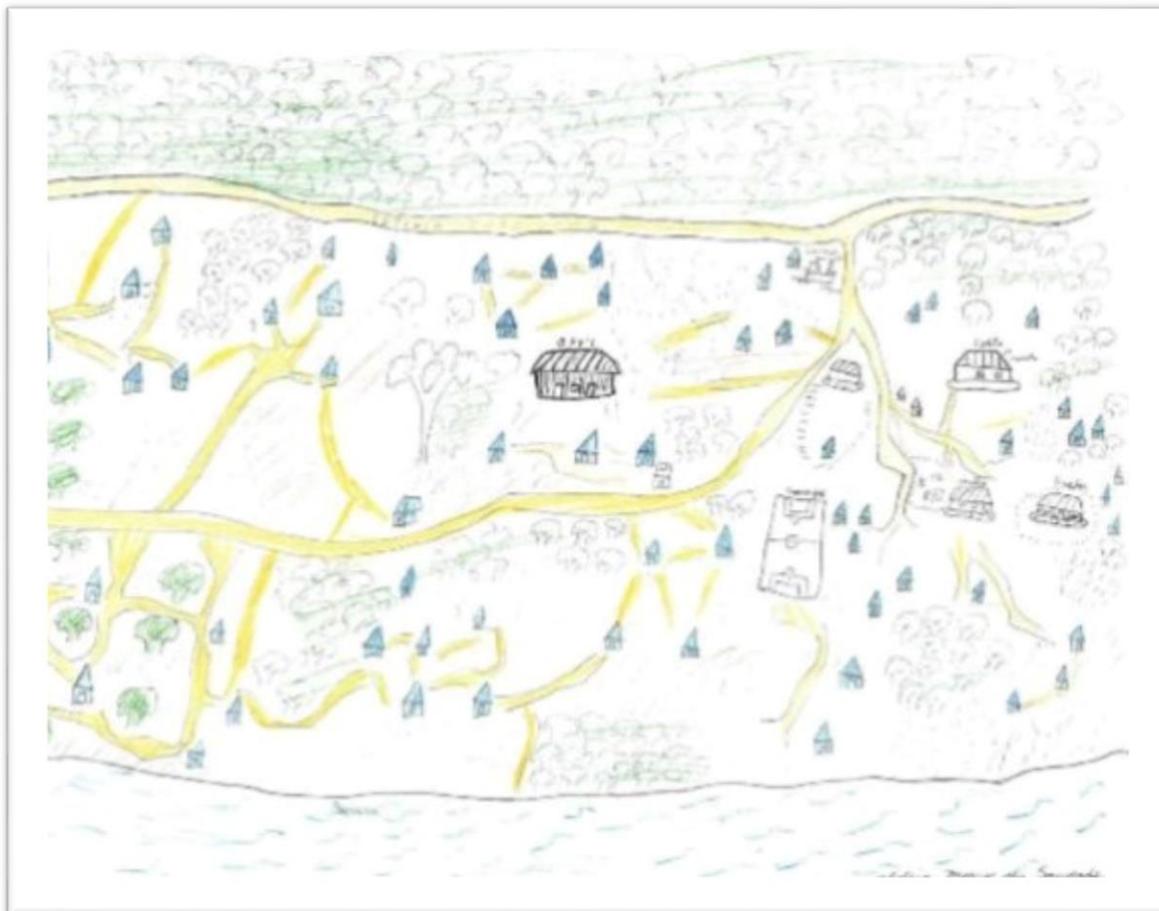
Como explica Ladeira (2001) e também Zibel da Costa (1989), ‘*Py*’ se refere a interioridade, centro, aquilo que é firme em torno das coisas que são tortas. Cadogan (1946 *apud* ZIBEL DA COSTA, 1989) diz que a sílaba ‘*y*’ tem o sentido de ‘mastro’. Assim, se estabelece uma analogia ao interior humano e ao seu coração. (ZIBEL DA COSTA, 1989, p. 254). ‘*Opy*’ seria uma casa com características para a interioridade, mas também, em ‘*py*’, há a ideia de verticalidade. Portanto, o *Opy* é orientado da seguinte maneira: seu fundo para o oeste, *Tupã* (ventos e tempestades); sua frente para o leste, para *Karay* (sol), e com o centro para *zenit*, para o próprio *Nhamandu*³⁶ (pai primordial Guarani).

³⁴ Atualmente no Jaraguá as coberturas são feitas, em maioria, com telhas ecológicas, por não haver sapé disponível e também pelo alto potencial de incêndios que o uso do sapé pode causar.

³⁵ No *Tekoa Ytu* são feitas as reuniões sobre a construção da casa de cultura, entrevistas com pesquisadores e reuniões com ONGs.

³⁶ Usualmente os Guarani usam a palavra *Nhanderú* que significa, em tradução literal, “nosso (inclusivo) pai”, para se referirem ao que mais se aproximaria de um conceito de “Deus.” Entretanto, é importante ressaltar que para os Guarani não há um único Deus. *Nhanderu ete ì* ou *Nhanderu Tenondé* são referências ao primeiro, que criou todo o resto do mundo, mas há outras divindades. Portanto tratam-se de termos polissêmicos. Às vezes *Nhanderu Ete ì* (nosso pai verdadeiro) é chamado de *Nhamandu*, outras, seu filho *Kuaray* é chamado assim.

Figura 5: O Opy desenhado por uma criança Guarani como centro de um Tekoa , Vale do Ribeira, 2000



Fonte: LADEIRA, 2001, p. 44

A posição ideal para entrada do *Opy*³⁷, em relação às casas para moradia, também segue esse eixo e deve estar idealmente voltada para leste, assim como as rezas Guarani, que acontecem com os rostos voltados para o leste, onde nasce o sol. Os pontos cardeais são muito importantes para a definição de mundo Guarani. Para eles, essas direções são como diretrizes que regem o mundo material e indicam como os Guarani devem orientar suas roças, casas e objetos pessoais, bem como guiar seus movimentos migratórios. É importante pontuar que, usualmente, assim como as migrações em busca da “Terra Sem Mal” seguem em direção ao

³⁷ Existem vários tipos de casa de reza, com diferentes usos. Para o escopo deste trabalho, usaremos a referência de casa de reza mais comum, usada para realização de rituais e festividades.

leste, as rezas que são feitas no *Opy* também são voltadas para o nascer do sol, onde normalmente coloca-se a parede do fundo das casas de rezas.

O interlocutor IG 02 nos diz: “a casa de reza é um portal, o maracá que nós tocamos funciona como um telefone para chamar *Nhanderu*³⁸, o Deus Guarani”. É dentro da casa de reza (*Opy*) que as inspirações e decisões ocorrem. Essa casa espiritual reserva o que há de mais íntimo e sagrado em sua existência. Para os Guarani, as respostas, os segredos e a sacralidade são revelados ao se concentrarem no interior do corpo desta casa. Em conversa, o Interlocutor IG 01 também entende a casa de reza como o lugar mais importante do *Tekoa*. “Uma família e uma casa de reza já são considerados um *Tekoa*”, diz ele. Essa fala indica os dois principais pilares da cultura Guarani: a espiritualidade e a vida em família. Esses pilares aparecem repetidas vezes e se entrelaçam mostrando a cultura Guarani e sua perpetuação por meio de suas práticas cotidianas.

Para ilustrar a evolução de alguns conceitos sobre o *Tekoa*, usa-se o trabalho de Carlos Zibel da Costa (1989). Seu conteúdo, escrito há 30 anos, preserva-se pertinente e de fundamental importância para entender os Guarani e sua forma de apreensão do mundo e da realidade. Como diz Zibel da Costa, a essência da força e da resistência Guarani manifesta-se tanto na prática da religião, quanto na organização familiar. Assim, como os interlocutores, Zibel da Costa descreve a sacralidade e os laços consanguíneos como sendo dois aspectos estruturantes no que diz respeito à cultura e percursos Guarani. Nesse sentido, esses laços familiares direcionam as escolhas para os locais de construção de um *Tekoa* e principalmente as dinâmicas de sua mobilidade.

Outro aspecto cultural e comunitário está na manutenção do bem viver e modo de vida Guarani, o *Nhanderekó*. É por meio de valores expressos em práticas de generosidade, regras matrimoniais, uso apropriado da fala, alimentos, cantos, danças e rezas que se mantém vivo o sentido de *Nhanderekó*. Além dessas condutas, Lucas Keese dos Santos (2016) aponta para a importância da leveza associada à mobilidade e à liberdade em se movimentar pela mata e, assim, seguindo o fluxo das relações com o meio natural, mudar os *Tekoa* de lugar. No que diz

³⁸ Palavra derivada de *Nhamandu*.

respeito ao *Tekoa*, hoje, com seus territórios mais fixos e em disputa, essa leveza característica dos Guarani também se modifica.

Uma das características mais marcantes dos Guarani, que também é associada às redes de parentesco, é sua relação com antigos *Tekoa* que não estão ocupados, mas nunca assumiram o caráter de perdidos. Pelo contrário, como visto em alguns exemplos dados por Zibel da Costa (1989), eles exercem um papel importante na conexão desse povo com a continuidade e preservação de sua cultura. Um deles narra a procura de dona Jandira (falecida cacique, fundadora do *Tekoa Ytu* na TI Jaraguá) e Helena, sua prima (moradora da antiga Aldeia de Barragem, em Parelheiros, atualmente conhecida como TI *Tenonde Porã*), para encontrar a antiga aldeia Gapiú. Para Zibel da Costa (1989), essa busca ilustra a extensão do conceito de território e sua dinâmica Guarani ligadas à estrutura sociocultural e busca pela “Terra Sem Mal”, (além da relação consanguínea que Zibel da Costa coloca como tão definitiva para os fluxos). A idéia de uma Terra Sem Mal nesta plataforma terrestre está no estudo de Bartolomeu Meliá (1981), que faz uma reflexão aprofundada sobre o *Nhanderekó* na época das primeiras expedições jesuíticas (entre 1594 e 1639).

Um dos aspectos estruturantes do pensamento Guarani é o entendimento de adjetivo *Maraney* que tem a “acepção primordial de terra virgem” (ZIBEL DA COSTA, 1989, p. 236), entretanto é possível que o termo revele a intenção Guarani de se viver de forma contrária a destruição causada pelo não indígena. Pelo entendimento dos Guarani, a mata é povoada por diversas aldeias de seres com os quais há constante negociação para a convivência, ou guerra, ou predação então, como definir essa paisagem como “virgem”? De acordo com Zibel da Costa, esta condição é perfeitamente possível para os Guarani pela maneira como exercem suas caminhadas em fila indiana pela a floresta, sem alterar suas características. Portanto, esse leve deslocar-se permitiria a permanência dessa terra sem ser mudada de forma impactante. A peregrinação e o caminhar em busca da “Terra sem Mal” estão associados ao “*locus* Guarani”, conceito ideal de floresta intocada, e ao “*ethos* Guarani do ser da Floresta” (ZIBEL DA COSTA, 1989, idem). *Yvy Maraey*, assim seria “...suelo intacto, que no ha sido edificado...” (Padre Meliá 1981 *apud* Carlos Zibel da Costa 1989, p. 236)

A reflexão de Zibel da Costa mostra o contraponto e o equilíbrio entre o *Nhanderekó* e *aguyje* (sublimação, estado de leveza, ascensão à morada dos deuses). Pelo *Nhanderekó* ou modo de vida Guarani, há derrubada de árvores para se produzir e criar as moradas e as roças

e, assim, dar continuidade às manifestações da Segunda Terra (*Yvy Pyahú*). Esta, por sua vez, encontra-se em processo de degradação constante, esperando um ponto final de destruição, quando as características negativas do mundo irão se realizar plenamente. Em contraponto a esse estado de destruição contínua, encontra-se o *aguyjé*, que se manifesta pela “Primeira Terra”, ou “Terra Sem Mal”, *Yvy Maraey*, espécie de “paraíso”, ainda em vida. Nesse sentido, o mundo estaria em “equilíbrio” e as caminhadas em busca da “Terra sem Mal” representam “a antítese somática necessária ao início da proximidade do fim do ciclo de vida da Segunda Terra (*Yvy Pyahu*)” (ZIBEL COSTA, 1989, pp. 237). De acordo com essa reflexão, a busca pela “Terra sem Mal” seria uma prática necessária para que o mundo não chegue à sua destruição.

1.3. *Yvy Rupa*: O Leito Terrestre

Difícil dissociar o modo de vida Guarani de sua cosmogonia e relações múltiplas de associações quando se fala em espaço físico e concreto ao se estabelecer um *Tekoa* Guarani. Nesse sentido, o *xeramoí*³⁹ (homem mais velho e líder espiritual Guarani) é quem direciona para onde se deve ir para estabelecer suas moradas e criar o *Tekoa*. Há a necessidade de se identificar aspectos sutis na hora de definir o local para o *Tekoa* e, principalmente, onde desmatar para construir suas edificações. O *xeramoí* define tanto o local para o estabelecimento do *Tekoa*, quanto o posicionamento físico das construções, localização em relação ao sol, seus acessos entre outros aspectos importantes relacionados ao meio natural. Esses elementos são como diretrizes que o ajudam a codificar instruções vindas do mundo celestial. Portanto, saber identificar as sobreposições entre todas essas variáveis, que criam redes complexas de conhecimentos sensíveis⁴⁰ e subjetivos é a aptidão necessária para a definir a concretização do *Tekoa* Guarani.

Para melhor entender o conceito de *Tekoa*, apresenta-se o conceito de *Yvy Rupa* como estrutura profunda, presente e constante na construção do pensamento e espacialidades

³⁹ Termo que literalmente significa “meu avô” e se refere aos homens mais velhos no geral. Entretanto pode estar relacionado ao rezador, curandeiro e líder espiritual Guarani

⁴⁰ Esses conhecimentos sensíveis são da ordem divina, conforme abordaremos nesta dissertação. Os *xeramoí* são canais preparados para receber conhecimentos que vêm do mundo celeste.

Guarani. A relação entre a concepção de *Tekoa* e *Yvy Rupa* fica evidente nas narrativas que explicam a interconectividade entre elementos naturais e humanos e a lógica nas quais essas relações se estabelecem. *Yvy Rupa* expressa um mundo sem fronteiras territoriais, onde os animais, humanos e elementos presentes em sua mitologia poderiam se relacionar com reciprocidade, mesmo aqui na “Segunda Terra”, lugar que os Guarani entendem como “a terra imperfeita”.

A liberdade para se deslocar e criar um *Tekoa* está presente em vários mitos que indicam como interpretar o modo de vida Guarani, o *Nhanderekó*⁴¹. Perante a noção profunda de liberdade compreende-se na prática o conceito de *Yvy Rupa*, que significa literalmente “leito terrestre” (PIERRI, 2018, pp. 35). Adriana Queiroz Testa (2014) fala sobre o “leito terrestre”, onde há a morada não só de humanos, mas também de não-humanos, além da possibilidade de circulação e comunicação de seus habitantes com a dimensão celeste. De acordo com a autora, a grafia ‘*Yvy*’ quer dizer “terra”; enquanto ‘*Rupa*’ expressa a ideia de “cama” ou “leito”, “referindo-se ao suporte ou esteio de terra estendido por um dos (seus) deuses” (TESTA, 2014). Concordando com Testa, Daniel Calazans Pierri (2018) faz a leitura do conceito de *Yvy Rupa*, trazendo a conectividade entre elementos presentes no território, algo que extrapola um espaço definido por limites físicos territoriais.

Yvy Rupa resume boa parte das implicações [...] do espaço terrestre: grande mobilidade territorial, ocupação de espaços fragmentados de um território extenso, anterioridade em relação aos brancos e não reconhecimento das fronteiras impostas pelos Estados - nação” (PIERRI, 2018, pp. 41)

No sentido mais amplo, é como se o *Yvy Rupa* propiciasse uma rede de conexões e que se mantivesse por meio de redes de parentesco, conhecimentos e práticas espirituais. Essas redes, por sua vez, garantem a sustentação das relações e interconectividade,

⁴¹ Voltaremos adiante à noção de liberdade, expressa e exemplificada de acordo com alguns conceitos apresentados neste trabalho. É importante ressaltar, porém, não ser o intuito deste trabalho dar conta de uma reflexão etnográfica de antropologia. O caráter interdisciplinar da dissertação apenas alcança alguns conceitos tratados em estudos antropológicos, para que se possa fazer uma leitura adequada do *Tekoa* quanto “espaço” de uma outra cultura, como a Guarani.

independentemente de quaisquer mudanças de regras da sociedade vigente, mesmo as territoriais.

Os Mbya pensam e procuram manter o *yvy rupa* como um espaço contínuo, através do fluxo contínuo de pessoas, objetos, saberes e formas de apoio mútuo [...] Para falar desta dimensão terrestre [...] a este espaço como “*nhande yvy rupa*” (nosso leito terrestre), também habitam as moradas celestes, sendo, portanto, sujeitos em trânsito que permitem a comunicação entre estas dimensões e seus habitantes. Frequentemente, os Mbya pensam sua condição atual como habitantes de *yvy rupa* comparativamente às moradas celestes, aos habitantes e as suas condições de existência. (TESTA, 2014, p.35)

Para os Guarani, “o espaço, seu uso e sua reconstrução” não são ações isoladas (LADEIRA 2008, p. 100 *apud* TESTA 2014:35). Desta forma, o espaço físico ou leito terrestre é a reprodução do mundo celeste baseado na qualidade das interpretações sobre as instruções celestiais. As análises sobre espacialidade e seu deslocar-se por *Yvy Rupa* (que, por sua vez, representa seu espelho celestial) são interpretações que definem e organizam o modo de vida Guarani. Portanto, o objetivo principal deste trecho, está em mostrar a conectividade entre os diversos elementos, concretos e simbólicos, que fazem parte da concepção de mundo Guarani e são encontrados nas disposições de suas espacialidades e relações que formam um *Tekoa*. Para melhor descrever essas conexões, as reflexões atuais dos Guarani, que, nesta dissertação, são em maioria moradores da TI Jaraguá, tornam-se ferramentas de interlocução entre *mito* e *práxis*.

[Yvy Rupa] dá o sentido dessa terra única, ou uma terra só. Toda a terra é uma só. A estrutura do planeta, né? a Terra, ela foi criada, fundada, para que ela pudesse comportar a vida e proteger a vida, né? Então... Essa forma de colonizar os espaços, né? do juruá, ela se sobrepôs e impõe todo um modo de vida, uma língua, uma crença, uma... um valor sobre esse território, né? [...] A visão Guarani de território não é um território como propriedade. A visão de propriedade de um território ela se disseminou com a ideia de colonização. [...] Então, pra nós, *Yvy Rupa* é um território sagrado que tem uma forma de compreender a terra como algo muito além da vida humana, né? Porque na nossa cultura a criação da terra, do firmamento, dos quatro firmamentos da terra, já existia tudo isso, né? (Conversa entre a autora com Interlocutor IG 02, em 8/02/2019)

Como visto, por meio das reflexões feitas pelo Interlocutor IG 02, *Yvy Rupa* não é apenas o modo como o Guarani ocupa o território, mas também como o povo Guarani entende o mundo e interage com ele, isto é, a relação desse povo com a terra. Para os Guarani, a “noção

de território está associada à percepção de mundo” (LADEIRA, 2001, pp. 109) e, portanto, à sua percepção sobre abundância e perenidade. Para o Guarani, este mundo é correspondente a outro, perfeito e celestial. Eles acreditam que a terra é uma manifestação criada à semelhança do mundo perfeito, como um espelho d’água que reflete o céu. Como relata Zibel da Costa, “todo elemento de um mundo existe análogo em outro mundo; só que sendo mundos contíguos, o elemento primeiro vê-se, obrigatoriamente, invertido no mundo contíguo” (COSTA, 1989, p. 133).

Em conversa com um conhecido *xeramoi*, escritor e liderança Guarani, o Interlocutor IG 04 diz que ‘*Yvy Rupa*’⁴², em Guarani, significa “terra que é uma só”, que não há divisão; ‘*Teko*’ significa “modo de vida, ser, estar, tradição e costumes” e “*A*”, lugar.

Teko’: vida, ‘*A*’: lugar. O lugar onde o Guarani se fixava era o *Tekoa* para o aldeamento. Antigamente o *Yvy Rupa* [leito terrestre] era o lugar onde se vivia, era o grande *Tekoa*. Aldeia é um conceito *Juruá* (não-indígena), não é um conceito Guarani. Aldeia! Lógico que a gente usa esse termo porque é o termo que foi imposto pra gente. Porque não tinha aldeia, não existia o termo *Tekoa* (nome específico). Por política que precisa ter o nome. Lá atrás não precisava. (Conversa entre Interlocutor IG 04 - 29/12/2018, *Tekoa Ytu*)

Para os Guarani, essa expressão fala tanto sobre a estrutura primordial que sustenta o mundo, quanto sobre a maneira pela qual seu povo apreende o território e procura sua ocupação livre e sem fronteiras. Assim, o *Tekoa* Guarani é o ambiente completo, com condições físicas e naturais onde familiares vivem em conjunto, num espaço político, social e espiritual (LADEIRA, 2001, p. 184). Atualmente, os *Tekoa* continuam sendo o lugar onde os Guarani vivem, constroem suas casas e criam seus filhos, mas sobretudo, onde passam a maior parte do tempo, desenvolvem suas relações, sustentam sua cultura em comunidade, exercitam suas práticas espirituais, trabalham, estudam e socializam.

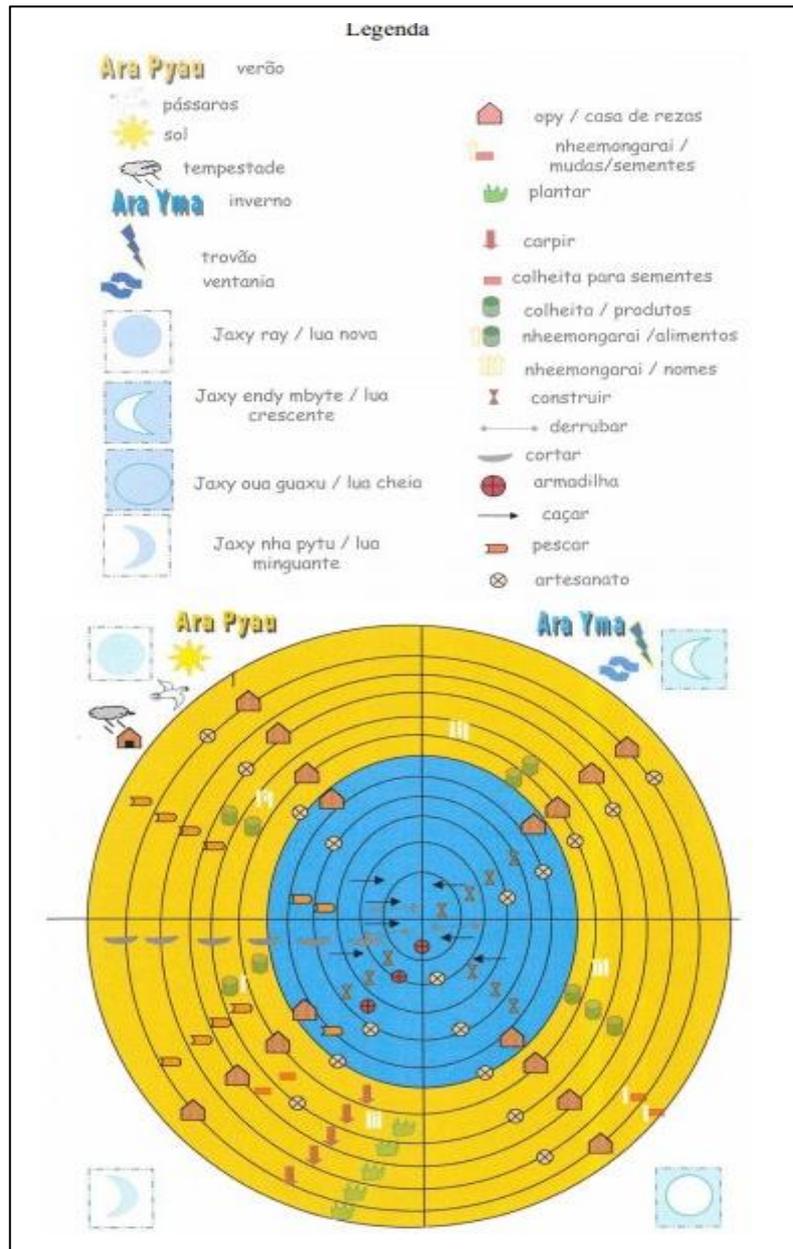
⁴² *Yvy rupa* é traduzido como suporte ou plataforma terrestre porque é como uma estrutura, dentre outras, que sustenta uma ilha concebida como amontoado de terra que existe em meio a um universo feito de água. Como explica Daniel Calazans Pierri (2018, p. 40), há quatro plataformas terrestres uma em cima da outra e a última delas é a morada de *Nhanderu*. A estrutura da terra atual, ficou reforçada depois da destruição das outras três e por isso não será destruída jamais. Como *Nhanderu* está furioso, com a destruição da natureza pelos brancos, *Nhanderu* varrerá tudo o que está nessa terra incluindo sua humanidade.

O interlocutor IG 01, professor e liderança Guarani do *Tekoa Ytu*, fala à autora sobre o conceito de *Tekoa* como algo imposto, algo novo, porque no passado as famílias Guarani circulavam e mudavam o *Tekoa* de lugar constantemente. IG 01 diz que o grande *Tekoa* era como *Yvy Rupa*. Ele demonstra um anseio, uma projeção do que ele entende, de acordo com seus conhecimentos, que deveria ser o *Tekoa* ideal. A concepção de mundo Guarani está, até hoje, muito relacionada com a concepção de um *Tekoa* livre, sem fronteiras e que possa percorrer o leito terrestre como um todo. Isso indica uma das características mais marcantes do Guarani, que se manifesta, em parte, por meio de sua mobilidade e conhecidas caminhadas.

1.4. Mobilidade Guarani

Antigamente, a mobilidade dos *Tekoa* estava diretamente relacionada com a saúde da terra. A prática de plantar representa muito mais do que a produção de alimentos e ervas medicinais. Plantar é a estrutura que permite a organização social do trabalho, da relação com as divindades, a manutenção de seus saberes e os ciclos lunares e temporais. Como diz Daniel Calazans Pierri, “os Guarani seguem um regime temporal dualista e todo o cosmos é regido por essas duas estações: *Ara Yma* e *Ara Pyau*” (PIERRE, 2018, p. 62). *Ara Yma* é a época do ano correspondente ao outono e inverno, quando a vida ritual é menos intensa e a caça mais frequente, por não ser época de reprodução de animais. Em *Ara Pyau*, todos os animais e plantas se reproduzem, as flores brotam e é uma época de mais rituais e animação entre os Guarani.

Figura 6: Fases da Lua, os dois tempos – Ara Pyau e Ara Yma – e os ciclos para atividades no Tekoa



Fonte: José Inlê Ladeira Maria, 2000 IN.: LADEIRA, Maria Inês, 2001, p. 175

Portanto, no *Tekoa*, a vida segue ciclos baseados nessas duas estações do ano: *Ara Pyau*, (verão, ou tempos novos) e *Ara Yma*, (inverno ou tempos antigos). Em cada estação, a lua dá seis voltas e as plantações obedecem tanto esse ciclo lunar, quanto as duas estações. Para o povo Guarani, a agricultura também é cíclica e, portanto, itinerante; isto é, após o cultivo, observando uma ou duas estações com seis voltas da lua cada uma, a terra cultivada deve ser

deixada para se regenerar e as plantações devem mudar para outro lugar. Esse fator econômico também contribuía para que, no passado, as aldeias mudassem de lugar.

Para os Guarani, como explica Ladeira (2001), a mobilidade espacial nada tem a ver com nomadismo, mas está relacionada à apreensão do espaço físico e social, além de múltiplos intercâmbios de sementes, plantas, matérias-primas, mutirões e rituais que proporcionam entre eles relações políticas e afetivas. Por meio desses intercâmbios, acontece uma valorização ao apoio mútuo e alianças religiosas e políticas, que são fundamentais para a manutenção da sua cultura e do modo de vida Guarani, o *Nhanderekó*.

Culturalmente, os *Tekoa* sempre tiveram liberdade para mudar de lugar. O conceito de mobilidade se relaciona diretamente com o solo; ao deixar para trás um lugar onde havia roça e moradia, permitem a regeneração da terra e criam uma espécie de fluxo ativo e regenerativo. Portanto, com a “sedentarização”⁴³ dos *Tekoa*, o modo como acontece esse fluxo também muda. Hoje os *Tekoa* estão mais fixos, principalmente para garantir os direitos conquistados e demarcação de Terras Indígenas reconhecidas e demarcadas que ainda não estão homologadas. De acordo com IG 01, um dos resultados desse “sedentarismo” dos *Tekoa*, é que cada um deles foi ficando com características mais marcantes⁴⁴.

Quando os *Tekoa* eram itinerantes, ocupando o território de maneira cíclica e obedecendo os movimentos migratórios dos Guarani, os espaços ocupados por eles seguiam ciclos que permitiam que o solo se regenerasse. Além disso, outro fator era fundamental para gerir melhor o aproveitamento do solo: havia a intenção de se reconectarem com as divindades. Ao seguirem instruções vistas em sonhos para encontrar e reconhecer resquícios de roças, campos abertos e dar continuidade às suas atividades e plantações, acreditavam que, devido a essas atividades, estariam valorizando essa comunicação e, portanto, ampliando seu alcance. Tratava-se de um processo profundo de conexão e religiosidade como meio de manutenção de costumes⁴⁵.

⁴³ Termo usado pelo interlocutor IG 01. Ao usar esse termo, “sedentarização”, o interlocutor Guarani o pensa em oposição a circulação/mobilidade, não a noção de nomadismo.

⁴⁴ O texto descreve algumas dessas particularidades do *Tekoa Ytu* nos próximos capítulos, quando abordar as especificidades principalmente sobre o *Tekoa Ytu*.

⁴⁵ Essa conexão com as divindades por meio de sonhos e instruções reveladas ainda são extremamente atuais e valorizadas pelos Guarani. Essa fundamental característica da cultura Guarani será melhor explorada quando falarmos sobre rituais e casa de reza.

Quando resquícios de roças antigas eram encontrados, escolhia-se esses lugares para se estabelecer e, assim, darem continuidade a essas antigas plantações. Esses movimentos alternados permitiam, ainda, que a terra descansasse e permanecesse fértil para o próximo agricultor, prática tão importante para manutenção da natureza e dos seres humanos. A importância da agricultura Guarani, sempre vinculada à saúde da terra por meio da sua produção, não privilegia a quantidade, mas a qualidade dos alimentos produzidos, assim como na concepção de mundo e do *Tekoa*. Além disso, a agricultura torna-se, até os dias atuais, um dos sistemas que permitem aos Guarani praticarem seus valores culturais em múltiplos níveis: físicos, psicológicos, espirituais e econômicos. Os alimentos são sagrados e, por meio das plantações, caças e manipulações com a terra, praticam a comunicação com suas divindades e contato com sua simbologia.

O calendário lunar está vinculado aos ciclos da agricultura, que interferem diretamente no planejamento social das aldeias: festividades, confecção de artesanatos e outros⁴⁶. O Ritual do batismo do milho e das crianças, *Nheemongarai*, é praticado regularmente em todos *tekoa* e tem importância fundamental para os Guarani. Esta dissertação, não se aprofundará nas relações espirituais de cada prática agrícola, mas apontará alguns aspectos, que ajudarão no entendimento do funcionamento do *Tekoa*, principalmente no que diz respeito aos fluxos migratórios e sua relação com a “Terra Sem Mal” (*Yvy Maraey*), fluxo que corresponde ao caminho que o sol percorre, à Leste.

São muitos os fatores que impulsionaram movimentos e fluxos dos Guarani que são, até os dias atuais, tão vitais para o bem viver Guarani. Essa dinâmica migratória também pode ocorrer respondendo à procura pela “Terra sem Mal”, um dos pilares estruturantes da cultura Guarani. Segundo a mitologia Guarani, a “Terra Sem Mal” está geograficamente à Leste e normalmente em direção ao mar (HELENE CLASTRES, 1978). A principal característica dessa terra é ser farta em recursos e prazeres infinitos. Há prosperidade sem qualquer esforço, alimentos brotam espontaneamente e todos os que a alcançam gozam eternamente de alegria e liberdade. Um dos aspectos principais ao alcançar a “Terra sem Mal” é vivenciar uma liberdade

⁴⁶ Esse calendário é usado até os dias atuais para a celebração de festividades e rituais, além de plantações e produção de outros artefatos.

absoluta, em que tudo passa a ser permitido: não há incesto nas relações de parentesco ou imposição de leis. Segundo a crença Guarani, a “Terra Sem Mal” pode existir enquanto localização geográfica real na Terra. Em seu clássico *Terra sem Mal*, Clastres nos diz:

Morada dos ancestrais, sem dúvida, a Terra Sem Mal também era um lugar acessível aos vivos, onde era possível, sem passar pela prova da morte ir de *corpo e alma*. [...] Pois que significam a inquietação que levava [...] a uma tal procura, a esperança afirmada de ascender à imortalidade sem passar pela morte, senão enunciar a questão da possibilidade (ou impossibilidade) de serem os homens seus próprios deuses? (CLASTRES, 1978, p. 31)

A noção de liberdade permeia muitas camadas do modo de vida Guarani, o *Nhanderekó*, e é um importante componente para compreensão de sua cultura. Algumas das maneiras pelas quais essa liberdade se manifesta estão contidas na flexibilidade e adaptabilidade Guarani, que hoje são tidas como características fundamentais de sua resistência como povo e cultura. Portanto sua resistência é a base de sua liberdade, característica que reafirma sua identidade indígena mesmo perante adversidades e dificuldades tão reais⁴⁷. O capítulo três abordará de forma mais completa os aspectos vividos pelos Guarani hoje no Jaraguá e, mais especificamente, no *Tekoa Ytu*, bem como sua forma de resistência e modos de vida.

O fracasso em encontrar a “Terra Sem Mal” não é visto pelos Guarani como possibilidade de sua não existência, mas é atribuído à má interpretação dos sinais, ou incapacidade de comunicação com as divindades (LADEIRA, 2011). Presente nos mitos, está também a relação entre a “Terra sem Mal” e a destruição da Terra por um dilúvio, aproximando, assim, a ideia de catástrofe à possibilidade de encontrar a eterna abundância. No que diz respeito aos deslocamentos em busca da “Terra sem Mal”, Helene Clastres (1978) narra numerosas migrações a partir de 1538.

Há uma vasta literatura sobre as migrações Guarani em direção ao mar, com objetivo da busca pela “Terra Sem Mal” ou provocadas por motivos exclusivamente religiosos. Maria Inês Ladeira (2014) cita Nimuendju, Cadogan, Métraux, Pierre Clastres, Hélène Clastres, Schaden,

⁴⁷ O Texto retomará a este assunto nos capítulos 3 e 4, ao abordar de forma mais abrangente os aspectos vividos pelos Guarani do *Tekoa Ytu*, e *Tekoa Yvy Porã* da TI Jaraguá e suas formas de resistência.

Meliá, entre outros, lembrando que esses deslocamentos possivelmente ocorreram antes da chegada dos europeus. (CLASTRES *apud* LADEIRA, 2014, p.65). Ladeira associa os movimentos migratórios atuais a motivações religiosas e faz uma crítica a autores recentes, por ignorarem essas motivações e desconsiderarem os deslocamentos. Ladeira argumenta a importância de reconhecer a versão histórica dos Guarani no litoral e junto ao remanescente de Mata Atlântica, não como coincidência, mas como conexão com o passado e como constatação de identificação com o território que está “dentro dos mesmos limites geográficos durante a conquista” (LADEIRA, 2014, p. 66). A ideia de continuidade e manutenção da terra é algo muito presente nas narrativas e presente no *Nhanderekó*.

A noção de terra está, pois, inserida no conceito mais amplo de território que sabidamente pelo Mbya se insere num contexto histórico (mítico) cíclico, e, portanto, infinito, pois ele é o próprio mundo Mbya. (LADEIRA, 2014, p. 67)

No que diz respeito ao território, os Guarani, não disputam terra, pois a fragmentação de terras, como visto, não faz sentido em sua concepção de mundo⁴⁸. Além de haver a intencionalidade em observarem e respeitarem os ciclos produtivos da terra e os mitos sobre mundos celestes perfeitos, os Guarani lidam com a ocupação do espaço como resultado das relações entre diversos *Tekoa* e suas interconexões por parentesco e afinidades. Portanto, obedecem a uma dinâmica sociocultural implícita nos deslocamentos entre aldeias, como já explicado, e sentem-se agredidos pela imposição de limites territoriais não-indígenas.

1.5. Reflexões sobre a relação com a terra

Outra importante concepção espacial do solo é ser um reflexo deste “mundo celestial imperecível: a primeira terra”. Daniel Calazans Pierri explica que toda a materialidade (Guarani ou não-Guarani) é uma cópia do mundo celeste e perfeito; sua compreensão está diretamente relacionada às comunicações com as divindades e com o tempo mítico (PIERRI, 2018, p. 143). Portanto, para os Guarani, as divindades possuem tecnologia, tanto indígena, quanto não-indígena, algo que é atemporal. Por meio desta perenidade que se perpetua e se

⁴⁸ A reflexão sobre fragmentação de terras será abordada no capítulo 4 desta dissertação.

renova a cada instante, é que a cosmologia Guarani explica os mesmos princípios do passado, mas com plasticidade e a capacidade de se atualizar a tempos atuais. Assim sendo, o tempo mítico orienta e explica não só os eventos originários, mas tem a potencialidade de explicar os atuais também. Pierri cita Viveiros de Castro para dar suporte a esse argumento. “O modo de vida dos Guarani é fundamentalmente voltado para a emulsão das práticas corporais das divindades, de maneira a produzir corpos que possam tornar-se imperecíveis como os corpos dos deuses” (VIVEIROS DE CASTRO *apud* PIERRRI, 2018, p. 157).

Uma das mais profundas aspirações Guarani é alcançar o estado dos deuses: *aguyje*. Como argumenta Pierri. Entretanto, esse estado se alcança por meio da alimentação, consumindo alimentos que os Guarani chamam de “verdadeiros” (*tembiu ete’i*), como da carne de queixada⁴⁹, derivados do milho, como *mbojape* (um tipo de pãozinho feito de farinha de milho), *mbyta* (um tipo de pamonha) e *kaguije*, bebida fermentada de milho que faz parte de muitos rituais espirituais realizados até hoje no *Opy* (casa de rezas) como parte do cotidiano do *Tekoa*. Atualmente, essa dieta tornou-se praticamente impossível no Jaraguá, tanto pela falta de espaço para a produção de alimentos quanto, por serem mais acessíveis, e, portanto, se alimentam com os alimentos “de branco”, comprados em supermercados.

Na cultura Guarani os alimentos tradicionais têm um significado muito amplo. Eles são responsáveis por alimentar não só o corpo físico, mas manter vivo o espírito Guarani, suas práticas e atividades em comunidades. Mais uma vez, a agricultura como fornecedora destes alimentos é fundamental nessa busca por alcançar *agyyje*. Os Guarani aprenderam a ser criativos e buscar alternativas às adversidades, devido à falta de terra e ao contato frequente com costumes não-indígenas. Ladeira relata algumas falas ilustrativas de caciques sobre suas plantações e, conseqüentemente, a paisagem⁵⁰: “Nessa terrinha pequenina, nós somos em nove famílias com cinquenta e seis pessoas. A terra já não sobra nada para plantar, mas assim mesmo qualquer pouquinho de terra, um pedacinho, nós estamos plantando” (LADEIRA, 2001, p.210).

⁴⁹ Segundo Pierri, tanto Cadogan como Clastres falam sobre a dieta vegetariana dos deuses para se alcançar *aguje*, contradizendo os seus interlocutores.

⁵⁰ Questões sobre a paisagem serão abordadas no capítulo 4 desta dissertação, bem como nas considerações finais.

Outro alimento fundamental para o povo Guarani é o milho. Um dos mitos que explica a sua importância, de acordo com Ladeira (2001), é o mito dos gêmeos. Nesse mito, *Nhamandu* (o Deus primeiro ou homem primordial) foi fazer sua roça e, enquanto plantava o milho, já nasciam e cresciam espigas. *Nhamandu* pediu, então, que sua mulher fosse colher o milho, mas ela duvidou que o milho nascesse assim que fosse plantado. Zangada, ela mentiu e disse que o filho que carregava no ventre não era de *Nhamandu*. Assim, *Nhamandu* vai embora levando todos os seus pertences e diz a mulher que se ela o alcançasse por si mesma, ele a perdoaria. A mulher, então, segue sua direção enquanto carrega no ventre *Kuaray* (sol). Assim que nasce o menino, ele assume a continuidade do trabalho de seu pai em criar o mundo. E o mito diz que se deve plantar o milho em todos os lugares por onde se passa para, assim, legitimar as aldeias, garantindo seu lugar na terra, (pois) é preciso plantar, produzir sementes e distribuí-las. (LADEIRA, 2001, p. 208)

As quatro voltas na lua são o período de tempo para se construir um *Tekoa* e também para a colheita do milho. Dificilmente, mesmo atualmente, os Guarani deixam um lugar antes de completar o tempo que coincide com o ciclo do milho. Em meados de julho, *Ara Yama*, quando é a época de se preparar a terra e plantar o milho, é quando se começa a construir o *Tekoa*. Por outro lado, para deixar um *Tekoa*, normalmente se faz após as tempestades que coincidem com o batismo do milho, *Nhemongarai*, ritual praticado até hoje nos *Tekoa* com o significado de renovar a vida. Esse ritual é o batismo das crianças. O batismo do milho está presente até mesmo nas mais próximas aos centros urbanos. Sempre ocorre no verão, ou *Ara Pyau*: tempos novos, época que corresponde a colheita do milho, fortes chuvas e período de maior efervescência nos *tekoa*.

Assim, quando praticam o *Nhemongarai* vivem um ritual profundo de conectividade com a terra e com os alimentos, principalmente o milho. Simultaneamente celebram tempo de renovação e celebração às novas vidas Guarani por meio de sua religiosidade. Normalmente, além desses mitos e forte relação com a espiritualidade como guia de conduta e interpretação dos fatos, a participação ativa e consciente no fluxo da natureza permite uma maior integração a ela e a todos os elementos a sua volta. Nesse sentido, elementos relacionados à terra e à espacialidade, tais como agricultura, caça, relação do lugar escolhido para ficar e criar o *tekoa*, são alguns dos exemplos que descrevem a relação Guarani com seu ambiente. Há uma totalidade que unifica todas essas atividades sociais e de subsistência, promovendo um

significado mais amplo, existencial, ético e espiritual. Para eles, o solo por ser sagrado e vivo tem de ser compartilhado.

Nesse sentido, o termo e a maneira pela qual o Guarani estabelece suas relações permeiam não só o lugar, mas todas as reciprocidades (de dádivas ou de agressões) que extrapolam o espaço local de um *Tekoa* e que podem conectar diferentes aldeias, diferentes esferas dos cosmos e dos tempos. Uma liderança Guarani do Jaraguá diz:

O *Tekoa* envolve tudo. É chamado de *Tekoa* porque tem religião, tem espaço pra caçar, tem espaço pra pescar, tem espaço pra plantar. É um espaço de vivência guarani. Quando não tem o mato, não tem o rio, não tem nada. Não dá para o índio viver. A gente fala *Tekoa* porque tem religião também. (NOGUEIRA DA SILVA *apud* GALLOIS & MACEDO, 2018,p. 186).

“Envolver tudo” é, literalmente, tudo o que contempla a experiência no viver: as relações espaciais, espirituais, familiares e, portanto, as amizades, os animais, o meio natural, as estações do ano, todas as relações e espacialidades que atravessam a vida do *Tekoa*. Nesse sentido, a poética da vida e suas sensibilidades também pertencem a esse contexto. Como complementa Testa (2014) o *Tekoa*⁵¹ não é apenas um lugar físico. Portanto a palavra ‘aldeia’ pode simplificar o significado de *Tekoa*, que não está vinculado a limites espaciais – inclusive nos dias atuais, porque os Guarani moram e passam a maior parte do tempo no *Tekoa*: dormem, trabalham, socializam, rezam e estudam.

⁵¹ *Tekoa* é um substantivo impessoal formado pela palavra *teko* que, assim como *Tekoa*, segue a flexão xe+r7. O termo ‘*Nhanderekó*’ (*nhande*: pronome pessoal da primeira pessoa plural inclusiva, aqui com atribuição possessiva + ‘reko’) tem sido frequentemente traduzido como “nosso modo de ser/ viver” ou ainda, “nossa cultura/nosso sistema”. Testa defende que há alguns problemas nessas traduções e entende ser mais adequado substituir o “ser” por “estar”, porque, quando os *Mbya* usam o termo ‘reko’, parecem se referir a “modos de agir e não formas de ser”. Portanto, Testa usa a expressão “nossos modos de agir” para traduzir ‘*Nhanderekó*’.

CAPÍTULO 2 - A TERRA INDÍGENA DO JARAGUÁ E O *NHANDEREKÓ*

Para os Mbya, [...], “viver os mitos” como “experiência religiosa”⁵² não se distingue da vida cotidiana, pois o cotidiano está impregnado de relações míticas com o universo. Para colocar em prática o objetivo final, alcançar yvy mareey, que significa em termos reais a sobrevivência do povo mbya, é preciso viver um cotidiano determinado pelo mito. Nesse sentido, a religiosidade, advinda do relacionamento ou da convivência com as divindades - os pais das almas e as criaturas primordiais - permeia naturalmente os atos cotidianos.

(Ladeira, 2008 p. 73)

Este capítulo visa mostrar aspectos estruturantes do *Tekoa Ytu* no que diz respeito à vida em comunidade e à manutenção de seu *Nhanderekó*. Para tal, foi feito um recorte sobre a chegada dos Guarani, a formação dos seis *Tekoa* que compõem da TI Jaraguá e, principalmente, as práticas culturais realizadas, expressas por meio da religiosidade que “permeia naturalmente os atos cotidianos” (LADEIRA, 2008 p. 73). Esse capítulo introduz o contexto atual, apresentando questões relacionadas à demarcação para que se entenda algumas das principais questões fundiárias que circunscrevem o momento dos Guarani no Jaraguá e sua relação profunda e com a espiritualidade, por meio das suas mitologias e rituais, praticados regularmente nos dias atuais⁵³.

2.1. Os Guarani no Território do Jaraguá

Para dar um panorama sobre a densidade demográfica Guarani no território, apresenta-se o mapa a seguir (figura 7), mostrando a extensão da presença Guarani no território paulista, destacando-se a Serra do mar. Sabe-se que os Guarani-Mbya⁵⁴ estão no território paulistano muito antes de 1950, que é quando há documentação da presença desse povo no Jaraguá (NOGUEIRA DA SILVA, 2008, P. 20). De acordo com interlocutor IG 01, hoje, na Terra

⁵² Para Mircea Eliade, “viver mitos implica uma experiência verdadeiramente religiosa visto que se distingue da experiência vulgar da vida cotidiana” (ELIADE, 1963 apud LADEIRA, 2008). Segundo o autor, revive-se o mito por meio dos rituais que o envolvem. Daí a sua distinção com relação às demais atividades.

⁵³ Os próximos capítulos serão uma continuação desse o processo reflexivo acerca da construção dessa paisagem Guarani no Jaraguá.

⁵⁴ Como explicado na Introdução desta dissertação, optou-se por usar Guarani para se referir a Guarani-Mbya

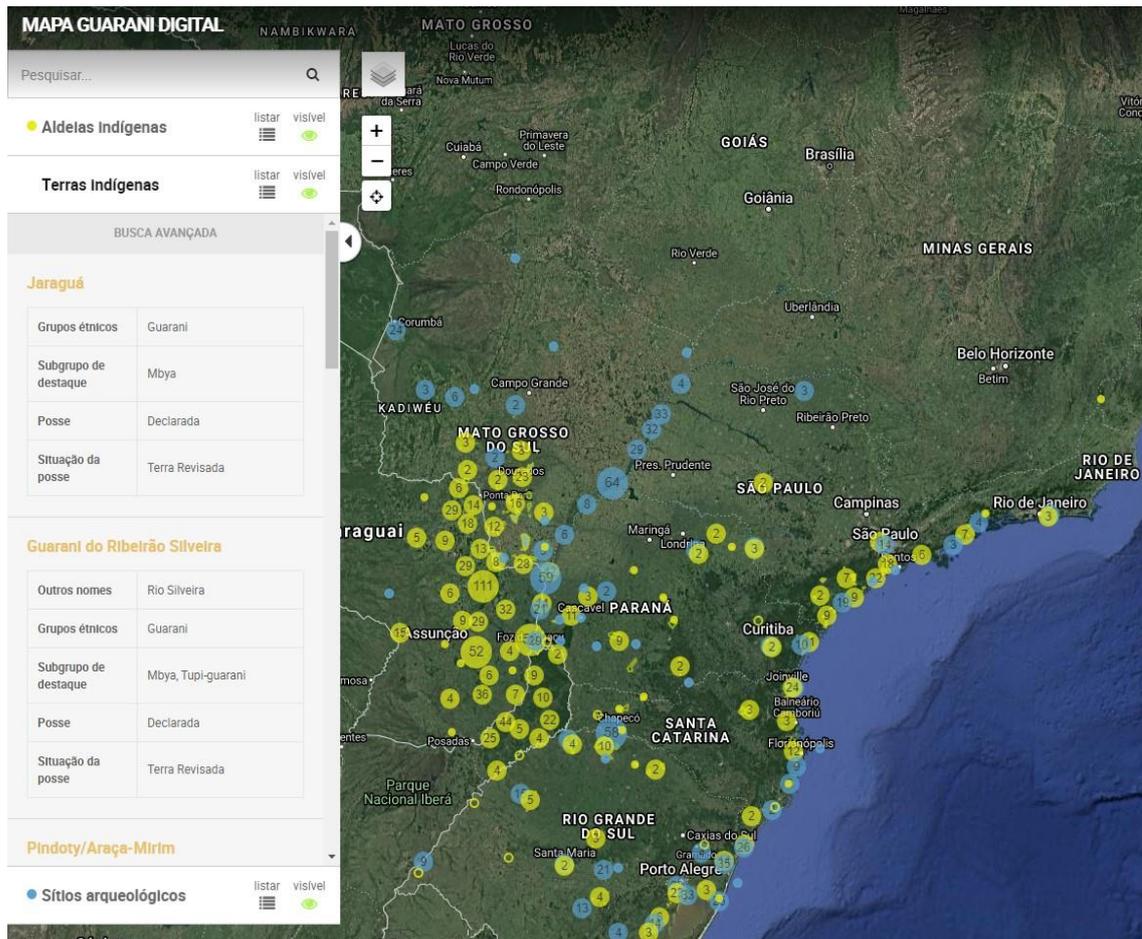
Indígena do Jaraguá vivem aproximadamente 600 indígenas⁵⁵. Numa escala maior, pela publicação do Mapa Guarani continental (2016), os Guarani⁵⁶ totalizam em 280 mil pessoas, sendo só no Brasil 85 mil e, dentre estes, pouco mais de 20 mil habitam as regiões Sul e Sudeste do país. O mapa digital⁵⁷ de 2017 mostra que há aproximadamente 170 Terras Indígenas Guarani apenas nas regiões Sul e Sudeste do Brasil. A quantidade de *Tekoa* nesta porção do país é grande, chegando até o território da Bolívia (figura 7). Pode-se ver, pela mancha amarela, a indicação de fluxos migratórios do Paraguai em direção ao Oceano Atlântico e ao leste. Tais deslocamentos são fundamentais para a sua cultura, como discutido no Capítulo 1 desta dissertação. Entretanto, o texto traz esses conceitos em diferentes momentos, por ser algo que se manifesta continuamente na vida Guarani e na resignificação do *Nhanderekó*.

⁵⁵ De acordo com o folheto digital produzido pela UBS Aldeia Jaraguá *Kwaray Djekupe*, a população da TI Jaraguá é composta de 573 habitantes (dados de 2020).

⁵⁶ Nota-se que aqui, "Guarani" está referindo-se a todos os falantes da língua Guarani, de todos os dialetos, incluindo os Mbya.

⁵⁷ Disponível em: <<http://guarani.map.as>>. Acesso em janeiro de 2020.

Figura 7: Presença de Aldeias Indígenas nas regiões Sul-Sudeste do Brasil



Fonte: Mapa Guarani Digital⁵⁸

Debruçando-se mais especificamente sobre a Terra Indígena do Jaraguá, que atualmente tem demarcada a área contínua de 532 hectares, 1928 km de perímetro, vemos que o local é cercado pelas rodovias Bandeirantes, Anhanguera e Trecho Oeste do Rodoanel e apresenta uma sobreposição parcial ao Parque Estadual do Jaraguá (PEJ), com aproximadamente 308 hectares (BRASIL, 2010)⁵⁹ (Figura 8). Apesar desta extensão e da área de 532 hectares ser reconhecida e demarcada, apenas 1,7 hectares estão homologados. Essa

⁵⁸ Disponível em: <<https://guarani.map.as>>. Acesso em setembro de 2020

⁵⁹ De acordo com o *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação*, determinado pela Funai pela Portaria 735/02/Pres, de 2010 para a TI Jaraguá.

homologação se deu em 14 de abril de 1987⁶⁰, portanto, antes da Constituição Federal de 1988. Note-se, na figura 8 (a seguir), a área de sobreposição ao Parque Estadual do Jaraguá (PEJ).

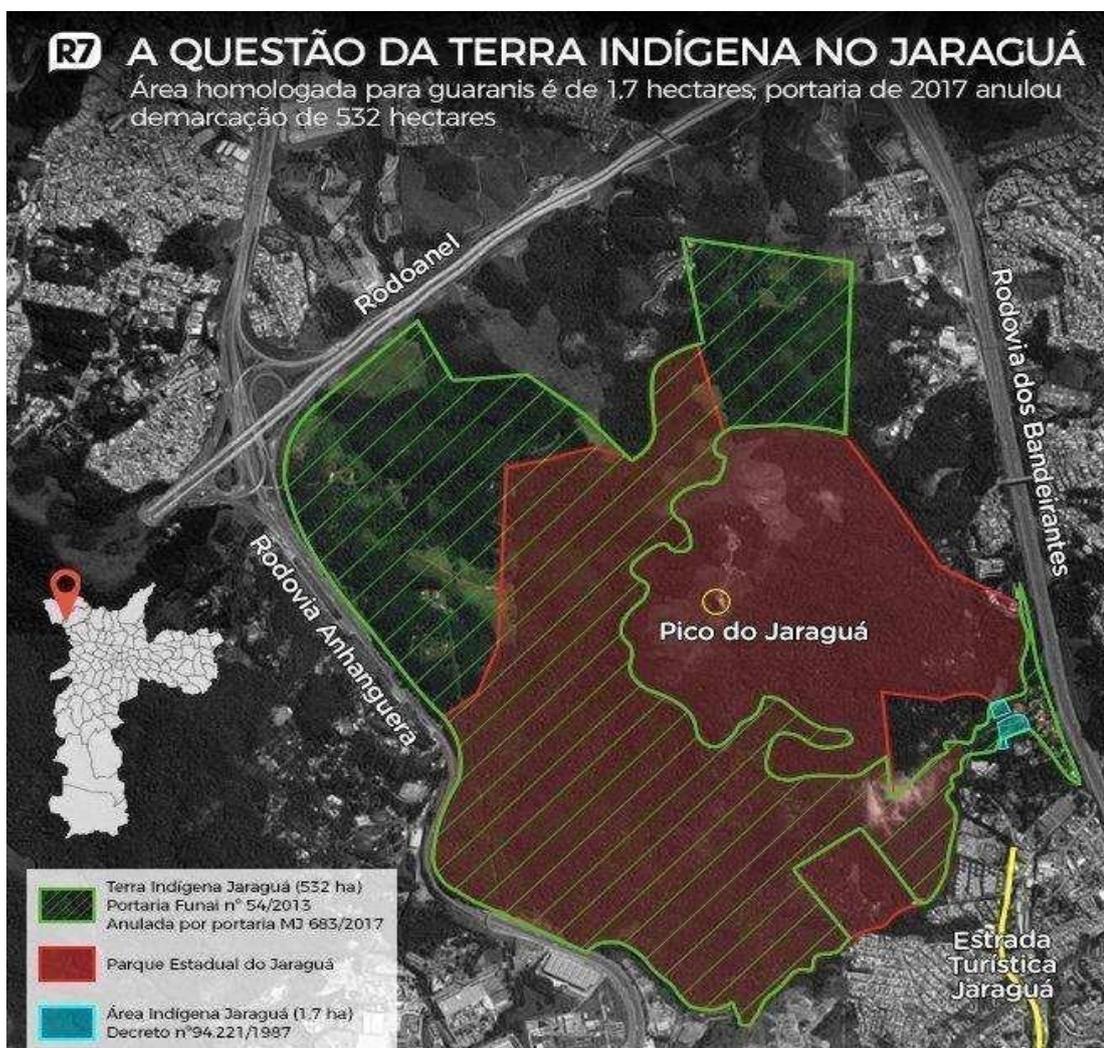
Em relação à questão fundiária, uma vez que, por meio da portaria 683, houve a anulação em 2017, a pedido do Ministério Público Federal, de duas portarias concedidas pelo Ministério da Justiça: a de número 544, em 30 de abril de 2013, delimitando 532 ha de área para os Guarani, e a portaria 581 em 29 de maio de 2015, declarando a posse permanente dessas terras. Em resposta e por meio de liminar, “a Justiça Federal de São Paulo suspendeu esta portaria 683 de anulação e anexou um novo o processo que aguarda julgamento”⁶¹ (PIRES, 2019, p. 51).

⁶⁰ A TI Jaraguá foi homologada pelo Decreto número 94.221, publicado no DOU em 15/04/1987.

⁶¹ Há grande disputa pela área da TI Jaraguá que ainda não foi homologada, principalmente porque há a intenção de se dar em concessão terras pertencentes à União e públicas, como por exemplo as do parque (PEJ). A região do entorno da TI Jaraguá também sofre forte cobiça pelo mercado imobiliário.

Figura 8: Terra Indígena do Jaraguá

Demarcação e sobreposição da TI sobre o Parque, rodovias e área homologada



Fonte: OBIN- Observatório dos direitos e políticas indígenas

A demarcação e homologação de Terras Indígenas é dever constitucional; é por meio delas que os Guarani garantem a preservação de seus costumes e do *Nhanderekó*, fundamental para a existência desse povo. Para além da manutenção de sua cultura, a permanência dos Guarani no Jaraguá contribui efetivamente para a preservação do que restou de Mata Atlântica, garantindo uma paisagem biodiversa e culturalmente singular⁶². Como abordado em maior

⁶² O capítulo 4 abordará esses aspectos culturais e biodiversos da paisagem.

profundidade no capítulo 4, a manutenção da mata ao longo da TI não se trata somente de uma demanda indígena, mas de impedir impactos negativos com magnitude metropolitana, inclusive levando-se em consideração a fundamental relevância em se preservar o que restou de biodiversidade na região. A importância desses biomas vai muito além de se proteger os costumes indígenas, o *Nhanderekó* Guarani e cumprir a Constituição Federal de 1988. Trata-se da proteção da saúde e do bem-estar da sociedade como um todo.

Com mais de 1.500 Km², a cidade de São Paulo está inserida no bioma da Mata Atlântica, que ocupa, aproximadamente, 40% do território paulistano. A preservação e a recuperação do bioma são de grande importância para todos nós, pois contribuem diretamente para a melhora na qualidade de vida da população. Alguns exemplos destes benefícios são a manutenção do ciclo hidrológico, a fertilidade do solo, a proteção das áreas de risco, a produção e a limpeza da água, a manutenção da qualidade do ar, o sequestro de carbono, o equilíbrio climático e a proteção da diversidade biológica da fauna e da flora. Reduzida a aproximadamente 7,84% de sua área original, a Mata Atlântica é um dos biomas mais ameaçados de extinção do mundo e, por isso, é considerado um *hotspot*⁶³, uma área natural com elevado grau de devastação e fragmentação, cujos fragmentos abrigam espécies raras de animais e plantas, e deve ser prioritariamente conservada. O cuidado com a Mata Atlântica se torna ainda mais importante quando sabemos que muitas das espécies existentes no bioma são endêmicas, ou seja, são animais ou plantas que não existem em nenhum outro lugar do mundo. (SÃO PAULO, SECRETARIA DO MEIO AMBIENTE, 2020)⁶⁴

Como consta no *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Funai* (BRASIL, 2010), até a década de 1980 ainda não havia a regularização das Terras Indígenas do Estado de São Paulo. Essa regularização foi possível com o convênio entre Funai⁶⁵ e Sudelpa (Superintendência de Desenvolvimento do Litoral Paulista), ao reconhecerem, por meio da Constituição Brasileira, a garantia de suas formas de “organização social, costumes, línguas, crenças e tradições” e o dever de serem protegidos e preservados pela União,

⁶³ De acordo com o glossário da Secretaria do Verde e Meio Ambiente (Disponível em: <www.prefeitura.sp.gov.br>, acesso em setembro de 2020), ‘*Hotspot*’ é um ambiente com alta biodiversidade, ou seja, rico em número de espécies, e altamente ameaçado pela ação do homem na natureza. No Brasil, a Mata Atlântica e o Cerrado são considerados *Hotspots*, pois sofreram grandes perdas de habitats e, devido a isso, possuem um alto risco de desaparecer.

⁶⁴ Disponível em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/meio_ambiente/pmma/index.php?p=191885>. Acesso em 22 de agosto de 2020.

⁶⁵ A Fundação Nacional do Índio é o órgão indigenista oficial do Estado brasileiro. Foi criado pela Lei 5.371, de 5 de dezembro de 1967. É vinculado ao Ministério da Justiça e Segurança Pública.

sobretudo, através do reconhecimento dos “direitos originários sobre as terras que tradicionalmente ocupam” (CF 1988, artigo 231 *apud* BRASIL, 2010, p. 18)⁶⁶. Portanto, homologar terras Guarani, considerando as atividades produtivas e preservação dos recursos físicos necessários para a manutenção de sua cultura, é dever constitucional. A relação Guarani com o território, cuja dimensão ecológica se faz indissociável, abrange toda a extensão da área onde vivem, o que inclui os lugares necessários para suas práticas relacionadas à manutenção do *Nhanderekó*.

A delimitação da TI Jaraguá foi feita tendo como base apenas o perímetro da alegada propriedade de um membro da Sociedade Geográfica Brasileira, a partir da década de 1960, ignorando-se o fato de que a região do Jaraguá já era tradicionalmente ocupada desde pelo menos a década de 1950, pela família de André Samuel dos Santos,

⁶⁶ De acordo com a Funai,

O processo de demarcação, regulamentado pelo Decreto nº 1775/96, é o meio administrativo para identificar e sinalizar os limites do território tradicionalmente ocupado pelos povos indígenas. Nos termos do mesmo Decreto, a regularização fundiária de terras indígenas tradicionalmente ocupadas compreende as seguintes etapas, de competência do Poder Executivo:

- i) Estudos de identificação e delimitação, a cargo da Funai;
- ii) Contraditório administrativo;
- iii) Declaração dos limites, a cargo do Ministro da Justiça;
- iv) Demarcação física, a cargo da Funai;
- v) Levantamento fundiário de avaliação de benfeitorias implementadas pelos ocupantes não-índios, a cargo da Funai, realizado em conjunto com o cadastro dos ocupantes não-índios, a cargo do Incra;
- vi) Homologação da demarcação, a cargo da Presidência da República;
- vii) Retirada de ocupantes não-índios, com pagamento de benfeitorias consideradas de boa-fé, a cargo da Funai, e reassentamento dos ocupantes não-índios que atendem ao perfil da reforma, a cargo do Incra;
- viii) Registro das terras indígenas na Secretaria de Patrimônio da União, a cargo da Funai; e
- ix) Interdição de áreas para a proteção de povos indígenas isolados, a cargo da Funai.

Em casos extraordinários, como de conflito interno irreversível, impactos de grandes empreendimentos ou impossibilidade técnica de reconhecimento de terra de ocupação tradicional, a Funai promove o reconhecimento do direito territorial das comunidades indígenas na modalidade de Reserva Indígena, conforme o disposto no Art. 26 da Lei 6001/73, em parceria com os órgãos agrários dos estados e Governo Federal. Nesta modalidade, a União pode promover a compra direta, a desapropriação ou recebe em doação o(s) imóvel(is) que serão destinados para a constituição da Reserva Indígena”.

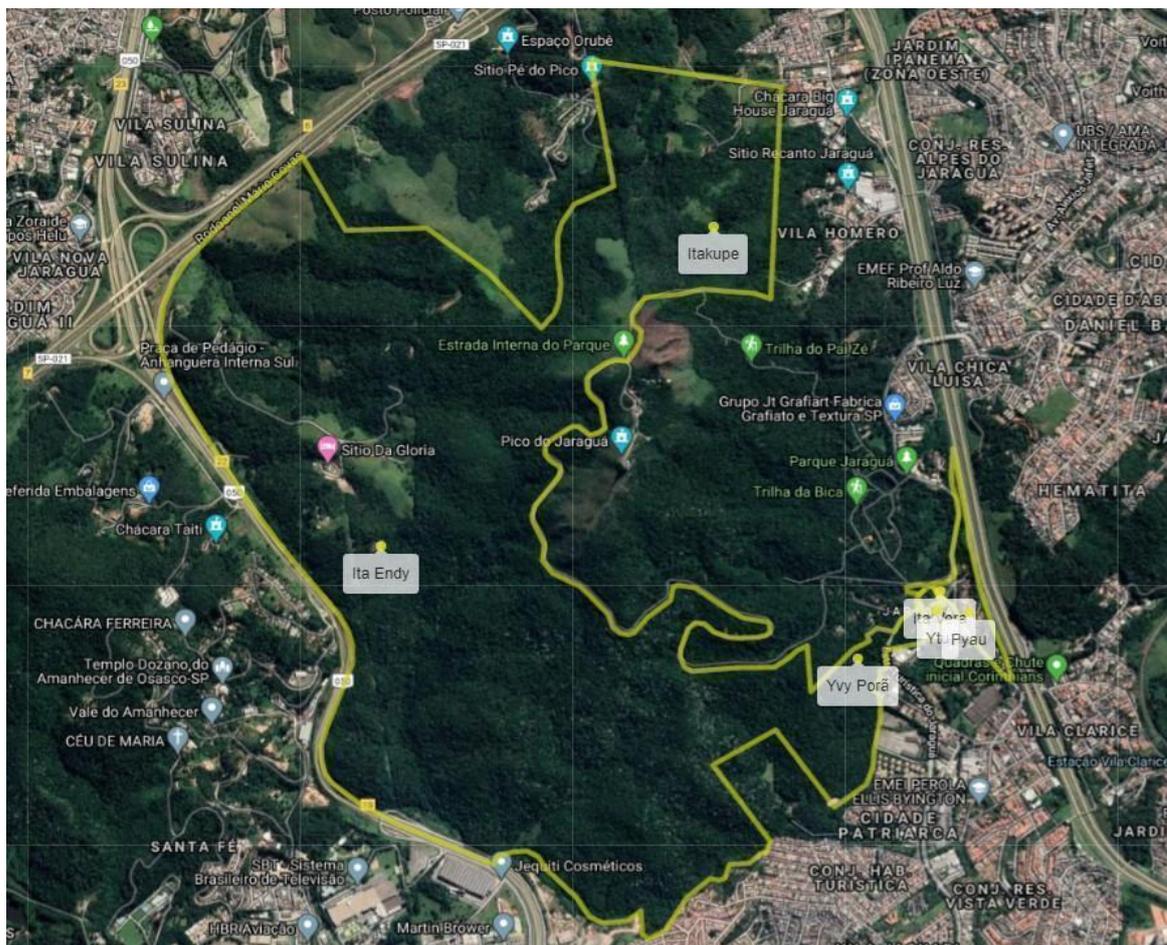
Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/2014-02-07-13-24-53>>. Acesso em 01 de janeiro de 2020.

portanto em época anterior à criação do Parque Estadual do Jaraguá e à construção da Rodovia dos Bandeirantes. (Brasil, 2010, p. 18)

A homologação da TI Jaraguá, que ocorreu em 1987, não considerou a área total de uso desse povo ou onde havia significado histórico e cosmológico para os Guarani, o que, como explica o *Relatório Circunstanciado de Identificação e Documentação da Terra Indígena do Jaraguá*, é de fundamental importância para “a sua reprodução física e cultural, direitos esses que seriam reconhecidos aos indígenas em 1988 com a promulgação da nova Carta Constitucional” (Brasil, 2011, p. 144). A homologação da TI Jaraguá foi feita apenas observando os espaços onde havia casas construídas, com área de duas Glebas de 1,2 ha e 0,5ha separadas pela Estrada Turística do Jaraguá e que hoje correspondem somente a área do *Tekoa Ytu/ Itaverá* (figura 8). Portanto, essa área homologada não contempla os outros 5 núcleos (*Tekoa*) onde vive a maior parte dos Guarani da região (figura 9) e os espaços por eles utilizados, com seus significados históricos e cosmológicos⁶⁷.

⁶⁷ O local onde está indicado o *Tekoa Pyau*, na verdade, está sobrepondo 3 outros *Tekoa*: *Itavera*, *Pyau* e *Ytu*.

Figura 9: Os seis Tekoa Guarani no Jaraguá



Fonte: Mapa Guarani Digital⁶⁸

2.2. Chegada documentada dos Guarani no Jaraguá

Para descrever a chegada e a permanência Guarani no Jaraguá, muitos interlocutores afirmam que os primeiros Guarani a se estabelecerem na região foram o casal Joaquim e Jandira Augusto Martim, no início dos anos de 1960, época que coincide com a criação do Parque Estadual do Jaraguá (PEJ). Entretanto, o *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da TI Jaraguá* (BRASIL, 2010) mostra, por meio de depoimentos dos próprios Guarani, que a família de André Samuel dos Santos, primo de Joaquim Augusto Martin, já

⁶⁸ Disponível em: <<https://guarani.map.as/>>. Acesso em fevereiro de 2020.

estava no Jaraguá antes da chegada do casal Joaquim e Jandira (NOGUEIRA DA SILVA, 2008, p. 20).

Contudo, foi no início dos anos de 1960 que o casal Jandira e Joaquim Augusto Martim formaram o *Tekoa Ytu*⁶⁹, localizado na rua Comendador José de Matos, 450, Estrada Turística do Jaraguá (Figura 9). Por estar na parte baixa de uma área íngreme esse *Tekoa* é conhecido por “Aldeia de Baixo”. Tanto a presença de Mata Atlântica, quanto a prévia existência de moradores Guarani no local, são condições auspiciosas desejadas para que se constitua um *Tekoa* “aldeia ou local de moradia onde se vive de acordo com o modo de vida tradicional tal como concebido pelo coletivo” (Brasil, 2011, p. 144). Entretanto, é importante notar que para se certificar da presença dessas características e suas autenticidades, houve várias visitas de Sr. Joaquim para averiguar se a região seria propícia para seu estabelecimento e de sua família⁷⁰.

No início dos anos de 1960, após averiguar qual local seria adequado, o casal Sr. Joaquim e Dona Jandira Martim, juntamente com sua família, se estabeleceu no Jaraguá. Eles deram início à formação do *Tekoa Ytu*, que no futuro seria conhecida como a menor Terra Indígena do Brasil (Funai). Dentre as muitas versões sobre a chegada e o estabelecimento dos Guarani no Jaraguá, a contada⁷¹ pela interlocutora IG 06, filha de Joaquim e Jandira Martins e moradora do TI Jaraguá, descreve como eles saíram da Cidade Dutra. Por meio desse relato, percebe-se importantes aspectos culturais relacionados à personalidade de Sr. Joaquim:

A gente morava na cidade Dutra na casa abandonada e meu pai [Joaquim Augusto Martins] atendia os indígenas doentes de todo Brasil. A gente foi parar no Jaraguá mesmo porque ele pegou uma família, só que a família toda tava com tuberculose. Entendeu? Aí ele levou todos pro hospital e ficou três ou quatro dessa família internado. Só que uma dessas crianças não chegou a tempo, chegou em óbito. O pai

⁶⁹ Todo o assentamento Guarani onde moram em família é considerado *Tekoa*. Como visto no início desta dissertação, ‘*Teko*’ significa “modo de vida” e ‘*A*’ significa “lugar”. Portanto, mesmo que muitos *Tekoa* não tivessem nome definido no passado ou mudassem de nome, e hoje possuem nome estabelecido, isso ocorre, por uma questão burocrática, para poderem ter assistência do Estado. Isto também ocorre pela necessidade de diferenciação entre *Tekoa* (relações políticas). (Conversa com Fábio de Nogueira da Silva, 28/03/2020)

⁷⁰ Como consta no *Relatório Circunstanciado de Identificação e Documentação da Terra Indígena do Jaraguá* (Brasil, 2011, p. 117) e também relatado pela interlocutora IG 06, filha do casal Martim. A família Martim se estabeleceu neste local por convite do Sr. Fausto Ribeiro de Barros, presidente da Sociedade Geográfica Brasileira

⁷¹ Como explica Keese dos Santos, ter relatos sobre pessoas que já estão mortas é muito difícil, porque, para os Guarani, é incômodo falar de falecidos. Além de gerar sentimento de saudades, os Guarani acreditam haver a possibilidade de o espírito do falecido querer voltar, fato que é relacionado a enfermidades espirituais.

dessa criança começou a brigar com meu pai. Aí meu pai falou que não ia tirar [do hospital] a outra criança que estava sendo tratada. Só que um dos filhos dele tinha morrido e ele ficou com medo. Aí chegou com a criança em casa e a criança entrou em óbito. Aí você já sabe né? Deu óbito em casa, já deu polícia pra saber se a criança tinha sido mal tratada, se foi assassinada, deu aquela perícia toda né? Aí saiu confusão. Aí seu Fausto Ribeiro de Barros, presidente da Sociedade Geográfica Brasileira, viu a notícia e ficou com dó do meu pai. Aí ele falou pro meu pai: lá no Jaraguá não é uma aldeia, mas eu posso te levar pra cuidar de um local onde tiraram o primeiro ouro do Brasil. O local chama tanque de ouro, é tanque de pedra, mas é o local onde tiraram o primeiro ouro do Brasil. Aí meu pai aceitou e agente foi embora pra lá. Foi em 1964, eu lembro porque eu tinha 10 anos. (Relato com interlocutora IG 06 em conversa com a autora dia 13/10/2019)

Figura 10: Tekoa Ytu - Rua comendador Jose de Matos e terreno acima, onde hoje fica o Tekoa Pyau

José Fernandes de cabelos compridos e Sr. Joaquim do outro lado do homem que está no meio



Fonte: CTI - Arquivo Maria Inês Ladeira (data desconhecida, estima-se final dos anos 1970)

Dentre os aspectos mais marcantes desta narrativa, está a descrição da personalidade do Sr. Joaquim Augusto Martins como sendo um sujeito com múltiplas aptidões. Esse hibridismo, que começa em Sr. Joaquim, se expande para seus filhos e netos e, possivelmente, é o que torna o *Tekoa Ytu*, um lugar com características marcadas por seu início. Portanto, o hibridismo cultural está presente desde o começo da formação do *Tekoa Ytu* e fornece muitos dos indícios do perfil que a TI Jaraguá assume hoje e sua relação com o entorno. Há outras narrativas

apontando diferentes especificidades da trajetória de Sr. Joaquim e Dona Jandira. Entretanto, todas falam sobre a personalidade de Sr. Joaquim com grande aptidão para resolver problemas, ser muito carismático e hábil em conversar com não-indígenas, por dominar a língua portuguesa e ter sido criado por não-indígenas. Na época não havia internet e a maioria dos *tekoa* não possuía luz elétrica, muito menos televisão. Portanto, a maior parte dos Guarani tinha pouco contato com a cultura não-indígena. Como a cultura não-indígena e seus modos de comunicação eram menos presentes na vida cotidiana Guarani, alguém que fizesse o papel de interlocutor era de grande utilidade. As aptidões de Sr. Joaquim foram essenciais para ajudar parentes a obterem seus documentos, e toda gama de burocracias e problemas e principalmente para começarem a conhecer e reivindicar seus direitos.

Uma das histórias sobre o falecido Sr. Joaquim que era nascido em Bagé, Rio Grande do Sul, (NOGUEIRA DA SILVA, 2008, p. 26) conta que, quando a família de Sr. Joaquim vinha numa comitiva e a pé⁷², até São Paulo, Sr. Joaquim, na época uma criança de aproximadamente 9 anos, adoeceu. Sua família o deixou internado em um hospital em Sorocaba e seguiu rumo à aldeia do Rio Branco (em Itanhaém, litoral de São Paulo). Após Joaquim estar curado, foi adotado por um casal de alemães cristãos e, de acordo com os interlocutores IG 01 e IG 02, isso explica o porquê de Sr. Joaquim ter tido uma educação cristã⁷³. Muitos interlocutores, netos de Sr. Joaquim também falam de sua prática como curandeiro, produzindo garrafadas medicinais, algo que se somava e, talvez, se contrapusesse à sua formação cristã: “meu avô tinha as duas culturas, fazia garrafadas, curava as pessoas numa casinha que ficava ali, que era que nem uma casa de reza (interlocutor mostra um local afastado das edificações atuais no *Tekoa Ytu*)”. Como mostra a fala do interlocutor IG 01, Sr. Joaquim nunca deixou sua cultura Guarani, mesmo tendo sido criado por não-indígenas.

⁷² Como visto no primeiro capítulo os deslocamentos a pé por longas distâncias são característicos da cultura Guarani

⁷³ Esses relatos mostram o porquê Sr. Joaquim criou os filhos também na crença cristã, e talvez por isso hoje haja até uma igreja dentro do *Tekoa Ytu* comandada por um de seus filhos. Sr. Joaquim aprendeu a lidar com a burocracia de instituições públicas tais como as de hospitais, postos de saúde e delegacias (Silva, 2008; 28) o que possibilitou que ele ajudasse, durante toda sua vida adulta, muitos indígenas em seus trâmites burocráticos, principalmente depois de casado com Dona Jandira, quem ele conheceu na Aldeia *Aguapeú*, em Mongaguá.

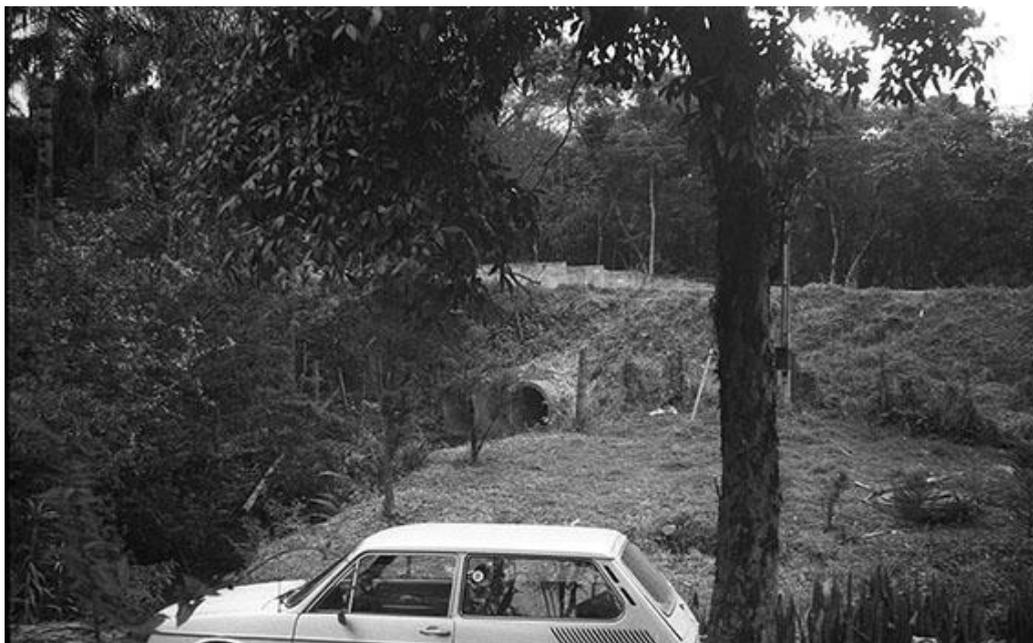
2.3. O Cotidiano no *Tekoa Ytu*, a formação de outros *Tekoa* e seu sedentarismo

Em meados dos anos de 1960, o cotidiano no *Tekoa Ytu* era similar ao de outros *Tekoa* localizados em demais regiões. Filhos mais velhos eram responsáveis por prover o alimento para suas famílias. Normalmente, tinham trabalhos autônomos informais fora do *Tekoa*, como serviços de obra, marcenaria ou produzindo remédios com ervas medicinais e artesanato para venda no bairro e no centro de São Paulo. O entorno ainda era de mata contínua e os indígenas a usavam sem impedimento para suas práticas agrícolas. Havia pequenas roças em torno do *Tekoa Ytu*, onde cultivavam milho, batata doce, mandioca e também plantas para a fabricação de artesanatos, como o cipó.

A região era composta por muitas terras não-ocupadas e pertencentes à União. Nesta época não havia a Rodovia dos Bandeirantes (inaugurada em 1974) e a rua asfaltada que corta os *Tekoa Pyau* e *Ytu* era apenas um caminho de terra. Nota-se que o *Tekoa Pyau* ainda não existia, pois foi estabelecido apenas nos anos de 1990. O Ribeirão das Lavras, que corre junto ao *Tekoa Ytu* e hoje é poluído por esgoto, “era abundante em peixes e a mata livre e farta para caça”⁷⁴, conforme informa Karaí Poty interlocutora de Nogueira da Silva (2008, p. 33). Esses espaços são hoje, em maioria, lotes fechados por muros e terrenos, cobiçados por grandes empreendedores imobiliários.

⁷⁴ Importante lembrar que a caça, entre os Guarani, é realizada apenas em determinada época do ano, quando os animais não estão procriando, isso ocorre no período chamado Ara Ymã, ou inverno, depois que acaba a época das lavouras. Esse tempo, para os Guarani, é de recolhimento, de ficar na Aldeia e esperar o Ara Pyau, volta do verão]. IG 02 e texto presente nos cartazes do Ceci do *Tekoa Pyau*)

Figura 11: Terreno do *Tekoa Ytu*, anos 1980. O Ribeirão das Lavras aparece pelos canos aparentes



Fonte: CTI - Arquivo Maria Inês Ladeira, 1980.

Passaram-se muitos anos após a constituição do *Tekoa Ytu* para que outras famílias Guarani, gradativamente, se juntassem a eles e formassem outros cinco *Tekoa*. A multiplicação dos *Tekoa* aconteceu na seguinte ordem cronológica: *Tekoa Ytu* (Aldeia da Cachoeira), início anos de 1960; *Tekoa Pyau* (Aldeia Nova), 1990; *Tekoa Itawera*, 2012; *Tekoa Itakupe* (Aldeia Atrás da Pedra), 2013; *Tekoa Itaendy* (pedra cristal), 2016; *Tekoa Yvy Porã* (terra boa/ bela), 2018 (Figura 9). Como se pode perceber, entre os anos de 1960 até os de 1990, havia apenas o *Tekoa Ytu* no local, os outros *Tekoa* são mais recentes e fazem parte de um processo atual de táticas de retomada de seu território. Esse processo, será melhor descrito no quarto capítulo, pelo exemplo da formação do *Tekoa Yvy Porã* (2018), o último a ser constituído.

Apesar da mobilidade continuar sendo uma prática constante para os Guarani, isso não acontece da mesma forma com relação aos *Tekoa*. O *Tekoa Ytu* permanece no mesmo local desde sua fundação, há quase 60 anos, e, atualmente, não há a prática de mudar os *Tekoa* de lugar, como havia no passado. Esta permanência no mesmo local acontece como tentativa em garantir que terras conquistadas por meio de demarcação e homologação sejam preservadas e assim também os direitos adquiridos. Como colocado por muitos antropólogos estudiosos do povo Guarani, dentre eles Maria Inês Ladeira (2001) e Adriana Queiroz Testa (2014), os Guarani não são um povo nômade, os deslocamentos de seus *Tekoa* tem outra natureza,

conforme já apontado nesta dissertação. Portanto, hoje, os Guarani, mesmo vivendo em um *Tekoa* “sedentário”⁷⁵, e que, portanto, não muda de lugar, vivenciam a mobilidade de outra forma: não apenas se mudam de *tekoa*, mas também mudam o local de suas casas dentro do *tekoa*. Fica evidente não se tratar de um povo estático; é por meio de fluxos e movimentos constantes que as espacialidades se alteram tanto no que diz respeito aos *Tekoa* já conquistados, quanto ampliando seu alcance por meio de novas retomadas como táticas pelo direito de manter o *Nhanderekó* (modo de vida Guarani)⁷⁶.

Apesar da TI Jaraguá ser uma comunidade onde há coesão associada à fortaleza cultural Guarani (COSTA, 1989), cada um dos seis *Tekoa* tem sua própria autonomia. Eles realizam seus rituais espirituais separadamente em suas próprias casas de rezas (*Opy*); além disso, cada *Tekoa* conta com lideranças e dinâmicas políticas internas distintas. Para além de suas dinâmicas internas e especificidades, a ligação entre os seis *Tekoa* do Jaraguá e entre outras Terras Indígenas Guarani cria teias de reciprocidade, amizade e reprodução das relações de parentesco. A ocupação espacial e simbólica existe de acordo com um contexto no qual a “aldeia deve ser análoga e correspondente na macroescala ao papel que a família representa na microescala” (COSTA, 1989, p. 227).

2.4. Parceria entre os *Tekoa* e reflexões sobre mobilidade Guarani

O deslocar-se como forma de apreensão do espaço e de conhecimentos, troca de saberes e afetividades é parte estruturante da cultura Guarani. É por meio do fortalecimento das reciprocidades entre os Guarani que formas de proteção e manutenção de seus saberes se manifestam. Ao viajarem por diferentes *Tekoa*, levam conhecimento, trocam sementes e artefatos, criam dinâmicas de intercâmbio, estreitam relações e vivenciam essas conexões e os fluxos que estes movimentos propiciam. Criam-se, assim, formas de resistência, expressas principalmente, nesse caso, pelo percurso entre os *Tekoa* e seus vínculos afetivos⁷⁷. Hoje,

⁷⁵ Termo usado pelo interlocutor IG 01 para descrever a situação do *Tekoa Ytu* hoje por não poder se deslocar para outro lugar e por precisar preservar o direito conquistado de Terra Indígena homologada.

⁷⁶ Esse reflexo das transformações no território será melhor abordado no capítulo 4.

⁷⁷ Como já mencionado na página ... A Antropóloga Adriana Queiroz Testa está desenvolvendo um trabalho sobre os deslocamentos Guarani e suas redes de parentescos nos últimos anos. Este trabalho, ainda não publicado, foi

mesmo perante o “sedentarismo” dos *Tekoa* e suas mudanças pelo território em restrição, a mobilidade do povo Guarani e de seus saberes continua viva e ativa.

Na TI Jaraguá, como explica o interlocutor IG 01, a coesão social e parcerias entre os *Tekoa* são muito presentes⁷⁸. Para o povo do *Tekoa Ytu* isso ocorre, por exemplo, quando precisam de espaços maiores e com áreas propícias para fazer plantio e ensinar as crianças. Então esses intercâmbios muitas vezes ocorrem como mutirões para a realização de atividades pontuais relacionadas a oficinas, que ensinam saberes relacionados a cultura Guarani. Um desses projetos é a atividade de horta realizada pelos alunos e professores da escola do *Tekoa Ytu* que será abordada no próximo capítulo.

Apesar da coesão e vida comunitária, expressa por relações de parentesco entre os moradores de diferentes *Tekoa*, amizades e projetos comuns, mutirões de plantações e ensino das crianças, há também projetos para unir suas forças na luta por seus direitos constitucionais. Dentre as mais recentes estão as reuniões e manifestações em resposta aos empreendimentos imobiliários que estão sendo lançados na região. Entretanto, e com mais frequência, há também reuniões conjuntas sobre o rumo da educação indígena, saúde, entre outros assuntos, a fim de os Guarani definirem questões que afetam o coletivo. Quando acontece algum problema em qualquer *Tekoa*, as lideranças se unem para resolvê-lo em conjunto, como explica o interlocutor IG 01:

Cada *tekoa* tem sua autonomia, mas, por exemplo, se tem algo que sai do controle de um *Tekoa* e tá precisando, então a gente ajuda. Todo mundo faz uma grande assembleia. Teve uma vez que uma liderança, ela começou a trazer parcerias com outras pessoas, trazer outras etnias pra morar, porque por mais que seja uma aldeia, não dá pra colocar outras etnias junto. Já tem *Juruá* [não-indígena] que mora junto, que foi casado [com algum Guarani]. Essa liderança começou a trazer outras etnias, bastante... E começou a ter conflito entre eles mesmos. Aí a gente teve que intervir. Nós todos chamamos essa liderança e esses parceiros deles e falamos: não estamos concordando com esses projetos de vocês e a gente não quer que essa liderança seja mais liderança de lá. A Gente vai colocar outra liderança e colocamos. (Conversa com Interlocutor IG 01, *Tekoa Ytu*, 13/02/2020)

apresentado no seminário Quintas Ameríndias, FAU-USP, em 21 de novembro de 2019, com o título: *Parentesco, Política e Território Guarani Mbya*.

⁷⁸ Apesar de haver dissidências e fissão de grupos quando observa-se a formação dos *Tekoa* Guarani no Jaraguá.

Esse exemplo mostra claramente que, apesar de cada *Tekoa* ter sua autonomia em relação aos rituais e política internas, existem valores em comum, que ajudam a estruturar a forma como devem se comportar enquanto povo no Território. A parceria e interação entre eles acontece também em rituais e celebrações específicas, que são realizados marcando a passagem do tempo e observando os ritmos da natureza, tão importantes para sua visão de mundo e cosmogonia.

2.5. Subsistência e a agricultura como prática educativa e ritualística

Um outro aspecto que fortalece os Guarani como povo, de acordo com Lucas Keese dos Santos, está na esquivada do *xondaro* (KEESE DOS SANTOS, 2016). O *xondaro* é o protetor da aldeia e do modo de vida Guarani; assim, o convívio crescente com os não-indígenas gera um contraponto intencional por parte deste povo. De acordo com Keese dos Santos, a manutenção do modo de ser Guarani, aparece, em alguns casos, auxiliado por meio da esquivada⁷⁹ do *xondaro*. “A esquivada, mais que um movimento corporal essencial nessas danças-lutas [...], aponta para um modo de ser, uma ética, *um modo de agir politicamente*” (KEESE DOS SANTOS, 2016, p.37). Nesse sentido, ao se esquivarem do mundo dos não-indígenas, marcam suas diferenças e, assim, evidenciam o *Nhanderekó*. Importante lembrar que, ora há apropriação dos meios não-indígenas e ora há as “esquivadas” das quais o Keese dos Santos fala. Esse contraponto faz parte de táticas políticas de proteção dos seus costumes.

é possível entendermos [...], como parte de um complexo movimento eficaz em esquivar-se das forças materiais e simbólicas da colonização e não uma mera influência delas. Ao contrário, trata-se de algo deveras sofisticado, pois, enquanto esquivada cosmológica, é a apropriação subordinante de parte dos movimentos de colonização (e do mundo dos brancos em geral) que vão garantir sua eficácia, isto é, a reprodução dessa boa distância de diferenciação. (KEESE DOS SANTOS, 2016, p. 232)

Uma das maneiras de se apropriar das “forças materiais simbólicas da colonização” está nos trabalhos executados pelos Guarani dentro dos *Tekoa*. Hoje, muitos indígenas recebem sua renda através de trabalho remunerado nos equipamentos públicos localizados dentro do *Tekoa*,

⁷⁹ Segundo Keese dos Santos, “esquivada é ‘*jeavi uka*’, que literalmente significa “fazer errar”, “provocar engano” (KEESE DOS SANTOS, 2016, p. 37)

como os da escola e na UBS, que serão descritos no próximo capítulo desta dissertação. Além dessa forma de obtenção de recursos, há os que recebem aposentadoria, fabricação e venda de artesanato, palestras, bem como programas assistenciais, como o Bolsa Família, e projetos pontuais específicos⁸⁰. No passado, parte fundamental da autonomia indígena esteve associada a práticas agrícolas de subsistência. É importante reiterar o caráter plural dessas práticas, que propiciam relações com seres múltiplos, divindade e alguns dos princípios mencionados no capítulo anterior, que expressam a percepção sistêmica que os Guarani têm com o meio.⁸¹

Por muitos motivos relacionados à falta de espaço e rotina atual, práticas agrícolas deixaram de fazer parte da rotina dos Guarani e passaram a ter um caráter educativo e ritualístico, como acontece no Jaraguá, mais especificamente, no *Tekoa Ytu*. Muitos mutirões e iniciativas para plantações, como a atividade de horta com as crianças (figura 8) e o apiário, além de bioconstrução, oficinas de artesanatos entre outras atividades, acontecem de forma pontual, mas não menos importantes. Elas, inclusive, fortalecem o *Nhanderekó*, uma vez que ensinam as crianças, treinam as jovens lideranças e os não-indígenas interessados nesse tipo de educação ambiental. Além disso, essas atividades podem trazer recursos financeiros para os *Tekoa*.

⁸⁰ Informação concedida por uma profissional da UBS.

⁸¹ Ao longo da construção desta pesquisa, notou-se a falta dessas práticas como forma principal de subsistência nos *Tekoa* não só do Jaraguá, mas também nos *Tekoa* visitados: Rio Silveira e Boa Vista com exceção de *Tenondé Porã* que tem muitas plantações extensas, mesmo assim insuficientes para manutenção da comunidade toda. Os *Tekoa* que ficam sobrepostos à parques estaduais, apesar de terem espaço, são impossibilitadas pela fiscalização dos parques de usarem os territórios indígenas para suas práticas, como caça, coleta de materiais e mesmo plantações (O *Tekoa de Paranapuã*, visitado em julho de 2019, é um destes lugares).

Figura 12: Grupo de plantio Nhandoty⁸² no Tekoa Itakupé



Fonte: Regina Yassoe Fukuhara, integrante do grupo *Nhandoty* (fevereiro, 2020)

Algumas lideranças e moradores do *Tekoa Ytu*, que hoje se denominam como a “terceira geração” (netos de Jandira e Joaquim), buscam um “resgate do que consideram importante para sua ‘guaranidade’” (NOGUEIRA DA SILVA, 2008, p. 35). É perceptível essa preocupação em preservar sua cultura: muitos que não aprenderam o Guarani quando crianças estão aprendendo, usam frequentemente o *petyngua* (o cachimbo que tem forte ligação a religiosidade), frequentam a casa de rezas (*Opy*) e buscam, por meio de contato com *xeramoï* e com os mais velhos, pôr em prática os aprendizados que esse convívio implica. O local onde a maior parte destas instruções ocorrem é no *Opy*. Lá se reúnem para aprenderem a cantar e dançar: *mboraei* e o *joroky*; também é nesse local que se planeja o rumo da comunidade.

2.6. Descrição de rituais

A manutenção do *Nhanderekó* está diretamente relacionada com sua mitologia:

⁸² *Nhandoty* significa “vamos plantar, plantemos”.

Para colocar em prática o objetivo final, alcançar *yvy mareey*, que significa em termos reais a sobrevivência do povo mbya, é preciso viver um cotidiano determinado pelo mito. Nesse sentido, a religiosidade, advinda do relacionamento ou da convivência com as divindades. (LADEIRA, 2008, p. 73)

Dentre os rituais importantes para fortalecimento da cultura Guarani e manutenção do *Nhanderekó* praticados nos dias atuais, há dois principais. O primeiro é o *Ka'á'í nhemongarai*, batizado da erva mate, que ocorre no final da primeira lua em agosto, época do ano que corresponde ao *Ara Yma*. Na cultura Guarani, como explicado no primeiro capítulo, há apenas duas estações do ano: *Ara Yama e Ara Pyau*, inverno e verão respectivamente. Portanto, como já explicado, *Ara Yama* representa tempos antigos, inverno, época que vai de março a novembro. Essa época é o período quando fazem reformas da casa de reza, o *Opy*, e quando plantam o milho (*avaxi etei*). É também neste período do ano que os pássaros botam os ovos para serem colhidos na outra estação, a *Ara Pyau* (Tempos Novos, ou verão). De acordo com cartazes colocados dentro do CECI (Centro de Educação e Cultura Indígena, localizado no *Tekoa Pyau*), ao final da sexta lua de *Ara Pyau* o sol atinge seu ponto mais alto no céu, indicando que *Ara Yama* está chegando; tempo é de recolhimento, aquietamento e espera por *Ara Pyau*. Quando chega *Ara Pyau*, época que vai de dezembro a fevereiro aproximadamente, é quando há fortes chuvas e calor. (LADEIRA, 2001, p.104). Durante o *Ara Pyau* muitas festas e cerimônias são celebradas e os Guarani encontram-se todos os dias no *Opy* para aprender o *mboraei* e o *jeroky*, que são cantos e danças Guarani.

Quando chegam as tempestades de verão, Tupã passeia sobre a Terra (*tupakuery o-guata*), permitindo aos homens que se comuniquem com Nhanderu. Neste momento ocorre o mais importante *Nhemongaray*, ocasião em que são atribuídos os nomes às crianças, revelados pelos *Nheeru Ete* (pai das almas) em sonho ao *xeramoi*. Cada pessoa é uma palavra sonhada. (Cartaz colocado na escola para as crianças Guarani no *Tekoa Pyau*, fevereiro 2020)

No *Tekoa Ytu*, normalmente em fevereiro e marcando o *Ara Yama*, os Guarani realizam um ritual importante, o *Nhemongarai*⁸³. Este ritual acontece no *Opy* do *Tekoa* e é orquestrado

⁸³ Dia 2 de fevereiro de 2019 a autora participou do *Nhemongarai* no *Tekoa Ytu* e foi batizada com o nome de *Araju Mirim* (dia de sol) pelo *xeramoi* Elias, que passou a ser seu padrinho. As descrições dos rituais a seguir são os resultados das experiências em campo realizadas pela autora.

pelo *xeramoi* (líder espiritual). No *Tekoa Ytu*, como não há um *xeramoi* morando na aldeia, normalmente convida-se algum *xeramoi* de outro *Tekoa* para conduzir esses rituais. Nos *Nheemongarai*, há a presença de *xondaro* e *xondaria* de outros *Tekoa* do Jaraguá, jovens lideranças políticas e muitos não-indígenas que também participam. O número de *juruá* (não-indígenas) participando pode variar e, normalmente, são pessoas convidadas por moradores e lideranças Guarani. Nos rituais em que a autora participou, entre os anos de 2017 a 2020 nos diferentes *Tekoa* da TI Jaraguá, entre os indígenas Guaraní presentes, muitos eram mestiços e o português a língua mais falada nas conversas paralelas. Mesmo assim, o ritual seguia o protocolo usual e as danças e cantos em Guarani eram contínuos e intensos, durando horas.

Conforme os cantos avançavam noite adentro, as danças aumentavam e o ritmo, com exceção de alguns momentos, quando alguém, ou alguma criança, sentava-se próximo ao *amba* espécie de altar guarani, em um banco colocado ali para esse propósito. A pessoa ou criança que estiver doente, física ou espiritualmente senta-se com o rosto voltado para o Leste e o *xeramoi* que é o rezador principal, faz uma limpeza pelo corpo dessa pessoa, soprando fumaça sobre sua cabeça e partes do corpo e, muitas vezes, chupando sua pele, passando a mão com delicadeza sobre as costas, braços ou pernas como se estivesse verificando possíveis doenças na pessoa. Esse procedimento se repete muitas vezes, até que o *xeramoi* sinaliza sua finalização. Muitas vezes, após retirar as impurezas, o *Xeramoi* vomita e titubeia até cair no chão. Nesse momento, algum *xondaro* sopra fumaça em sua cabeça e o segura, até que o *xeramoi* retorne a um estado firme e consciente. A esposa do *xeramoi* exerce importante papel, auxiliando constantemente o *xeramoi* na hora das curas e ao longo do ritual inteiro. É ela quem traz o chimarrão, ascende o *petyngua*, e cuida para que o *xeramoi* esteja amparado.

Importante perceber que, apesar de cada Guarani estar absorvido em suas rezas pessoais, estão todos atentos uns aos outros e às suas necessidades. Há muito carinho entre eles e é perceptível uma dinâmica organizada entre todos, como uma engrenagem de um sistema interligado. A organização falada no capítulo anterior é muito evidente durante esses rituais. Tudo tem seu lugar e momentos certos e os movimentos são sincrônicos. Há uma ordem para que as coisas aconteçam, para os movimentos e agrupamentos de pessoas, sons, danças e espacialidades. Há também uma definição clara de papéis entre homens e mulheres. Os homens tocam, cantam e dançam mais na frente, perto da parede onde fica o *ambá* e as mulheres dançam e tocam *taqua* juntas mais atrás. São os homens que tocam os instrumentos e puxam os cantos. Muitas mulheres e crianças ficam reunidas ao fundo, junto do fogo que aquece a água para

chimarrão e acendem os cachimbos Guarani (*Petyngua*). É usual haver colchões espalhados pelo chão perto do fogo e as crianças adormecem naturalmente, todas juntas, conforme vão-se cansando.

Normalmente as mulheres trazem chimarrão, água ou *petyngua* (cachimbo) aceso para os rezadores ou uns para os outros. As crianças são tratadas com muito afeto e mesmo as que estão chorando ou reclamando são acolhidas incansavelmente por suas mães e avós. A cumplicidade é visível e se manifesta o tempo todo por meio de gestos que demonstram cuidado um com o outro. Quando os cantos começam, o *xondaro* (guerreiro e protetor da aldeia) fica na porta para ver quem entra e sai e permitir ou não que haja fluxo. Os rezadores ficam à frente, próximos ao *ambá*, cantando e tocando violão (*mbaraká*), rabeça Guarani ou violino de três cordas (*ravê*), tambor (*anguapú*) e chocalho (*maraka*). As mulheres ficam dançando e cantando mais atrás, em fileira e de mãos ou braços dados. Algumas delas usam bastão de bater no chão de madeira (*taquara*). Todos que estão de pé, cantando e dançando ficam com os rostos voltados para a parede do fundo, em direção ao Leste e onde fica o *amba*, espécie de altar Guarani que possui sementes em colares e, para esse ritual específico, água⁸⁴. Há no altar uma grande cuia com água e milho pendurado, além de pãezinhos de trigo tradicionais feitos pelos Guarani.

Quando já está quase amanhecendo, há a revelação dos nomes para cada criança ou adulto não-indígena que quer receber seu nome em Guarani. No *Nhemongarai*, o *Xeramoi* recebe o nome de cada pessoa ou criança por inspiração espiritual e revela em voz alta este nome. Esse nome é dado de acordo com as características da pessoa e define quem a pessoa é, portanto, esse momento é um dos mais importantes da trajetória de vida Guarani. A ligação entre padrinho e afilhado é um vínculo forte que deve ser preservado e cultivado. A partir desse momento, o afilhado deve visitar seu padrinho e estar próximo a ele ao longo de toda sua vida.

Outro ritual importante realizado anualmente é a cerimônia da Erva Mate ou *Ka'a'i Nhemongarai*, anunciado acima, que também acontece no *Tekoa Ytu* e em outros *Tekoa* da TI Jaraguá. Esse ritual, que normalmente acontece em agosto ou setembro, também no *Opy*, pode

⁸⁴ Essa água é especial porque contém pedaços da casca de uma árvore (normalmente cedro). Para tirar esses pedaços de casca de árvore, o *xeramoi* faz rezas para pedir licença à divindade dona da árvore. Esse processo ritualístico é levado muito a sério pelos Guarani e é mais um exemplo de sua conexão com os seres não-humanos presentes na natureza

durar dois dias. Nessa cerimônia surge novamente uma relação de ordem: tudo tem o momento certo e seu lugar⁸⁵. Durante a cerimônia da Erva Mate, ou *Kaái Nheemontarai*, um grupo de mulheres está do lado de fora do *Opy*, perto da porta de entrada, alimentando a fogueira, aquecendo a água para o chimarrão, batendo a erva mate para o preparo e também secando suas folhas. É função das mulheres fazer isso enquanto rezam. Dentro do *Opy* fica o *xeramoi* e alguns *xondaro* tocando, fumando *petingua* e cantando. Outras pessoas ficam sentadas em bancos no fundo ou nas laterais do *Opy*. Do lado de fora do *Opy*, nos fundos, algumas mulheres ficam encarregadas das folhas do mate, de sua separação, de colocarem os maços de folhas para secar acima da fogueira (Figura 13) e de bater o mate (Figura 14).

⁸⁵ Corresponde à parte feminina do ritual, que a autora pode participar. A masculina acontece no dia anterior, na parte da manhã (ou ao meio dia) quando os homens entram em fila com os ramos de erva mate e penduram no interior da *opy* e sopram fumaça do *petyngua* sobre eles. À noite há o ritual com todos e, no dia seguinte, o das mulheres.

Figura 13: Maços de mate secando durante a cerimônia do Mate



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2018

Figura 14: Mulheres Guarani batendo o mate e tomando chimarrão durante a cerimônia do mate



Fonte: arquivo pessoal da autora, 2018

Dentro da casa de reza, conforme o tempo passa, as músicas e danças ficam cada vez mais fortes, aprofundando o ritual. O *xeramoï* sopra fumaça do *petyngua* (cachimbo Guarani) nos maços de mate, que ficam pendurados na parede do fundo do *Opy* (a parede que é voltada para o leste orienta as danças e rezas), e também sopra fumaça na cabeça de alguns *xondaro e xondaria*. Há muita fumaça no ambiente, as mulheres e homens dançam em círculos anti-horário em volta do *Amba*. As músicas são muito repetitivas e o ritmo também, induzindo a um estado meditativo e de introspecção; a fumaça também parece criar um ambiente único, com cheiros, texturas e desenhos. Nesse contexto, após muitas horas, toma-se mate e come-se o pãozinho frito de farinha de trigo (*xipa*), típico da cultura Guarani.

A improbabilidade desses rituais ainda serem realizados hoje, por haver tantas dispersões geradas pelas tecnologias, serve principalmente como demonstração da força que existe nos Guarani para preservação de sua cultura. De certa forma, a maneira pela qual os Guarani agem entre si e se comportam durante os rituais, respeitando e estimando os saberes dos mais velhos, incluindo também o cuidado com as crianças e uns com os outros e tendo papéis definidos entre homens e mulheres, mostra valores fundamentais para o bem viver Guarani e o respeito à

espiritualidade e o que ela vem ensinar sobre os tempos e o mundo: “a memória não registra, constrói” (VILLAR, Pierre, 1973, *apud* LADEIRA, 2014, p. 76).

É evidente a capacidade Guarani de preservar seus costumes e é principalmente por meio deles que a resistência se manifesta. Segundo a antropóloga Marta Rosa Amoroso, não se contava no século XIX que os Guarani “sobreviveriam aos aldeamentos do Império, e, caso sobrevivessem, se continuariam índios” (AMOROSO, 2015, p.107). Entretanto, mesmo perante a crescente permeabilidade cultural, os Guarani do Jaraguá não deixaram de ser “índios” e preservam a forma de ver o mundo muito particular de sua cultura, como observado pela autora por meio das manifestações cotidianas, contidas, principalmente, na religiosidade e mitologia, tão presentes em sua vida contemporânea.

A antropóloga Maria Inês Ladeira não atrela a memória das tradições à prática formal dos rituais, mas de acordo com os “princípios dos mitos que fundamentam o pensamento e a ação do [Guarani] Mbya” (LADEIRA, 2014, p.73). Ladeira entende que o fato dos Guarani “incorporarem ou se apropriarem de elementos da sociedade envolvente” não “significa que estejam passando por um processo de perda de identidade étnica” (Ibidem, p. 73) Portanto, apesar do contato dos Guarani com produtos dos não-índigenas e com a sociedade dominante, a oralidade dos seus ensinamentos continua extremamente valorizada entre eles, assim como o desenvolvimento e aprimoramento do ser humano Guarani pelo seu alcance no “seio da comunidade” (Ibidem, p.73). Ladeira explica que, hoje, os Guarani procuram nos mitos do passado, soluções para seus problemas atuais, citando Mircea Eliade: “O mito, portanto, é uma história não só fundamental, mas que constrói novas bases para o novo” (ELIADE 1963 *apud* LADEIRA, 2014, p. 76).

Nesse sentido, os saberes contidos nas histórias Guarani, contadas pelos mais velhos, são muito apreciadas e contribuem na orientação e formação de lideranças políticas e espirituais atuais. Essas lideranças passam, assim, a serem responsáveis por orientar, informar e formar os mais jovens sobre os modos de vida Guarani, o *Nhanderekó*. Para além disso, as lideranças também ensinam como se comportar, o modo como devem se comunicar com os mais velhos,

com os familiares e também com os não-indígenas e com os não-humanos. Os não-humanos⁸⁶ abrangem uma diversidade enorme de seres: animais da mata ou elementos da natureza e divindades. É por meio dos anciãos mais velhos e lideranças que a comunidade aprende como se comunicar e se relacionar com esses saberes e com a extensa gama de não-indígenas⁸⁷.

Em contrapartida, a mutabilidade faz parte da espontaneidade natural do fluxo da vida. As manifestações de conhecimento presentes no leito da terra, *Yvy Rupa*, também mudam o tempo todo e a tradição não é um inventário estável de saberes e práticas que deve ser seguido sem modificações. A antropóloga Adriana Queiroz Testa entende essa renovação de saberes como algo criativo e intrigante e não empobrecedor ou menos Guarani: podemos entender a transformação como relação potente, que cria as possibilidades de circulação de sujeitos, experiências e saberes (TESTA, 2015). O interlocutor IG 01 também fala de tradição:

Você vê nossa tradição, não vê? [...] Nossa cultura é flexível. [...] que nem aquela coisa da tradição, ela sempre muda. Porque não tinha aldeia, não existia o termo *Tekoa*. Por política que precisa ter o nome. Lá atrás não precisava. Quando as aldeias começaram a ficar sedentária [...] cada um foi ficando com sua característica. Por exemplo aqui [*Tekoa Ytu*] não tem cacique, é um conjunto de lideranças. Isso é um fenômeno contemporâneo, nunca aconteceu lá atrás. (Conversa com a autora dia 29/12/2019)

No mundo que é compartilhado com não-indígenas, os Guarani da TI Jaraguá e, mais especificamente, do *Tekoa Ytu* desenvolvem táticas para preservar seus costumes originários com formas de resistência presentes em práticas culturais próprias Guarani, que marcam suas diferenças e também desenvolvem políticas de convivência. Partilham de um mundo com o não-indígena e poderes “assimétricos” (BRASIL, 2010, p. 253). Por outro lado, a sociedade envolvente é dinâmica e, portanto, as maneiras pelas quais os Guarani encontram para resistir e velar seus saberes também mudaram. “A religiosidade, que no mundo Guarani está plenamente articulada com temas como territorialidade, economia, meio ambiente e história e é *locus* privilegiado de elaboração e manutenção da sociedade Guarani” (BRASIL,

⁸⁶ Esta dissertação não se aprofundará nas relações entre os Guarani e os não-humanos, fará apenas menção de sua existência por ser parte essencial de sua cultura e percepção do meio.

⁸⁷ Não-indígenas podem ser desde os funcionários estaduais e municipais que trabalham nos *Tekoa* na área da saúde e educação como agentes da Funai, pesquisadores, antropólogos e uma extensa variedade de pessoas que estão ou não em favor da causa indígena.

2010, p. 351) A convivência com a sociedade, principalmente no Jaraguá é imposta e crescente, mas também cria possibilidades de reinvenções Guarani. Essas reinvenções estão expostas no seio da comunidade como novas formas de expressão e ocupação espacial, principalmente no que diz respeito a retomadas territoriais e articulações de jovens lideranças⁸⁸.

⁸⁸ Esses aspectos serão abordados no capítulo 4 desta dissertação.

CAPÍTULO 3 - TEKOA YTU: EDUCAÇÃO, SAÚDE E MORADIA

O *Tekoa Ytu* apresenta espacialidades marcantes, dentre elas estão os dois equipamentos públicos: a Escola Estadual *Djekape Amba Arandu* e a UBS Aldeia *Jaraguá-Kwaray Djekupe*, que estão em constante transformações e refletem desafios e conquistas do povo Guarani. Por se tratarem de equipamentos públicos e estarem dentro do *Tekoa*, propiciam um campo de experimentação e convívio para os Guarani, não apenas pelo contato com a sociedade dominante, que já é constante pela proximidade com a cidade de São Paulo, mas por aproximar as discussões sobre escolarização e saúde indígenas dentro de seu ambiente profundamente íntimo, contexto esse que tem particularidades e problemas descritos neste capítulo. Nesse sentido, este capítulo trará tanto reflexões sobre aprendizagem, educação e escolarização, quanto saúde e saneamento. Por fim, o texto descreverá aspectos relevantes relacionados à infraestrutura e moradia. A conexão entre esses três pilares, educação, saúde e moradia, expressa o esforço atual do povo Guarani em manter seu *Nhanderkó* e direitos já conquistados.

3.1. Diferenças entre educação e escolarização Guarani

*Podemos estudar sim, mas continuar sonhando em Guarani.
Assim nosso conhecimento faz a gente.*

(Karai Mirim)

“Sejamos objetivos.” Sejamos objetivos? - Não! Sejamos subjetivos, diria um xamã, ou não vamos entender nada. O pecado epistemológico ali é a falta de subjetividade. Bem, esses respectivos ideais ou modelos implicam ganhos e perdas, cada um do seu lado. Há ganhos em subjetivar, como há perdas. Essas são escolhas culturais básicas.”

(Eduardo Viveiros de Castro)

Há algumas diferenças principais entre *aprendizagem* e *escolarização* presentes na cultura indígena Guarani. Essas diferenças se manifestam na maneira como esse povo vive seu cotidiano e espacialidades do *Tekoa Ytu*. Assim, os equipamentos públicos e em especial a escola e a UBS são lugares que evidenciam dissonâncias culturais e reiteram a importância de se manter direitos já adquiridos. Nos últimos dezoito anos, com a construção da Escola

Estadual *Djekape Amba Arandu*,⁸⁹ no *Tekoa Ytu*, os Guarani vivenciam os resultados e desdobramentos de ter a escola dentro do *Tekoa* e o aumento crescente da convivência com os não-indígenas.

É fundamental para a compreensão do *Nhanderekó* e seus desdobramentos evidentes nas espacialidades do *Tekoa Ytu* hoje, refletir sobre as dinâmicas presentes na educação e a presença desses equipamentos na TI. O projeto de arquitetura da Escola *Djekupé Ambá Arandu* (figura 15) foi realizado pelo grupo de Extensão Universitária da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP para atender 130 crianças de toda a TI Jaraguá. Em parceria com a USP, muitas lideranças Guarani, não só do *Tekoa Ytu*, participaram do processo de elaboração do projeto. A escola, que possui duas salas de aula, um refeitório, um banheiro e uma secretaria, foi inaugurada em 2002 e representa uma importante conquista para os Guarani. Antes da inauguração, foram feitas diversas conversas para decidir como seria seu funcionamento e currículo. Mesmo assim, houve muitos problemas, porque a escola *Djekupé Ambá Arandu* estava vinculada à Escola Estadual Agenor Couto Magalhães, que não tinha uma proposta pedagógica que contemplasse as especificidades da cultura indígena Guarani.

⁸⁹ Entre os 4,2 milhões de alunos da rede estadual, além dos 14 mil estudantes indígenas no ensino regular, 1.150 são descendentes de povos indígenas, das etnias guarani, tupi-guarani, *terena*, *kaingang* e *krenak* e estudam em escolas indígenas. A rede estadual de ensino dispõe de 31 escolas indígenas e de material didático especializado, produzido por professores formados pelo Magistério Intercultural Superior Indígena da USP (Universidade de São Paulo). As aulas são ministradas por professores indígenas que foram graduados em curso especial de formação intercultural em nível médio e superior. O material é bilíngue e diferenciado para cada uma das cinco etnias, com o objetivo de facilitar a alfabetização, tanto no idioma materno, como na língua portuguesa.

Nas classes indígenas, os estudantes têm acesso a todas as disciplinas do currículo escolar. As matérias, porém, são abordadas a partir da cultura de cada aldeia. Para isso, são ministradas por professores das próprias aldeias. Assim, além dos temas do currículo convencional, os alunos também estudam questões relacionadas à sua cultura. Em sala de aula, os docentes transmitem a importância da preservação da história e da tradição dos povos indígenas.

As escolas indígenas do Estado oferecem Educação Básica, que compreende a Educação Infantil e o Ensino Fundamental, que está dividido em Ciclos I (1º ao 3º ano), II (4º ao 6º ano) e III (7º ao 9º ano). O Ciclo IV refere-se ao Ensino Médio. As unidades estão distribuídas nas regiões das Diretorias de Ensino de Bauru, Caraguatatuba, Itararé, Miracatu, Penápolis, Registro, Santos, São Paulo (Diretorias Norte 1 e Sul 3), São Vicente e Tupã. (Essas informações podem ser consultadas em: <<https://www.educacao.sp.gov.br/noticias/governo-de-sao-paulo-cria-tres-novas-escolas-indigenas/>>. Acesso em 30/10/2019).

Figura 15: Visão externa - Escola Estadual *Djekape Amba Arandu*



Fonte: Página EE *Nhadereko*, Facebook⁹⁰

Com a Constituição Federal de 1988, a educação escolar indígena dentro da TI, com ensino bilíngue e intercultural, voltada especificamente para os povos indígenas e suas demandas, passa a ser um direito constitucional em todo o Brasil. Esta conquista teve função de recuperar as memórias históricas indígenas, reafirmar suas identidades étnicas e valorizar suas línguas e práticas. A educação diferenciada indígena, além de ser um avanço nas políticas públicas, reitera a importância de se equipar o povo indígena com ferramentas epistemológicas para que eles próprios possam participar da sociedade não-indígena, estabelecendo seu protagonismo. Ao ensinar o currículo não-indígena em conjunto com saberes Guarani, tem-se o reconhecimento institucional da importância de seus conhecimentos indígenas, sobretudo, a inclusão, o respeito e a valorização de suas raízes e costumes.

Para o povo Guarani, reinventar-se e apropriar-se do contato e das relações que estabelece com os não indígenas são constantes que podem os ajudar. Um exemplo favorável

⁹⁰ Disponível em: <<https://www.facebook.com/pages/E.%20E.%20Djekupe%20Amba%20Arandy980290968725026/>>. Acesso em 02 de outubro de 2020.

está no exercício de constante elaboração de conteúdos da escola diferenciada indígena e, conseqüentemente a possível presença Guarani cada vez maior nas universidades. A educação indígena diferenciada dentro do *Tekoa* fortalece a autoestima dos jovens, fator que contribui com a autonomia Guarani e a criação de inúmeras possibilidades para seu futuro e impactando a sociedade como um todo. Mesmo reconhecendo avanços, a partir da existência de uma escolarização diferenciada indígena, sabe-se que há dificuldades e desafios que necessitam de constantes adaptações. Para se aprofundar sobre o desenvolvimento curricular, há um extenso debate pedagógico e sociológico em torno das questões que envolvem as complexidades da escolarização indígena, por se tratarem de outras culturas, com modos de construção de conhecimento diferentes.

Como disse Maria Inês Ladeira no *I Seminário Internacional Etnologia Guarani: Diálogos e Contribuições*, na Faculdade Intercultural Indígena (FAIND-UFGD), hoje professores, alunos e pesquisadores indígenas terão de enfrentar

[...] os mesmos e novos dilemas para tentar “encaixar” o pensamento, a história e os conhecimentos de seus povos nos formatos determinados pelas normas legais que regem esses procedimentos: a Constituição Federal – CF de 1988 em seu artigo 231, o Decreto 1775 e a portaria 14, de 1996. Por sua vez, poderão acrescentar, a partir de suas perspectivas e experiências de vida nas aldeias, novos sentidos e concepções sobre os critérios de “terras tradicionalmente ocupadas”. (LADEIRA, 2016)

Ladeira descreve dissonâncias presentes na junção e produção de conhecimentos distintos, ao tratar de procedimentos de pesquisa que levam a estudos para a produção de documentos de identificação e delimitação de Terras Indígenas. Entretanto, essa reflexão permeia os desafios da escolarização indígena e a junção de saberes como um todo. Essas complexidades se estendem para além do campo teórico e penetram o cotidiano dos Guarani, que acabam por “encaixar” algumas práticas, como, por exemplo, se habituarem a frequentar a escola acrescentando outras rotinas para atender seu calendário e ritualizações que acompanham sua cultura.

A partir da fala do Interlocutor IG 01, morador do *Tekoa Ytu* e professor da escola, percebe-se a complexidade entre preservar a sua cultura, em consonância com a aquisição de hábitos da sociedade não-Guarani, inevitáveis ao contexto e ao momento atuais. O Interlocutor IG 01 diz ser muito favorável à escola, mas também reconhece que, no passado, quando não

havia celular, eletricidade ou mesmo escola, todos se encontravam diariamente na casa de reza, *Opy*, ao escurecer. Como não tinha “nada o que fazer”, as pessoas iam à casa de rezas, *Opy*, para conversar, cantar e ouvir os mais velhos falarem. Esse interlocutor lembra que, até o final dos anos 1980, era comum não terem televisão. Atualmente, além de a maioria ter televisão e celulares, o ensino médio acontece no período da noite e os jovens acabam perdendo o hábito de ir todos os dias no *Opy*.

A escola é boa, não é ruim mas ela também tirou o jovem de ir na *Opy* [casa de reza]. Um jovem que vai pra escola entra as 6 e sai as 11 horas da noite. Toda escola agora é assim. Isso é bom e ao mesmo tempo ruim. Eu como professor, eu dou aula faz 10 anos, a gente percebe muita coisa. A gente é meio psicólogo então a gente vê um pouco de confusão existencial: “Porque eu estou na escola? Isso faz parte da minha cultura?” (interlocutor IG 01 em conversa com a autora, março de 2020)

Há de se fazer concessões e adaptações para viver culturas tão antagônicas, principalmente no que diz respeito aos conhecimentos e os valores muito diferentes (tratados ao longo desta dissertação). As dissonâncias e angústias geradas por elas são evidentes no convívio com os Guarani, por meio do trabalho em campo. Mesmo assim, muitos Guarani⁹¹ reconhecem ser fundamental estudar, fazer universidade e se profissionalizar para poder conhecer e participar ativamente do mundo não-indígena. Muitos entendem a escolarização como um caminho a ser percorrido para poderem se defender e serem eles próprios os protagonistas de suas narrativas, não mais dependendo de aliados não-indígenas para intermediarem suas escolhas, visões e projetos⁹².

É fundamental ressaltar as diferenças entre a educação indígena e a educação escolar indígena, que são, antes de tudo, diferenças entre escolarização e educação. Ao adentrar um pouco na definição de construção de conhecimento Guarani, compreende-se a magnitude de seus saberes e, assim, a construção e manutenção de seu mundo. Para os Guarani, a criação de saberes está ligada a práticas culturais que estão diretamente relacionadas às suas mitologias e formas de circulação desses conhecimentos, como explicado nos capítulos anteriores. Há o

⁹¹ Interlocutor IG01, IG06, IG09

⁹² Conforme o que se pode depreender das falas dos palestrantes do Segundo Seminário Internacional Etnologia Guarani, Redes de Conhecimento e Colaborações, que ocorreu na FFLCH- USP, entre os dias 24 e 27 de setembro de 2019.

entendimento de que todos os conhecimentos existentes no mundo são pertencentes aos seres divinos; portanto, a questão da autoria, que para os não-indígenas está atrelada a eles mesmos, para os Guarani é deslocada para as divindades. Nesse sentido, conhecimento e espiritualidade estão fortemente vinculados.

A pessoa considerada mais sábia do *Tekoa* Guarani é o *xeramoi*, que tem a função de curandeiro e líder espiritual. Essa compreensão se torna importante para se começar a visualizar as diferenças entre a apreensão de conhecimento Guarani e o pensamento ocidental.

Ao procurarmos o lugar dos humanos nos processos de criação, iremos localizá-lo nas práticas cotidianas através das quais se criam as condições ou os caminhos para que os saberes, originalmente gerados pelas divindades, sejam acessados, cultivados e possam circular entre outros humanos. Este entendimento da criatividade humana se afasta daquele frequentemente propagado e cultuado na filosofia do conhecimento e nas análises das artes ocidentais, onde o foco salta da engenhosidade das condições iniciais de criação para seu resultado final, tomando por eixo a celebração de uma função de autoria. (BRASIL, 2010, p.117).

Os processos de circulação e criação de conhecimento Guarani são muito mais amplos do que os desenvolvidos no currículo das instituições escolares públicas, pois envolvem todas experiências que englobam o viver. Mesmo assim, a escola é uma das principais reivindicações dos Guarani do *Tekoa Ytu*. Segundo consta no *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Jaraguá*, muitos professores indígenas acreditam que a escola diferenciada, por ser intercultural, específica e bilíngue, “deve ensinar sobre a tradição e se distanciar do modelo de escola que eles mesmos frequentaram na rede pública dos anos de 1980” (BRASIL, 2010, p. 388). Importante destacar que a contínua elaboração e desenvolvimento da escola dentro da TI é um tópico fundamental para o povo Guarani, tanto no que diz respeito ao projeto de autonomia, quanto nas múltiplas dimensões intelectuais que essa escolarização permite.

Pensadores e escritores Guarani colocam seus conhecimentos em livros ou artigos para comunicar seus saberes e valores aos não-indígenas. São alguns deles: Papa Miri Poty (Carlos Fernandes), Kuaray Poty (Ariel Ortega), Jerá Poty Mirim (Giselda Pires Lima) e Karai Mirim (Algemiro da Silva). Com o avanço e popularidade do uso das mídias sociais, as falas indígenas de lideranças ficaram mais disponíveis e evidenciadas. Além de livros, artigos e falas, a

participação dos indígenas na universidade tem tido repercussão no que diz respeito à valorização, ainda que ínfima, de partes do pensamento indígena.

Um exemplo concreto e significativo da importância do conhecimento indígena foi o já mencionado, encontro entre indígenas e não-indígenas, realizado pela Universidade de São Paulo, o *Segundo Seminário Internacional Etnologia Guarani, Redes de Conhecimento e Colaborações*, que ocorreu na FFLCH- USP, entre os dias 24 e 27 de setembro de 2019. O evento contou com a presença de representantes de várias aldeias Guarani e de diferentes troncos Tupi Guarani e Guarani *Kaiowa, Nhandeva, Mbya*, muitos oriundos do sul do Brasil, Mato Grosso, Paraguai e São Paulo. Nesse seminário, houve diversas falas reiterando o impacto positivo da educação escolar indígena diferenciada como forma de manutenção e valorização de costumes.

A presença indígena na universidade, produzindo conhecimento ao trazer pesquisadores indígenas e anciãos para falar sobre seus costumes e sua maneira de ver e entender o mundo, evidencia os conflitos velados quando se trata de conhecimento indígena. Muitas das falas são críticas à linearidade da escrita e do pensamento, como forma dominante no pensamento científico e racional das universidades. Para eles, há de se levar em conta as interpretações cognitivas e as subjetividades. Muitas falas durante o seminário foram sobre a importância de se observar e se conhecer os outros seres vivos, respeitando e enaltecendo as diversidades presentes na fauna e na flora. Os Guarani entendem a *linearidade racional* do conhecimento científico como apenas uma das muitas formas de se entender e descrever o mundo, as espacialidades e as relações.

Manifestaram a importância de se aprender com a experiência: com o cheiro do vento, observando a trilha de formigas ou o curso do rio. Como disse a interlocutora IG 07, “todas essas percepções são aprendidas”. A crítica comum apresentada no seminário tratava da pouca atenção dada às sensibilidades, sendo raramente abordadas pelos não-indígenas nas escolas, no que diz respeito ao currículo. Paralelamente, muitos indígenas que estão na academia reconhecem a importância do esforço em traduzir e propiciar diálogo entre o conhecimento científico e conhecimentos orais e tradicionais indígenas. Uma das lideranças, Sandra Benites (PPGAS/ Museu Nacional), relatou que se sente uma ponte entre sua aldeia, os conceitos e histórias passadas por sua avó sobre a mitologia Guarani e o mundo acadêmico em que vive. Ela diz que, por mais difícil e contraditório que esses dois universos possam parecer, perante

tantas diferenças profundas, deve-se estreitar esses laços para que se possa ampliar as narrativas e intercâmbios.

A junção destes dois modos de se ensinar e aprender, como sugeriu uma das lideranças, pode ser um caminho, não apenas por contrastar essas formas de apreensão de saberes, mas possivelmente por aproximar. Nesse sentido, trazer o diálogo entre educadores da rede indígena escolar para as universidades é um avanço. Afinal, “aprender também requer múltiplas formas de se conhecer, sentir, construir e interagir no mundo” (anciã Guarani participante do seminário). Além disso, esse olhar, que antes ficava limitado aos debates e estudos presentes na antropologia e etnografia, ganha espaço em outras disciplinas. Como explicado no primeiro capítulo, a interpretação do espaço e da relação do povo Guarani com a terra dá indícios de sua apreensão de mundo e de sua relação com as espacialidades. O conhecimento para o pensamento indígena está muito entrelaçado às subjetividades e é isso que faz seu ambiente tão “animado” e vivo.

[...] o que move o pensamento dos xâmas, que são os cientistas de lá, é o contrário. [ao pensamento científico ocidental] Conhecer bem alguma coisa é ser capaz de atribuir o máximo de intencionalidade ao que se está conhecendo. Quanto mais eu sou capaz de atribuir intencionalidade a um objeto, mais eu o conheço. O bom conhecimento é aquele capaz de interpretar todos os *eventos* do mundo como se fossem *ações*, como se fossem resultado de algum tipo de intencionalidade. Para nós [ocidentais], explicar é reduzir a intencionalidade ao conhecimento. Pra eles, explicar é aprofundar a intencionalidade do conhecido, isto é, determinar o objeto de conhecimento como um sujeito. (VIVEIROS DE CASTRO, 2017, p. 408)

Nesse sentido, o campo de aprendizagem, como descrito pelos Guarani no seminário, pode também se aproximar da *Paisagem*, onde sensibilidades são importantes na sua apreensão. A interpretação espacial do *Tekoa* – ou até mesmo da *Paisagem* – é subjetiva e torna-se lugar de construção de conhecimento e um campo concreto de experiências, afetividades e relações humanas e não-humanas⁹³. Os Guarani relacionam muito facilmente o processo de aprendizagem a dimensões mais abrangentes da experiência humana; sentem que a

⁹³ A relação Guarani com as entidades não-humanas não será abordada neste trabalho, dado seus objetivos e limitações, mas poderá ser foco de análises e pesquisas futuras.

linearidade⁹⁴, presente na racionalidade ocidental ao se transmitir conhecimento, não dá conta de explicar e descrever sua cultura, que vem de uma tradição oral, onde subjetividades estão presentes e são fundamentais ingredientes dessa construção de mundo. A potência em se trazer os conhecimentos indígenas para as Universidades é poder desestabilizar o modo como a ciência tem gerado conhecimento.

Viveiros de Castro descreve o conhecimento ocidental dos não-indígenas como algo progressivamente reducionista:

Conhecer é desanimizar, retirar subjetividade do mundo, e idealmente até de si mesmo. Na verdade, para o materialismo científico oficial, nós ainda somos animistas, porque achamos que os seres humanos têm alma. Já não somos tão animistas quanto os índios, que acham que os animais também têm. Mas se continuarmos progredindo seremos capazes de chegar a um mundo em que não precisaremos mais dessa hipótese, sequer para os seres humanos. Tudo poderá ser descrito sob a linguagem da atitude física, e não mais da atitude intencional. Essa é a ideologia corrente, que está na universidade, no cnpq, que está na velha distinção entre ciências humanas e ciências naturais, que está na distribuição diferencial de verbas e de prestígio. Não estou dizendo que seja o único modelo vigente em nossa sociedade. É claro que não é. Mas esse é o modelo dominante. (VIVEIROS DE CASRTO, 2017, p. 407)

A reflexão de Viveiros de Castro evidencia algo muitas vezes velado: a incapacidade de trazer para o trabalho acadêmico científico subjetividades de muitas naturezas. As críticas de Viveiros de Castro são importantes para os debates sobre a escola e a escolarização indígena e, além disso, para se pensar a construção de conhecimento em outras disciplinas.

⁹⁴ Os indígenas do seminário falam da perda da força dos conceitos quando explicados em português. Dversas palavras em Guarani têm vários significados e nuances que não existem no português, de forma que, quando traduzidas, perdem parte significativa de sua complexidade.

Figura 16: Cartaz artista urbano Xadalu Tupã Jekupe

Ciclo de seminários *Quintas Ameríndias: Projeto jovem Pesquisador Fapesp*, FAU-USP, organizado pela prof. Dra. Renata Martins



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019

Como mostra o cartaz acima, a presença Guarani⁹⁵, aparece em outros locais que não na Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas (FFLCH) ou em outros lugares da antropologia dentro da Universidade, por meio de seminários específicos ou pesquisas acadêmicas individuais. Mesmo que ainda de forma “tímida”, essa presença surge com mais

⁹⁵ A presença dos debates em torno das causas Guarani pode ser, como neste cartaz, o trabalho de um artista e ativista Guarani.

força em outros espaços da Universidade, como os da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU-USP). Há um crescente interesse de alunos e professores em ampliar essas discussões. Entretanto, a escola indígena diferenciada, os intercâmbios entre conhecimentos indígenas e acadêmicos, bem como o debate sobre educação formam apenas um dos pilares da resistência Guarani presente no território e no contexto atual do *Tekoa*.

A educação por meio da escola torna-se, assim, um lugar de resistência, onde se vive, na prática, a junção entre culturas e a possibilidade de avanços nos debates sobre pluralidade de conhecimentos, valores e projeções de novas perspectivas, que influenciam os não-indígenas e a sociedade dominante. A Escola dentro do *Tekoa* representa um lugar de construção de identidade e de constante ressignificação de direitos, elementos de vital importância na vida social Guarani. Outras conquistas também estão presentes nas espacialidades do *Tekoa Ytu* e sustentam similarmente sua resistência no território, por meio da manutenção de seu modo de vida Guarani. Uma das mais significativas está na saúde, por meio da presença de outro equipamento público dentro do *Tekoa*: a UBS Aldeia Jaraguá-*Kwaray Djekupe* (figura 17).

3.2. UBS dentro do *Tekoa Ytu* e a cura de doenças como caminho para aprendizagem

A presença da UBS *Aldeia Jaraguá- Kwaray Djekupe* aproxima a sociedade dominante e os Guarani por meio da saúde. A UBS e a escola funcionam, assim, como aglutinadores da convivência social entre os Guarani e os não-indígenas que trabalham nesses equipamentos. De acordo com IG 011, médica da UBS, o posto de saúde promove várias iniciativas, campanhas de vacinação, prevenção de doenças, entre outras, para se entrosar e ganhar a confiança da comunidade. Além disso, há uma iniciativa em aproximar a medicina convencional dos saberes de cura indígenas⁹⁶. Os funcionários da UBS, em parceria com alguns moradores, cultivam um

⁹⁶ Como explicado pelo *xeramoí* e interlocutor IG 03, um dos aspectos mais interessantes e úteis para a manutenção da vida é a relação entre circulação de saberes e cura de doenças. Em seu relato, esse interlocutor diz que as doenças e os infortúnios aparecem para que os humanos os transformem e os superem por meio do aprimoramento das comunicações com as divindades. Saber identificar e descartar doenças, lidar com dificuldades crescentes, são desafios que aparecem como tipos de provações, fazem parte do caminho do *xeramoí*. Nesse sentido, tanto as

jardim medicinal, com ervas e plantas usadas pelos anciãos Guarani para cura. Essa tentativa de unir a saúde convencional aos saberes indígenas aproxima as duas culturas, estreita laços de confiança e é uma forma de legitimar os saberes Guarani. Na figura 18, mostram-se indígenas, funcionários da UBS e não-indígenas dançando na campanha “novembro azul” para câncer de próstata entre muitas campanhas promovidas pela UBS. Como se pode ver, há um clima descontraído e alegre.

Nota-se que essa UBS é o único equipamento especializado em saúde indígena da região e fica sob supervisão técnica de Saúde Pirituba/Perus Jaraguá, o modelo é de UBS EMSI (Equipe Multidisciplinar de Saúde Indígena)⁹⁷ com clínicas médica e odontológica básicas. De acordo com a prefeitura de São Paulo, a UBS da TI Jaraguá oferece atendimento especializado à saúde indígena e contribui para levantar dados⁹⁸ sobre a saúde desse povo. A subnutrição é um dos principais problemas enfrentados pela população indígena: cerca de 60% das crianças estão subnutridas, segundo o levantamento da UBS Jaraguá. Estima-se que a dificuldade de plantio, pela falta de espaço, seja a principal causa desta deficiência na variedade de alimentos e nutrientes consumidos.

Ter uma UBS⁹⁹ dentro da TI Jaraguá foi uma conquista promovida pelo Governo Federal, que criou um subsistema de atenção à saúde indígena¹⁰⁰ por meio das Diretrizes da

doenças como os conhecimentos, podem ser passados de uma pessoa a outra e ficam armazenados no corpo, podendo assumir um caráter positivo quando traz aprendizado.

⁹⁷ A UBS Aldeia Jaraguá funciona de segunda a sexta, das 7h00min às 17h00min, no seguinte endereço: Rua Estrada Turística do Jaraguá, 3750, Vila Jaraguá. De acordo com dados oferecidos pela própria UBS, a sua inauguração deu-se no ano de 2006 e possui pouco mais de 500 pacientes. Principais causas de óbito da comunidade são respiratórias e infecciosas. A estrutura física da UBS conta com recepção, consultório médico, sala odontológica, sala de procedimentos de enfermagem/vacina, farmácia, copa DML, almoxarifado e banheiros. Outra característica da UBS Jaraguá é o projeto *Tecendo Vínculos*, que promove integração entre a atuação da Equipe Multidisciplinar e os habitantes dos *Tekoa*, com as seguintes ações: cozinha comunitária Guarani, preservação do meio ambiente, plantas medicinais e saúde do adolescente.

⁹⁸ Os dados são alarmantes: 80% dos problemas de saúde estão vinculados à falta de saneamento. Foram registrados cerca de 100 casos de dengue em 2016, resultantes, principalmente, do acúmulo de lixo deixado pelos não-indígenas nos *Tekoa*. No ano de 2016, três crianças morreram por causa de subnutrição.

⁹⁹ Importante ressaltar que os indígenas são contra a municipalização da saúde e extinção da Sesai, que, dentre muitos atendimentos, além de outras ações importantes, campanhas de vacinação e assistência psicológica e dentária, disponibiliza dois carros para o deslocamento dos pacientes a hospitais e outros locais necessários.

¹⁰⁰ Lei Nº 9.836, de 23 de setembro de 1999, também conhecidas como Lei Arouca. Acrescenta dispositivo à Lei nº 8080, de 19 de setembro de 1990, que “dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências”, instituindo o

Política Nacional de Atenção à Saúde dos Povos Indígenas (Portaria Ministerial 254 de 31/01/2002), que tinham por intuito, desde sua criação, amenizar os problemas de saúde que afetam os povos indígenas. Os critérios seguiram as seguintes premissas:

A missão da secretaria é implementar um novo modelo de gestão e de atenção no âmbito do Subsistema de Atenção à Saúde Indígena, articulado com o SUS (SasiSUS), descentralizado, com autonomia administrativa, orçamentária, financeira e responsabilidade sanitária dos 34 Distritos Sanitários Especiais Indígenas (DSEIs). Entre as atribuições da Sesai destacam-se: desenvolver ações de atenção integral à saúde indígena e educação em saúde, em consonância com as políticas e os programas do SUS e observando as práticas de saúde tradicionais indígenas; e realizar ações de saneamento e edificações de saúde indígena¹⁰¹.

Figura 17: A UBS Jaraguá – Kwaray Djekupe praça de convívio



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2018

Subsistema de Atenção à Saúde Indígena. O texto da Lei Arouca na íntegra por ser acessado em: <https://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/saude/atencao_basica/>. Acesso em janeiro de 2020.

¹⁰¹ Disponível em: <<http://www.saude.gov.br/sesai>>. Acesso dia 1/01/2020

Figura 18: A UBS Jaraguá – *Kwaray Djekupe*, campanha “Novembro azul”, clima descontraído



Fonte: Arquivo pessoal da autora. Novembro 2019

Apesar da falta de espaço, o *Tekoa Ytu* apresenta esses equipamentos públicos que permitem um dinamismo nos fluxos de pessoas e interações com não-indígenas. Entre esses dois equipamentos criou-se um pátio aberto e plano, que funciona como um lugar de encontro e acolhimento (figura 17). Esse lugar torna-se borbulhante porque está no eixo entre os principais acessos da aldeia com a rua. Forma-se, assim, um espaço de transição e um lugar de fronteira, que não é público, porque está dentro do *Tekoa*, mas também não invade os espaços íntimos de suas moradias, seus acessos internos ou caminhos que levam até o *Opy*, localizado no interior da aldeia. É neste pátio onde muitos projetos, conversas e decisões acontecem. Há duas mesas com bancos, uma na varanda da UBS (figura 18) e outra na lateral da escola. Ambos servem como espaço para reuniões ou apenas ponto de encontro do *Tekoa* e um lugar para sentar e observar o movimento de quem chega e quem sai.

3.3. Contradições, vivências interculturais e infraestrutura

Quando perguntado sobre a principal característica do *Tekoa Ytu* hoje, o interlocutor IG01, diz que o aspecto mais marcante do seu *Tekoa* está na diversidade, por haver

miscigenação entre negros, brancos e indígenas. Essa miscigenação, facilitada pelo contato frequente com os não-indígenas, acontece por casamentos inter-raciais. “O *juruá* vem aqui, fuma *petyngua* (cachimbo guarani), canta e faz parte do coral. A gente faz questão” (Interlocutor IG 01, março de 2019). A partir da convivência em campo, nota-se esse acolhimento que o interlocutor descreve. Sempre que há a presença de um não-indígena, os Guarani fazem questão de se comunicar em português, conversam e, aos poucos, a partir de uma convivência constante, podem fazer amizades com os não-indígenas que se mostrem parceiros em suas lutas e causas. Os Guarani têm a fama de serem muito fechados como povo, mas no *Tekoa Ytu* essa característica, apesar de existir, pode ser mais tênue.

Normalmente há um clima de descontração no *Tekoa Ytu*, principalmente no pátio aberto entre a escola e a UBS. Esse lugar é onde geralmente os não-indígenas são acolhidos por funcionários e seguranças não-indígenas que orientam possíveis visitantes desavisados. Quando se caminha para dentro do *Tekoa Ytu* indo em direção às áreas reservadas para suas residências e casa de rezas, percebe-se algumas questões relacionadas à infraestrutura e a moradia. O Ribeirão das Lavras, que desemboca à céu aberto no *Tekoa Ytu*, está totalmente poluído¹⁰² e isso afeta drasticamente o bem-estar e a vida dos moradores. Além dessa situação, há muitas moradias em péssimas condições, precisando de reparos urgentes (figura 20). A primeira casa do *Tekoa Ytu*, que foi a casa de Dona Jandira e Sr. Joaquim, é um desses exemplos (Figura 19).

¹⁰² Informação fornecida pelo estudo SOS Mata Atlântica em parceria com a UBS e o programa Ambientes Verdes e Saudáveis (PAVS)

Figura 19: Antiga casa de Dona Jandira e do Sr. Joaquim, 2019.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 20: Casas e acessos entre elas Tekoa Ytu, 2019.



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Quanto ao saneamento básico, nem todos os seis *Tekoa* recebem água da Sabesp¹⁰³, muitos usam a água poluída das nascentes. Essas nascentes eram limpas, mas a população das comunidades irregulares vizinhas despeja seu esgoto diretamente nelas. Outro fator que dificulta a salubridade do *Tekoa* é ter uma infraestrutura muito antiga. Até 2016 havia 12 banheiros na TI Jaraguá para aproximadamente 500 pessoas. Atualmente, foram feitos mais banheiros, alguns por iniciativa privada e outros pelo Sesai (Secretaria Especial de Saúde Indígena), mas esses nem sempre estão funcionando. No *Tekoa Ytu* quase todas as casas têm banheiro, o que não é o caso nos outros *Tekoa* da TI. De acordo com a UBS Aldeia Jaraguá *Kwaray Djekupé*, Sesai e o programa da Saúde da Família, o *Tekoa Ytu* tem 28 famílias, 110 pessoas, 2 banheiros coletivos e 3 casas sem banheiro. Portanto, como se pode ver pelos dados levantados¹⁰⁴, a situação é emergencial. Há também algumas iniciativas, ainda insuficientes, para a construção de novas fossas sépticas e limpeza das existentes¹⁰⁵.

Uma das iniciativas da UBS, em parceria com o *Programa Ambientes Verdes e Saudáveis* (PAVS), vinculado à *Saúde da Família*, é o *Observando os Rios*. Esse projeto monitora as águas e nascentes das comunidades e, em parceria com a SABESP, faz a medição das águas uma vez por mês. Os resultados são alarmantes e a qualidade da água do Ribeirão das Lavras está totalmente insalubre, como mostra o gráfico a seguir (figura 21). De acordo com Kátia Andrade, Gestora Ambiental que ajudou a desenvolver esse estudo, o Ribeirão está poluído pela comunidade irregular *Xica da Silva*, que não tem saneamento básico apropriado e despeja seu esgoto diretamente na nascente do Ribeirão. Essa água passa pelo parque em um tanque também poluído antes de chegar ao *Tekoa*. Nota-se que até o começo dos anos 90 os indígenas tomavam banho e pescavam nesse ribeirão, que era limpo e tinha peixes. Sem entrar nas reflexões mitológicas e culturais sobre a fundamental importância dos rios e nascentes para

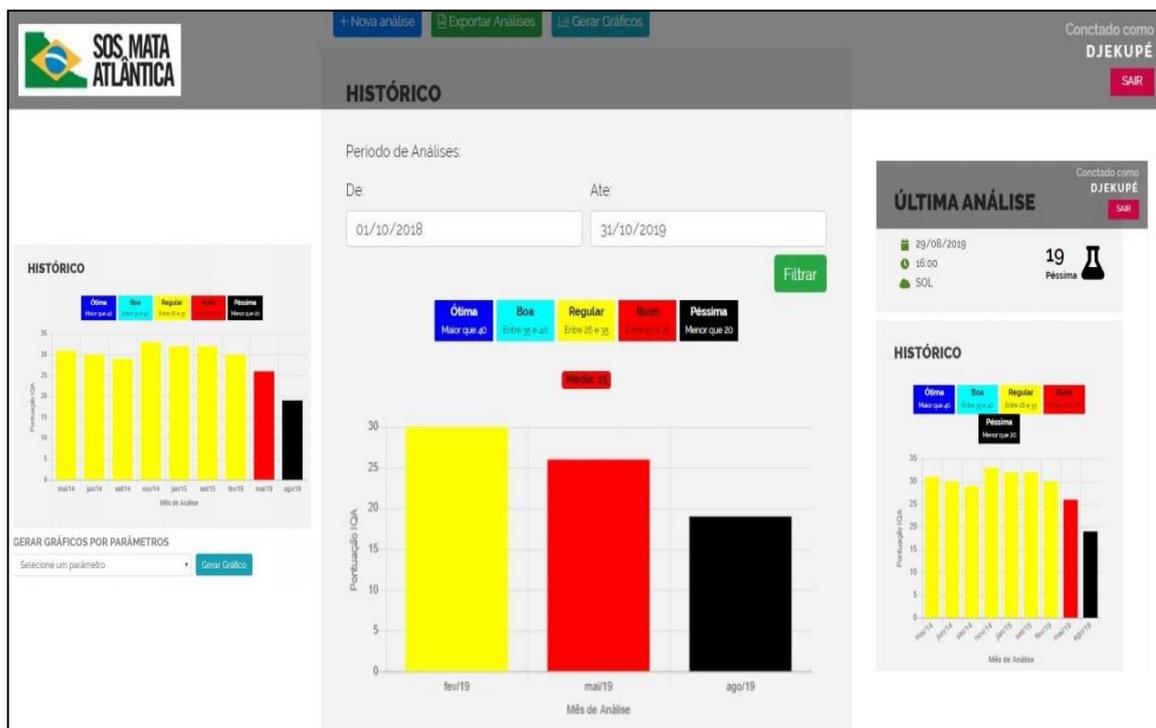
¹⁰³ Como dito por Thiago Guarani, os Guarani são contra a privatização da Sabesp e acreditam que será um grande retrocesso para políticas públicas

¹⁰⁴ O *Tekoa Pyau* possui 96 famílias, 358 pessoas, 50 banheiros coletivos (destes 38 funcionando) e apenas 5 casas com banheiro. O *Tekoa Itawera* possui 7 famílias, 18 pessoas e 4 banheiros coletivos. O *Tekoa Itakupé* possui 15 famílias, 35 pessoas e três banheiros coletivos, O *Tekoa Itaendy* tem duas famílias, nove pessoas e dois banheiros coletivos. O *Tekoa Yvy Porã* (o mais recente dos seis) tem 6 famílias, 13 pessoas e 3 banheiros coletivos (Dados fornecidos pelo SESAI a autora em setembro 2020).

¹⁰⁵ O CTI - Centro de trabalho indigenista coordena algumas dessas obras.

os Guarani, pode-se imaginar o estrago na saúde física e psicológica gerado pela presença de um ribeirão totalmente poluído correndo à céu aberto dentro do *Tekoa*.

Figura 21: Qualidade da água do Ribeirão das Lavras



Fonte: Projeto Observando os Rios¹⁰⁶

O problema da poluição do Ribeirão das Lavras é um dos muitos relacionados à precariedade na infraestrutura do *Tekoa Ytu*, que nunca foi sanada por completo. Há iniciativas pontuais, mas elas estão muito aquém do que a população necessita. Uma das iniciativas insuficientes para sanar outro problema, que se refere à moradia, foi o Programa Moradia Indígena, de 2001. Nesse programa, cinco casas do *Tekoa Ytu* foram construídas pela Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo, o CDHU. O programa foi formalizado pela Lei Estadual nº 11.025, de 28/12/2001 e as casas foram entregues em 2002.

¹⁰⁶ Disponível em: <<http://observandoosrios.sosma.org.br/>>. Acesso: 19 de março de 2020.

Com projeto e implantação idealizados pela comunidade, essas casas, que ainda conservam bom estado, foram construídas a partir do convênio entre CDHU, Funai e Prefeitura Municipal. As cinco casas têm aproximadamente 45m², porém, insuficientes para uma população de mais de 130 pessoas na época de sua construção¹⁰⁷. O relato abaixo mostra que houve investimento e estudos acerca da necessidade de moradia digna e financiamento pelo governo. Infelizmente essas iniciativas acabam por não resolver o que se propõe, que, nesse caso, era acabar com a escassez de moradia adequada. Hoje, as cinco casas construídas pelo CDHU, destoam do resto das edificações e do entorno do *Tekoa Ytu*.

Desde a aprovação do Estatuto da Cidade, em 2001, esses grupos constituem demandas prioritárias, sublinhadas inclusive na legislação brasileira. O Conselho Nacional das Cidades recomenda que esses territórios sejam demarcados como Zonas Especiais, de forma a garantir os direitos constitucionais das populações que habitam tais áreas. O Programa de Moradia Indígena acompanha a sociedade em sua busca por uma melhor compreensão acerca das especificidades culturais de comunidades ameaçadas pela expansão urbana. Ao adotar uma clara política compensatória, assume o desafio de produzir unidades habitacionais adequadas ao complexo contexto dos povos indígenas do Estado de São Paulo¹⁰⁸. (SÃO PAULO, 2014)

Ações pontuais como essa são benéficas, mas, por serem insuficientes, acabam por não resolver os problemas. Atualmente, iniciativas para reformas das casas ocorrem com financiamento dos próprios indígenas que, por meio de seu trabalho, conseguem recursos para custear as pequenas obras.

¹⁰⁷ Dados fornecidos pelo Programa de Moradia Indígena. Disponível em: <www.cdhu.sp.gov.br>. Acesso em 23 de março de 2020.

¹⁰⁸ Disponível em: <<http://www.cdhu.sp.gov.br/documents/20143/37069/ProgramaMoradiaIndigena.pdf/7dae6126-b4b4-2b1d-f4db-ad7d3ae7c051>>. Acesso em março de 2020.

Figura 22: Projetos do CDHU em São Paulo e população na em 2001



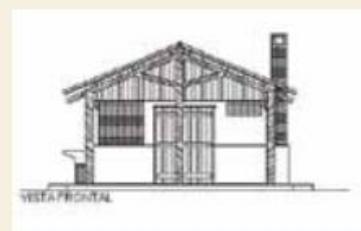
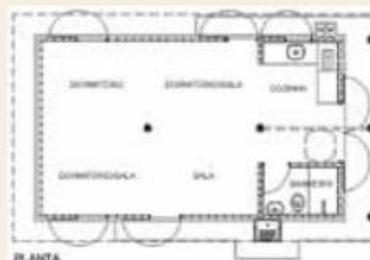
ALDEIA JARAGUÁ

CARACTERIZAÇÃO

Município	São Paulo
Situação Jurídica	Homologada - REG CRI e SPU. 14/04/1987
Documento	Decreto nº 94.221, de 15/04/1987
População	130 Fonte – Instituto Sócio Ambiental 2010
Área (ha)	2
Etnia	Guarani Mbya

PROJETO

Tipologia	Guarani - área 45,62m ²
Programa	quartos e sala integrados, cozinha e banheiro
Materiais	alvenaria e telha de barro
Nº de UH	5
Situação implantação	concluído



Fonte: Programa de Moradia Indígena¹⁰⁹

¹⁰⁹SÃO PAULO, Governo do Estado de. 2012. Disponível em: <www.cdhu.gov.br>. Acesso em março de 2020.

3.4. Mudanças e adensamento nas espacialidades do *Tekoa Ytu*

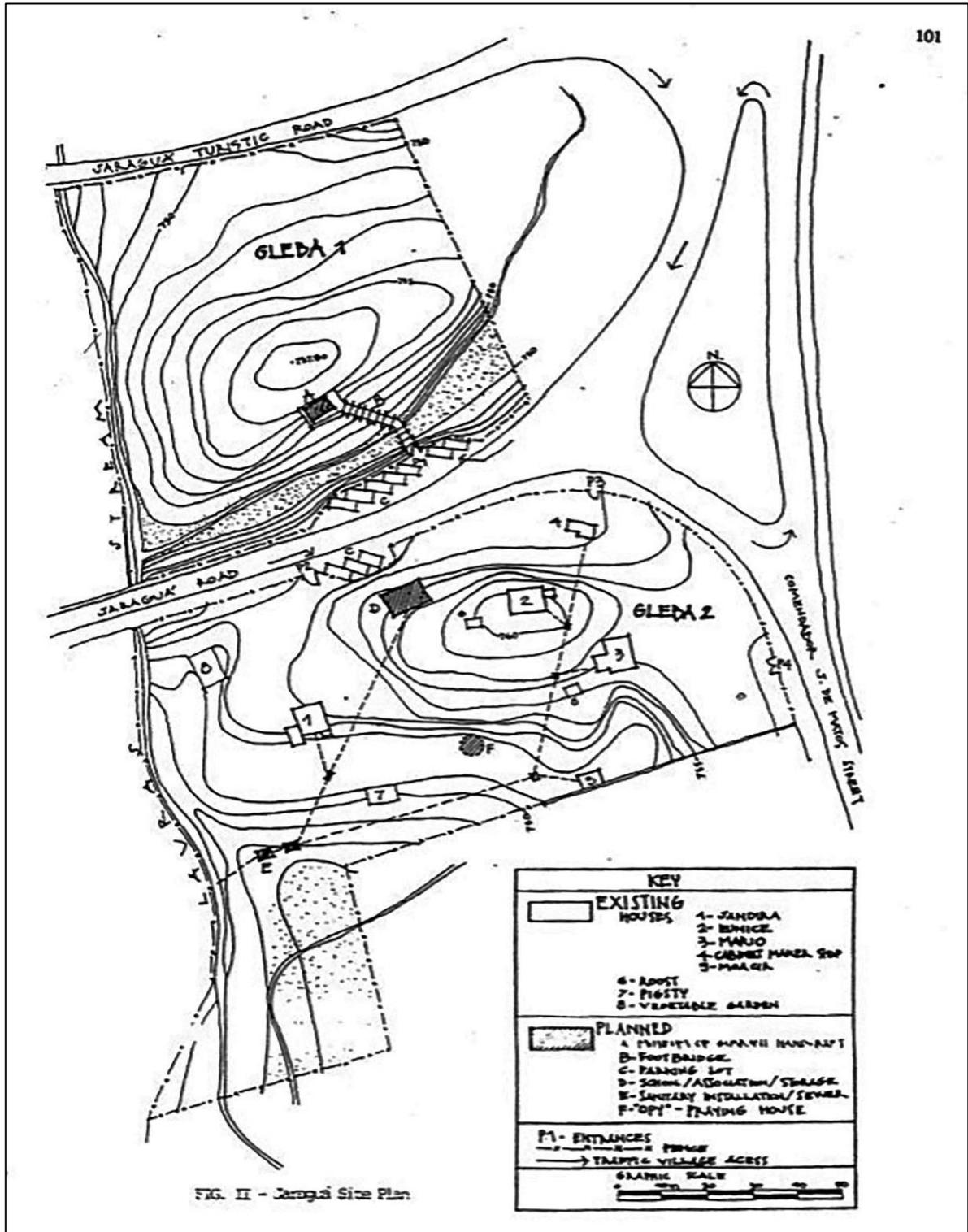
Uma das mais evidentes formas de se ver as transformações que ocorreram no *Tekoa Ytu* ao longo dos anos é comparar as imagens feitas por Zibel da Costa, em de 1989, com as realizadas recentemente. O croqui com a planta de Zibel da Costa, comparado ao da autora (2019), evidencia o adensamento da população no período de 30 anos.

Figura 23: Primeira casa do casal Jandira e Joaquim. Seu Joaquim e José Fernandes



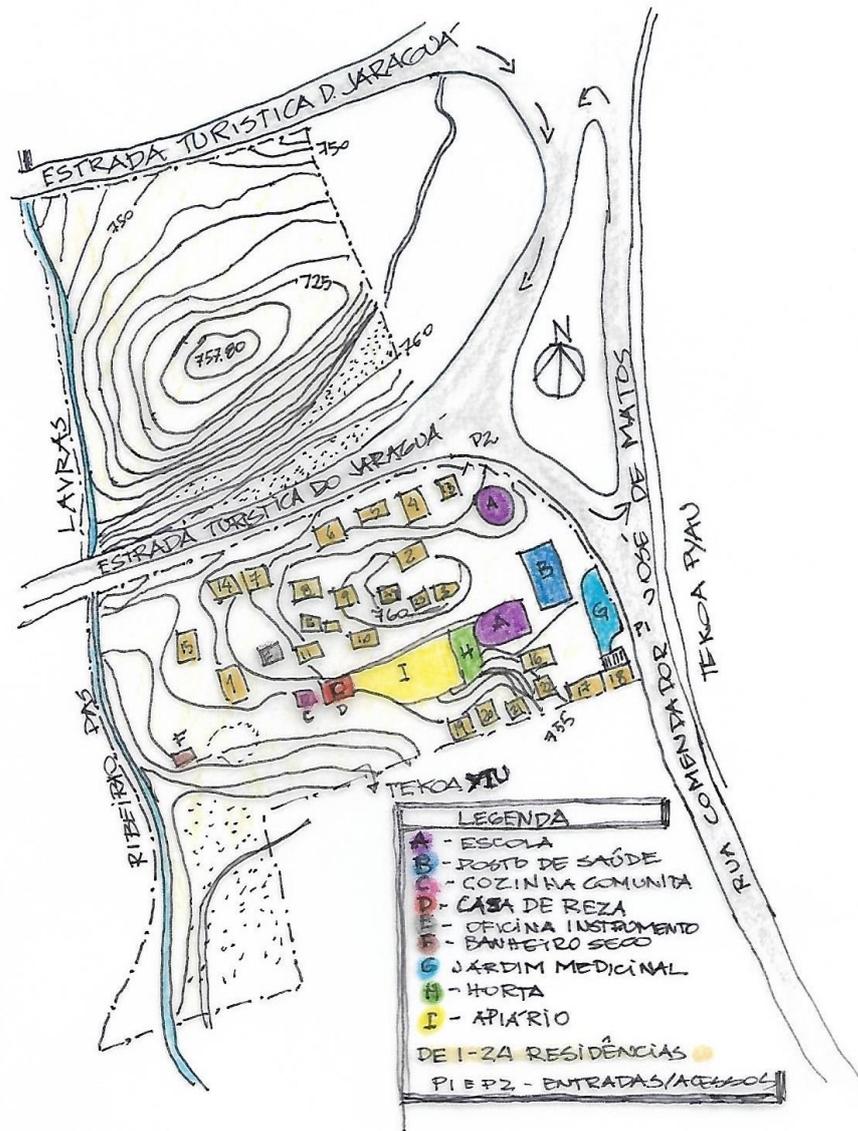
Fonte: CTI - Arquivo pessoal Maria Inês Ladeira, foto início 1980

Figura 24: Croqui do Tekoa Ytu



Fonte: COSTA, 1989.

Figura 25: Planta atual Tekoa Ytu



Fonte: Produção da autora, 2019.

Como se pode ver, no primeiro, há apenas cinco casas residenciais, pertencentes à dona Jandira e seus filhos. Além disso, tanto o *Opy* quanto a escola e a UBS (Unidade Básica de Saúde) ainda não haviam sido construídas. O segundo croqui, produzido pela autora em 2019, apresenta uma maior densidade: há cerca de 18 casas residenciais, casa de reza (C), cozinha comunitária (D), escola (A), UBS (B) e oficina de artesanato (E). Mesmo com esse aumento de edificações dentro do mesmo perímetro, ainda há muita vegetação entre elas. Os caminhos permanecem de terra, não foram calçados (Figura 26) e são, portanto, permeáveis à chuva. Há ainda um apiário e uma horta comunitária; a maior concentração de pessoas transitando, principalmente não-indígenas, se dá no eixo escola-UBS, onde muitas reuniões ocorrem nas partes aberta e coberta.

Figura 26: Caminhos entre as casas do Tekoa Ytu, 2020



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2019

Como resultado dessas aproximações entre Saúde e Educação, a urgência por infraestrutura é parte fundamental do contexto atual Guarani no que diz respeito à suas lutas por direitos constitucionais, assegurados pela Constituição Federal de 1988. Entretanto, como é possível ver e presenciar, faltam investimentos públicos básicos, principalmente relacionados à moradia e saneamento. Esses investimentos são urgentes para garantir a manutenção dos equipamentos públicos e de suas funções para a comunidade. A partir desses desafios e da urgência de se resolver tais problemas, enxerga-se parte do contexto cultural sensível Guarani em justaposição e ameaçado por condições precárias e impactantes.

CAPÍTULO 4 - PASSOS GUARANI EM DIREÇÃO ÀS RETOMADAS PELO TERRITÓRIO E O TEKOA YVY PORÃ

Este capítulo descreve algumas das principais lutas e conquistas vividas pelo povo Guarani na Terra Indígena do Jaraguá e seu processo na criação de uma paisagem de resistência. O *Tekoa* é um lugar que precisa de cuidados contínuos e é por meio desses cuidados e adaptações das tradições¹¹⁰ que surge essa paisagem. Em 2020, os Guarani revelaram a relação com seu território a partir de uma mudança na maneira como se apresentam à sociedade dominante. Passar pela Estrada Turística do Jaraguá em direção ao Parque Estadual é um percurso que diz pouco sobre o *Nhanderekó* e os Guarani; há muito mais por trás do que se vê (figura 27). Crianças Guarani correndo, casas de madeira, artesanatos expostos, fumaça e cachorros cruzando o caminho são algumas das imagens que não dão conta de mostrar o que são os *Tekoa*, os Guarani e o que estes desejam comunicar. Este capítulo iluminará, portanto, aspectos sobre esse povo e sua resposta ao momento atual por meio de suas manifestações, presentes nas espacialidades e narrativas que desenham seu percurso.

4.1. A Terra Indígena do Jaraguá: um recorte sobre seu contexto

Fazer um lugar, como é o caso dos Tekoa Mbya é um processo que exige cuidar continuamente para que ele não se desfaça [...] Os lugares habitados pelos Mbya [são] construídos como experiência social, que é o foco de cuidados contínuos.

(Adriana Testa¹¹¹)

Jaraguá, lugar de belezas naturais e paisagens múltiplas. Quem entra e sai de São Paulo pelo noroeste da metrópole se depara com dois picos cobertos por vegetação e trechos com resquícios de mata frondosa e nativa, algo incomum na paisagem da região. Há também o desvelar de mundos diversos, alguns contidos nos muros que cercam a Terra Indígena do

¹¹⁰ Como explicado no primeiro capítulo, usa-se o conceito de “tradição” de acordo com a concepção de que tradições não são inventários estáveis e estão sujeitos a mudanças. (TESTA, 2014 e LADEIRA, 1992)

¹¹¹ TESTA, Adriana Q. *Caminhos de Saberes Guarani Mbya: modos de criar, crescer e comunicar*. Tese de Pós-Graduação em Antropologia Social (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.

Jaraguá. Ao ver essas imagens (figura 27, 28 e 29) dos *Tekoa*, o que elas revelariam ao observador? Enxergam-se os Guarani? Muitas pessoas que passam pela Estrada Turística do Jaraguá relatam não saber que ali habita um povo indígena.

Ao olhar para a Terra Indígena do Jaraguá e, mais especificamente, para o *Tekoa Ytu* faz-se necessário entender partes da evolução da TI Jaraguá e seus desdobramentos e retomadas. Assim, na síntese feita a seguir combina-se o conteúdo das reflexões propostas anteriormente, contidas tanto no capítulo 1, onde é explorado o significado de viver e formar um *Tekoa*, quanto no capítulo 2 e 3, demonstrando particularidades do TI Jaraguá e do *Tekoa Ytu* até os dias atuais. A partir desse conjunto de informações, cria-se a possibilidade de melhor compreensão do panorama atual Guarani e seu contexto. Certamente, trata-se de uma bricolagem de múltiplas paisagens, vivenciadas e percebidas de maneiras distintas de acordo com seus valores e suas contradições.

As pessoas não são apenas observadoras, mas participantes. Como coloca Tim Ingold, “participação não se opõe à observação, mas é uma condição para isso” (INGOLD, 2011, p. 197). Ingold entende que pessoas e paisagens se constroem mutuamente; ou seja, seus significados são criados a partir das percepções, culturas e valores. Assim as paisagens são criadas de acordo com a cognicidade de seus habitantes, todos os agentes que influenciam a percepção humana impactam a paisagem. No seu texto “A temporalidade da Paisagem” em *The Perception of the Environment* (2000), Ingold explica paisagem pela temporalidade e sua relação com habitações (*dwelling*s), onde passa a ser testemunha de diferentes perspectivas entre populações nativas e não-nativas, gerações passadas e suas moradias. A conclusão desta dissertação trará essas reflexões, após apresentar o contexto atual Guarani e seu recorte.

Figura 27: Visão da rua para dentro do Tekoa Pyau



Fonte: Site Impacto Ambiental (UNESP)¹¹²

Figura 28: Entrada Tekoa Itavera vista da rua



Fonte: Arquivo pessoal da autora 2020

¹¹² Disponível em: <<http://www.impactounesp.com.br/2017/03/Tekoa-pyau-luta-por-terras.html>>. Acesso em setembro de 2020.

Figura 29: Tekoa Pyau vista da rua



Fonte: Blog Linhas Livres¹¹³

A palavra *Tekoa* está ligada a palavra *erekouaa*, que significa “saber cuidar” do crescimento de algo: filhos, roça, pessoas, saberes e, principalmente, lugares. Há uma analogia feita pela antropóloga Adriana Testa sobre o conceito de “*growing*” de Ingold (2002): “atos de criação realizados por humanos estão associados às condições mobilizadas no desenvolvimento desses corpos, coisas, caminhos, que por sua vez, são meios de acesso e a de circulação de saberes” (TESTA, 2018, p. 117). Viver em um *Tekoa* torna-se, assim, um tecer de “cuidados”, mesmo (e principalmente) nos dias de hoje, quando o contexto é desfavorável: há falta de espaço para o contato com a terra por meio de roças, os rios estão poluídos (especificamente o Ribeirão das Lavras, tratado no capítulo 3) e há a aproximação cada vez mais constante com não-indígenas.

Entretanto, como explicado no *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Funai*, de 2010, “atitudes que tornam a cultura Guarani pouco visível sempre

¹¹³ Disponível em: <<https://linhaslivres.wordpress.com/2015/05/16/supremo-suspende-reintegracao-de-posse-em-terra-indigena-de-sp>>. Acesso em setembro de 2020

foram táticas de preservação e também a forma pela qual evitam conflitos” (BRASIL, 2010, p. 352). Hoje, como a sociedade envolvente é demasiadamente presente, há estratégias, por parte de lideranças indígenas, para criar novas maneiras de tornar a sua cultura viva e atraente para eles mesmos e, também, construir vínculos e reafirmar seu protagonismo como indígenas na sociedade dominante. Por meio de vivências na aldeia, mutirões de plantio, aprendizagem com abelhas nativas, caminhadas guiadas pelo parque, entre muitas práticas, os Guarani comunicam seus conhecimentos. Sempre que há esse intercâmbio cultural, criam-se possibilidades de troca: os não-indígenas aprendem com os Guarani e os Guarani aprendem com os não-indígenas, mostrando sua contribuição de forma autêntica e positiva ao compartilhar saberes de preservação e interação com a mata.

A interpretação Guarani sobre posse de terras é um dos aspectos que determina sua conduta em relação ao meio ambiente, uns com os outros e à sociedade não-indígena. Para os Guarani, a propriedade da Terra está diretamente relacionada à sua criação/autoria¹¹⁴ e, portanto, é da ordem divina. O mesmo ocorre com a autoria de conhecimentos, explorada anteriormente. Enraizado no pensamento Guarani, os seres humanos possuem a concessão e formas apropriadas de uso da terra, mas não se veem como donos dela. Parte essencial deste conceito é que os Guarani se entendem como aprendizes de como melhor cuidar deste bem divino que não lhes pertence. Os autores, os seres divinos, são os verdadeiros donos. Assim há um constante esforço em aprender como se comunicar com as divindades e com as múltiplas subjetividades no mundo para poder se apropriar e cuidar melhor do leito terrestre, *Yvy rupa*¹¹⁵.

A ideia de que o criador de uma obra ou objeto é também seu autor e detém os direitos de propriedade e uso têm sido objeto de reflexão na etnologia contemporânea. [...]Considerando que a criação ou autoria pode se situar numa dimensão supra-humana (pois há técnicas, objetos e conhecimentos criados por seres divinos), direitos sobre estas criações podem estar atrelados, sobretudo, às condições “apropriadas” de uso e circulação destes bens materiais e simbólicos, indicando a necessidade de se

¹¹⁴ Para aprofundamentos sobre o conceito de *autoria* e *donos*, ver: FAUSTO, Carlos. *Donos Demais: Maestria e Domínio na Amazônia*. Mana 14 (2) 329- 366. 2008

¹¹⁵ *Yvy Rupa* é um conceito importante da cultura Guarani, conforme explicado mais detalhadamente no capítulo 1 desta dissertação.

investir em formas de acessar, apreender, cultivar e cuidar destes bens. (Brasil, 2010; 354)

A terra, onde se pisa firme e se faz brotar alimentos, água e plantas medicinais para a saúde e manutenção do corpo, é considerada um bem de todos os seres humanos, a dádiva e a arena para se viver e se praticar todos seus conhecimentos profundos. Como explica Carlos Alberto Zibel da Costa, essa noção, enraizada na forma de ser Guarani, cria um dos hiatos mais fortes entre o pensamento desse povo e o do não-indígena:

O Guarani sempre se julgou superior ao branco, justamente porque o civilizado aceitava como normal a comercialização e o —desrespeito à terra que ele usava [...], brigar por ela é visto como ato de baixaza incalculável. (ZIBEL DA COSTA, 1989: 201)

Atualmente, os Guarani do Jaraguá estão habituados a limites territoriais, definidos pela crescente fragmentação das áreas, cada vez mais engessadas pelo adensamento populacional. Fazendas, loteamentos, estradas, projetos de desenvolvimento e Unidades de Conservação Ambientais impossibilitam as migrações dos *Tekoa*¹¹⁶ e, em última instância, têm confinado suas populações a espaços cada vez menores, principalmente nos centros urbanos. Além dos Guarani viverem sob a ameaça de remoção, os espaços de mata que ficavam nas redondezas dos *Tekoa* do Jaraguá e eram usados para suas roças, caça e atividades na natureza, foram substituídos pelo adensamento da periferia. Essa conjectura, ocasionada pelas transformações e crescimento da região nas últimas décadas, bem como as relações cada vez mais frequentes com o não-indígena, afetam os Guarani.

A comunicação entre os Guarani e os não-indígenas se alterou e se intensificou muito com o uso de mídias sociais. O uso crescente e constante dessa ferramenta facilitou a exposição dos desafios e lutas enfrentados, além de permitir um compartilhamento mais direto de suas visões de mundo. Há poucos anos esse lugar virtual não existia; hoje, a conexão por meio virtual permite constante acesso às *lives* e postagens das lideranças indígenas. Isso expande o alcance

¹¹⁶ Como explicado no capítulo 1 desta dissertação, os *Tekoa* mudavam de localização constantemente para regeneração do solo e como tática de sobrevivência. Hoje os *Tekoa* são “sedentários” (interlocutor IG 01); é somente o Guarani que participam destes fluxos migratórios, mudando de *Tekoa*.

da voz Guarani e cria um espaço potente onde partilha-se visões de mundo e valores. Nos últimos anos surgiram organizações e comissões, como a Comissão Guarani *Yvy Rupa* (CGY)¹¹⁷, que existe desde 2016 e é formada por representantes de diferentes Terras Indígenas Guarani. Muitas dessas organizações e comissões funcionam como redes de articulação para as demandas das TIs, principalmente perante o poder público, com intuito de garantirem os direitos respaldados pela Constituição Federal de 1988. Existem diversos outros grupos¹¹⁸ e instituições, muitos também fortalecidos pelas mídias sociais¹¹⁹, que impulsionam ideias e projetos entre os Guarani, coletivos e parceiros não-indígenas.

O crescente hábito de se usar as mídias sociais, inclusive impulsionadas pelo isolamento social em 2020, alavancou a popularidade de algumas lideranças, muitas com milhares de seguidores. Em contrapartida, os Guarani ainda sofrem constante preconceito: são desrespeitados pela população dominante, na maioria das vezes, negligenciados pelo poder público e boicotados em seus direitos constitucionais, principalmente os relacionados ao processo demarcatório e suas anulações, tratadas ao longo dissertação. O interlocutor IG 09 relatou recentemente haver ataques constantes de não-indígenas que passam pela TI e arremessam pedras e todo tipo de lixo. De acordo com IG 09, esse tipo de assédio é degradante fisicamente, mas, sobretudo, moral e psicologicamente. Muitos jovens acabam se fechando, perdendo estímulo para estudar, entram em depressão, podendo chegar até ao suicídio.

Trata-se, portanto, de um dever moral debruçar-se sobre as demandas desse povo e ouvir o que eles têm a dizer. As mais recentes lutas Guarani no Jaraguá estão relacionadas à preservação de suas terras. Como apresentado, a maior parte de seu território está demarcado, mas aguarda homologação. O avanço do tecido urbano em direção a TI Jaraguá está cada vez mais acelerado, em um processo contínuo que cerca e confina o povo Guarani em espaços cada vez menores, para uma população que cresceu consideravelmente. Como visto no capítulo 2,

¹¹⁷ CGY é uma organização política autônoma que congrega as aldeias do povo guarani localizadas no Sul e Sudeste do Brasil na luta comum pela terra. Fonte: *Facebook comissão Yvy Rupa*. Acesso dia 02-01-2020

¹¹⁸ Grupos como *Existe Guarani em São Paulo*, *Viver Guarani*, *Yvy Rupa* e até mesmo organizações como APIB - Articulação dos Povos Indígenas do Brasil, Aupi (Aliança Universidade e Povos Indígenas) entre outros.

¹¹⁹ O estudo sobre a relação entre as espacialidades e o mundo virtual Guarani é um tema de grande interesse e que poderá ser explorado em pesquisas posteriores.

nos anos de 1960, a população de Guarani no Jaraguá não chegava a 20 pessoas e, em 2020, são mais de 570 (dados da UBS Aldeia Jaraguá *Kwaray Djekupe*).

4.2. Mudanças na paisagem: empreendimentos imobiliários

As drásticas mudanças de perfil do bairro do Jaraguá foram ocasionadas, inicialmente, pelo aumento de distribuidoras e empresas de logística, que buscavam fácil acesso às vias que circunscvem a região e, principalmente, pelo acelerado uso e ocupação do solo que ainda é, em maioria, residencial e horizontal (figura 30). Essas áreas são caracterizadas por favelas em área de risco, instaladas sobre córregos ou locais de grande declínio e, portanto, caracterizam regiões que necessitam de investimentos em infraestrutura urbana. Esse trecho do município está em constante crescimento demográfico e enfrenta um forte aumento da especulação imobiliária, além das consequências geradas pela conclusão do Trecho Oeste e do Trecho Norte do Rodoanel (Figura 31).

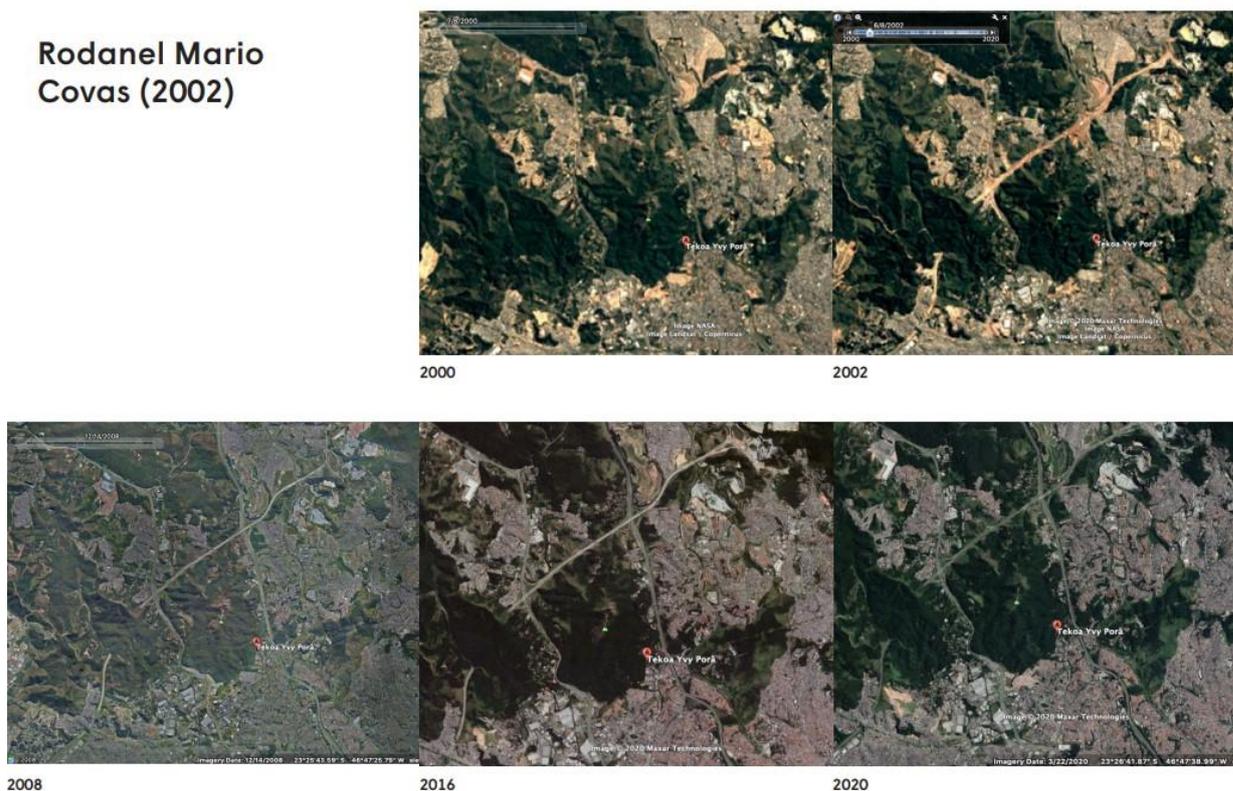
Figura 30: Uso e ocupação do solo predominantemente residencial e horizontal no Jaraguá



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020

Figura 31: Rodoanel e mudanças na região entre os anos 2000 e 2020

Rodanel Mario
Covas (2002)

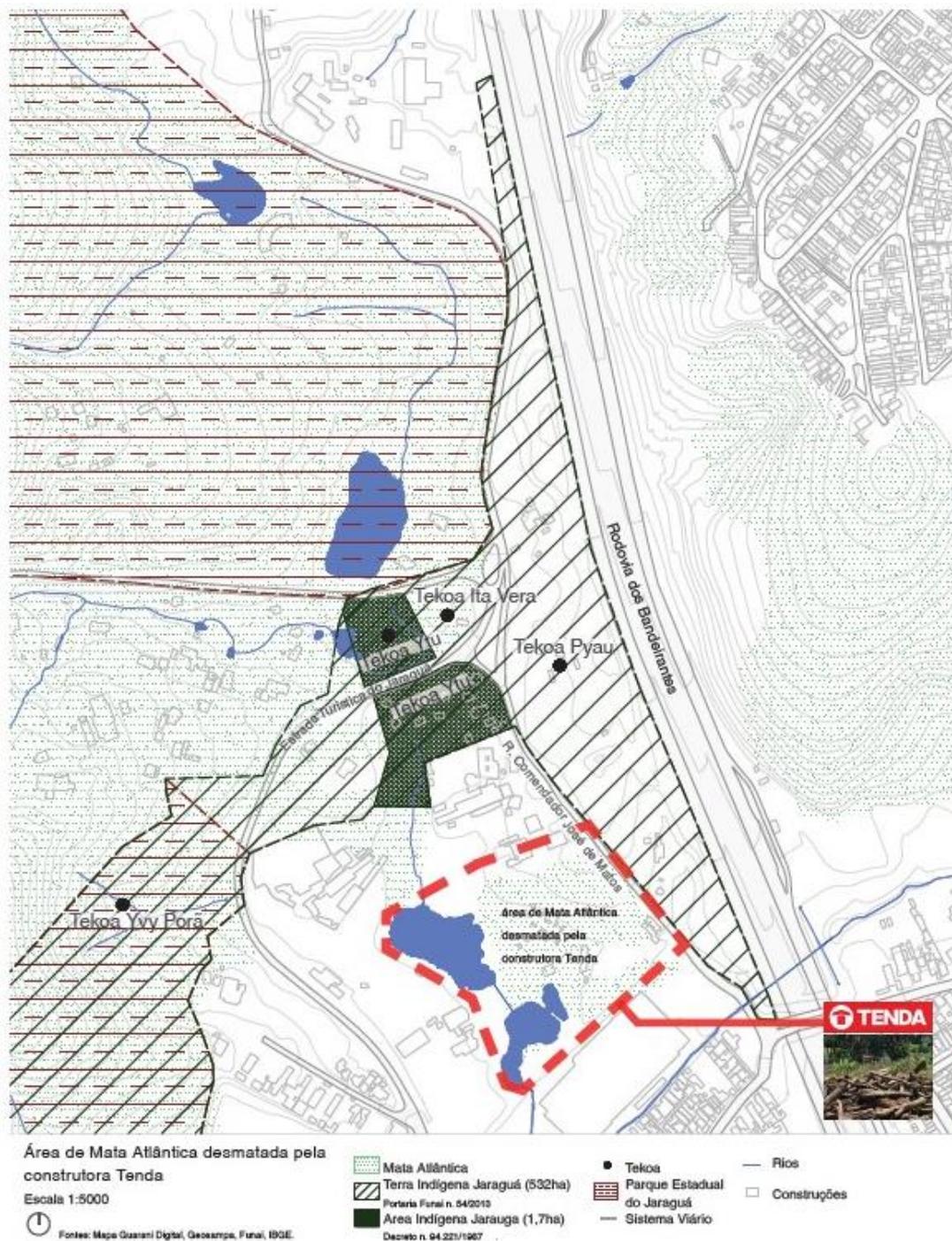


Fonte: Arranjo de imagens de Sabrina Montesanti (2002)

Portanto, não se trata de empreendimentos ou obras públicas e privadas únicas, mas de um modo imobiliário agressivo e expansivo, que não leva em consideração a urgência de se breçar os impactos nocivos produzidos pelas rápidas mudanças nas dinâmicas urbanas e de se observar a interconectividade ambiental e impactos culturais e sociais. Nos últimos anos, com o surgimento de novos empreendimentos imobiliários próximos à TI Jaraguá, a sobrevivência da mata nativa remanescente no entorno e, por consequência, o *Nhanderekó*, estão ameaçados. Assim, há uma série de táticas de resistência, articuladas pelas lideranças políticas dos *Tekoa* com intuito de proteger sua existência como povo, permanência naquele lugar e a sobrevivência da fauna e flora, tão importantes para a saúde e bem-estar da espécie humana.

Um exemplo recente que mostra os avanços do mercado imobiliário agressivo foi um empreendimento lançado pela Construtora Tenda, em 2019, a poucos metros da TI Jaraguá, com a proposta de construção de 11 torres com aproximadamente 880 unidades residenciais (figura 32 e 33).

Figura 32: Localização do empreendimento em relação à TI, área de mata desmatada pela construtora.

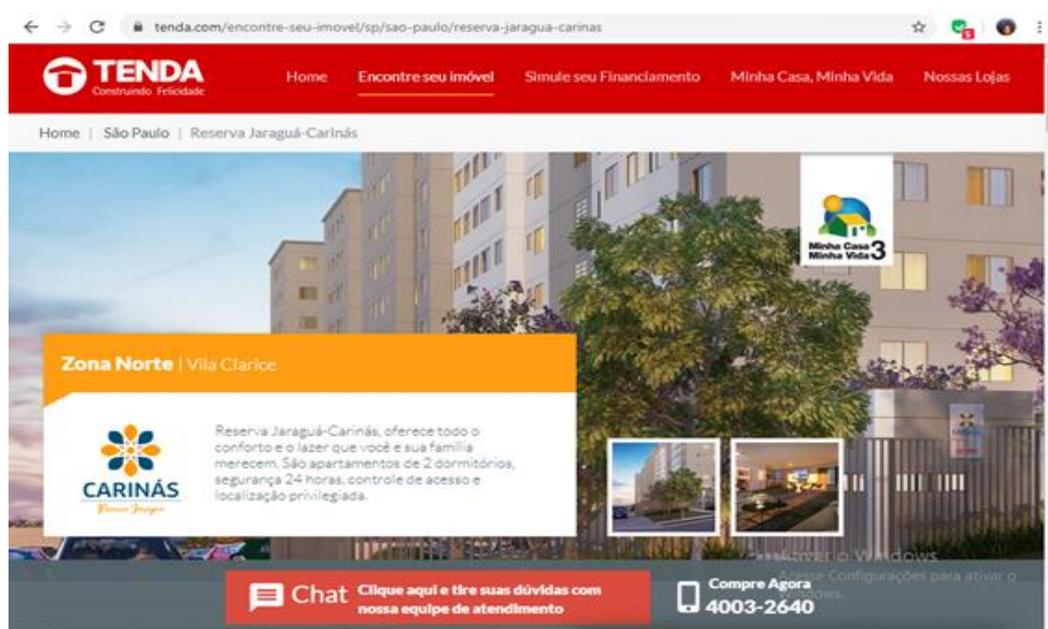


Fonte: Laura Pappalardo baseado em dados fornecidos por: Mapa Guarani, Funai, IBGE, Geosampa

Este projeto causou protesto dos Guarani, que se mobilizaram e convocaram a comunidade, vereadores, coletivos, apoiadores e ativistas e montaram uma ocupação no terreno da Tenda, chamada Ocupação *Yary Ty* (figuras 34 e 35). Essa ocupação ficou no terreno da

construtora por mais de um mês, entre o início de fevereiro e dia 10 de março de 2020, quando houve a reintegração de posse (figura 37). A ocupação protestou objetivamente contra a derrubada de árvores nativas, desmatadas em poucos dias pela construtora (figura 38), pela falta de diálogo adequado da construtora com o povo Guarani¹²⁰ e, principalmente, pela falta de estudos: ambiental, sociocultural e de Componente Indígena (ECI)¹²¹. O acampamento, montado na área da construtora onde foi implantado o empreendimento, gerou processo judicial que ainda está em curso.

Figura 33: Propaganda de condomínios na reserva Jaraguá-Carinás



Fonte: Site Tenda

¹²⁰ Alguns interlocutores relataram que durante vários meses pessoas da construtora tentaram subornar diferentes lideranças para obterem apoio.

¹²¹ De acordo com a Portaria Interministerial Nº 60/2015, há a obrigatoriedade de Estudos de Impacto Ambiental (EIA) a ser encaminhado ao Ibama para empreendimentos lineares, pontuais e hidrelétricas, na Amazônia Legal e Demais Regiões. Se o empreendimento for próximo (conf. Anexo I) de cidade com casos de malária, há um protocolo de estudos para ser adicionado ao EIA, orientado pelo Min. da Saúde. Se for próximo de terras quilombolas, o complemento é orientado pela Fundação Palmares. Se for próximo de Terra Indígena (Anexo II-B), deve ser feito o ECI orientado (e depois avaliado) pela Funai. Ao ser informado pelo órgão licenciador (Ibama, Cetesb etc) que há necessidade de ECI, o empreendedor deve contratar uma consultoria especializada e independente para fazê-lo. O estudo deve ser coordenado por pessoa pós-graduada em Antropologia Social.

Figura 34: Ocupação Yary Ty pelos Guarani, cartaz em luto pelas árvores derrubadas



Fonte: Rede Brasil Atual¹²²

Figura 35: Ocupação Guarani em terreno da construtora Tenda/entrevistas com lideranças



Fonte: Fotografia arquivo pessoal da autora, 2020

¹²² Disponível em: <<https://www.redebrasilatual.com.br/cidadania/2020/03/indigena-ocupacao-despejo/>>. Acesso em setembro de 2020.

Figura 36: Ocupação Yary TY em terreno da construtora Tenda imagem drone



Fonte: Jornal El Pais¹²³

Figura 37: Dia 10 de março de 2020 - Discurso de liderança durante a reintegração de posse



Fonte: Luca Meola. 11 de março, 2020¹²⁴

¹²³ Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-03-11/guaranis-driblam-ordem-de-reintegracao-de-posse-em-sao-paulo-e-ganham-tempo-contru-construtora.html>> Acesso em 29 de setembro de 2020.

¹²⁴ Disponível em: <[facebook/existeguaraniemsp](https://www.facebook.com/existeguaraniemsp)>. Acesso em setembro de 2020.

A fala do Interlocutor IG 09, uma das lideranças mais articuladas do movimento indígena Guarani atual, diz que a construção do *Empreendimento Reserva do Jaraguá - Carinas*, contendo 11 torres a poucos metros do *Tekoa Ytu*¹²⁵ seria tão destrutiva, que representaria o início do completo desaparecimento de seu povo na região. O processo de uma obra desta magnitude e, em seguida, o fluxo constante de 800 famílias alteraria completamente a natureza da região. A presença dos moradores tornaria insustentável o modo de vida Guarani, o *Nhanderekó*. Essas drásticas mudanças no perfil sociocultural da região, acrescido da devastação ambiental que um empreendimento deste porte causa, são impactos nocivos suficientes para barrar sua conclusão.

Uma das muitas iniciativas de apoio à luta dos Guarani contra a construção do empreendimento foi uma oficina, entre os dias 3 e 12 de fevereiro de 2020, que gerou um relatório¹²⁶ de análise ambiental e cultural¹²⁷: *Reserva Jaraguá-Carinás x Terra Indígena Guarani, Unidade de Conservação, ecologia da Paisagem e Patrimônio Cultural*, de SANDEVILLE Jr. et all, (2020).

¹²⁵ Localizado no terreno onde ficava o Antigo Clube Sociedade Sul Riograndense de São Paulo, localizado à Rua Comendador José de Matos, 139, Vila Clarice, São Paulo, SP, 02675-031, área total do terreno 8.624,59m² (Fonte: Site Tenda)

¹²⁶ Oficina da qual a autora participou e colaborou com o material do relatório

¹²⁷ Este relatório, apesar de conter parecer antropológico, reitera a importância de se ter um ECI.

Figura 38: Corte de árvores de grande porte e nativas terreno da Construtora Tenda



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020

Esse relatório, elaborado pelo professor Euler Sandeville Jr. e colaboradores, aponta para as implicações ambientais da construção desse projeto, o *Empreendimento Reserva Jaraguá-Carinás*. O relatório apresenta a inadequação da sua construção para este local e demonstra que sua construção violaria a conservação dos valores na escala urbana e ambiental da região, impactando negativamente a comunidade como um todo. O empreendimento encontra-se na zona de amortecimento do PEJ (Parque Estadual do Jaraguá) e o documento averigua que o órgão gestor do PEJ¹²⁸ não havia sido consultado. A partir dos dados

¹²⁸ O Parque Estadual do Jaraguá (PEJ) foi criado em 3 de maio de 1961 e com área de 492.68 hectares abrangendo os morros mais altos da cidade: Pico do Jaraguá, com 1.135m, e o do Papagaio, com 1.127m. Em 1994 o (PEJ), um dos principais remanescentes de vegetação da Mata Atlântica do município de São Paulo, foi tombado pelo Patrimônio da Humanidade pela Unesco e passou a fazer parte da Zona Núcleo do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo. (OLIVEIRA, 2018). Desde 2006, com a criação do SIEFLOR (Sistema Estadual de Florestas), o parque é monitorado e gerido pela Fundação Florestal, que faz parte da Secretaria Estadual do Meio Ambiente, junto ao Conselho Estadual do Meio Ambiente (CONSEMA).

De acordo com a Fundação de Florestas do Governo do Estado de São Paulo, a área onde se encontra o Parque Estadual do Jaraguá, por ter sido uma antiga fazenda do ciclo do ouro, foi adquirida com o intuito de proteger os recursos naturais da região. Entre 1972 e 2004 o parque foi gerido pelas Secretarias de Cultura, Esporte e Turismo, que visavam ampliar as áreas recreativas. Nesse sentido, houve investimento em infraestrutura turística, com a construção de marquises, lanchonetes, sanitários, entre outros, o que atraiu um número cada vez maior de usuários. Em 2004, o Governo do Estado transferiu a administração do parque para a Secretaria do Meio Ambiente e estabeleceu normas que caracterizam a UC de proteção integral, para valorizar os aspectos naturais do parque. (OLIVEIRA, 2018). Assim, quando a área do parque foi caracterizada como unidade de conservação (UC)

disponíveis, esse relatório¹²⁹ apresentou, assim, a irreversibilidade do impacto ambiental, cultural e humano que o empreendimento representa para a Região.

O Relatório também mostrou que o local do empreendimento se encontra em área Zeis 2 aprovado na Lei de P., N. e O.S. de 2016, além de estar em uma área que é um bem tombado (ZEPAN¹³⁰). Esta área já pertenceu à antiga fazenda Jaraguá e, posteriormente, à sociedade Sul Rio Grandense de SP. Foi arrematada em leilão pela Trenta Partic. Ltda¹³¹ em 2008. No que diz respeito à Unidade de Conservação, por se tratar de patrimônio cultural e natural indispensável e indissociável, a região do empreendimento é reconhecida no Plano Diretor Estratégico (PDE) de 2014¹³² como Macrozona de Proteção e Recuperação Ambiental definida pelo PDE:

O território está, portanto, em um contexto em que é necessária a preservação da vegetação e a contenção da mancha urbana, bem como a preservação de significativos valores culturais para a cidade. Esses recursos, ora em risco, coexistem em uma região de imensa vulnerabilidade social. Sua preservação pode ser conjugada a projetos indutores de educação, geração de renda e recuperação da autoestima dos moradores sujeitos a indicadores sociais dos mais graves na cidade de São Paulo, conforme

proteção integral, seus recursos tornaram-se exclusivamente para uso indireto e não puderam ser usados para consumo ou coleta indígena.

Atualmente, segundo as normas de uso do parque, permite-se a realização de atividades de educação ambiental, recreação e turismo ecológico. O parque é o único equipamento que oferece lazer para população do entorno, além de contribuir para a Regulação Térmica/Energética, a Regulação Hídrica e Minimização da Poluição do Ar da região. Contudo, com a implantação do Rodoanel Metropolitano Mário Covas, inaugurado em 2002, o entorno do parque ficou suscetível à crescente instalação de indústrias e distribuidoras logísticas, por possuir localização de fácil acesso às rodovias Anhanguera, Bandeirantes e o próprio Rodoanel. Portanto, a região do Jaraguá passou a sofrer mudanças bruscas, não só na parte viária, com transformações constantes, mas no perfil das ocupações que impactam diretamente a região.

¹²⁹ Esse estudo não substitui o ECI (Estudo de Componente Indígena), que é de extrema importância para se aprofundar sobre as implicações de se construir um empreendimento dessa magnitude a poucos metros de uma TI.

¹³⁰ Art. 19. As Zonas Especiais de Proteção Ambiental (ZEPAM) são porções do território do Município destinadas a preservação e proteção do patrimônio ambiental, que tem como principais atributos remanescentes de Mata Atlântica e outras formações de vegetação nativa, arborização de relevância ambiental, vegetação significativa, alto índice de permeabilidade e a existência de nascentes, incluindo parques urbanos existentes e planejados e os parques naturais planejados, que prestam relevantes serviços ambientais, entre os quais a conservação da biodiversidade, controle de processos erosivos, produção de água e regulação microclimática.

¹³¹ Em 2011, a razão social foi alterada para Trenta Negócios Imobiliários.

¹³² Primeira parte do Estudo: *Reserva Jaraguá Carinás x Terra Indígena Guarani, Unidade de Conservação, Ecologia da Paisagem e Patrimônio Cultural. Impacto socioambiental: análise ambiental*. Universidade Livre e Colaborativa, São Paulo, 2020, p.9.

apregoa o Território de Interesse da Cultura e da Paisagem (TICP). (Universidade Livre e Colaborativa, São Paulo, 2020).

Nota-se que, em 2016, a área onde fica o empreendimento foi mudada para Zeis 2 e esta mudança não consta no Plano Diretor. Como averiguado por meio do relatório, esse empreendimento não é um caso isolado, mas faz parte de um processo maior de especulação imobiliária da região. Há, portanto, de se levar em consideração a questão da conectividade ambiental e a importância de se construir corredores ecológicos (figura 39). A conectividade ecológica da região, além de preservar a biodiversidade em uma escala regional, impede que obras públicas ou empreendimentos imobiliários isolados destruam os fragmentos de mata remanescente¹³³.

¹³³ Esta dissertação não irá se aprofundar nesses estudos, por fugirem do escopo deste trabalho. Para mais informações, vide: *Reserva Jaraguá-Cainás x Terra Indígena Guarani, Unidade de Conservação, ecologia da Paisagem e Patrimônio Cultural* produzido pelo TICP (Território de Interesse da Cultura e a Paisagem) Jaraguá Perus, 2014, programa Universidade Livre e Colaborativa em, 27 de fevereiro 2020.

Figura 39: Corredores ecológicos



Fonte: SÃO PAULO (CIDADE) 2017c ¹³⁴

Felizmente, no dia 7 de abril de 2020 a Justiça Federal¹³⁵ decretou que a construtora Tenda se absteresse de realizar qualquer obra ou manejo ambiental no terreno.

Sustentam, em síntese, que houve irregularidades no procedimento de autorização ambiental conduzido pelo Município de São Paulo para construção de empreendimento na área indicada, motivo pelo qual não é possível afirmar que o Parque Jaraguá ou as comunidades indígenas não serão impactadas. Alega que o próprio Município reconhece que não houve a realização de Estudo e Relatório de Impacto Ambiental, que seria obrigatório nos termos da Resolução CONAMA nº

¹³⁴Vide.: *Relatório Reserva Jaraguá-Cainás x Terra Indígena Guarani, Unidade de Conservação, ecologia da Paisagem e Patrimônio Cultural* produzido pelo TICP (Território de Interesse da Cultura e a Paisagem) Jaraguá Perus, 2014, programa Universidade Livre e Colaborativa, 27 de fevereiro 2020, p. 24.

¹³⁵ Por meio de processo judicial eletrônico, Ação Pública Número 5002056-31.2020.4.03.6100, julgado pela 14 Vara Cível Federal de São Paulo e assinado por: Tatiana Pattaro Pereira com referente: Defensoria Pública da União, Defensoria Pública do Estado de São Paulo.

01/86, e que a área em questão se encontra em Zona de Amortecimento do Parque Estadual do Jaraguá, que, nos termos da Lei nº 9.985/2000 e Resolução CONAMA nº 13/1990, está sujeita a normas e restrições específicas que não estariam sendo observadas. Sustenta a ausência de aprovação do órgão ambiental licenciador e que as entidades que deveriam ter sido consultadas, como a FUNAI e a própria comunidade indígena, sequer foram ouvidas, violando a Convenção OIT nº 169 [...]. Por tudo isso, entendo que estão presentes os requisitos ensejadores do deferimento da tutela, para que a construtora TENDA se abstenha, até ulterior deliberação, de realizar qualquer obra ou manejo ambiental na área questionada. (Processo Judicial Eletrônico, Justiça Federal da 3 Região, 07/04/2020)

O processo ainda está na justiça, mas essa, entre outras conquistas civis¹³⁶ dos Guarani e da população, demonstra a eficiência gerada pela união entre pessoas que se articulam em favor de um bem maior, que é a preservação da mata nativa e da cultura Guarani naquele local. O posicionamento da sociedade contra eventuais erros, incompatibilidades, atrocidades ambientais e socioculturais é fundamental para o exercício da democracia. É possível, perante esforços conjuntos e protestos pacíficos, barrar irregularidades que ameacem o meio ambiente e/ou firam a lei e princípios humanos. Esse avanço tem poderoso valor simbólico para os Guarani, além de demonstrar a eficácia da sociedade, quando bem articulada e unida.

Os Guarani da TI Jaraguá se organizaram com facilidade e agilidade e protestaram, chamando a atenção da população¹³⁷, criando um campo fértil para novas *ideias* e perspectivas. Uma dessas, em meio ao protesto contra a construção do empreendimento *Reserva Jaraguá-Carinás*, foi a proposta do Vereador Gilberto Natalini, em transformar a área da construtora em um Centro Ecológico e Memorial da Cultura Guarani, chamado *Yary Ty (CEYTY)*¹³⁸. Essa proposta foi muito bem aceita pelos Guarani, que atualmente reivindicam pela desapropriação

¹³⁶ Os Guarani têm uma série de conquistas por meio de protestos pacíficos. Um dos mais famosos foi em 2017 quando houve a tomada do pico do Jaraguá e desligamento das torres de transmissão. Esse protesto foi contra a Portaria 683/2017 assinada pelo Ministério da Justiça que cancelava a portaria 581/2015 que declarava a posse 532 hectares das terras para os Guarani.

¹³⁷ Por meio da ocupação *Yari Ty* e articulação nas mídias sociais, os Guarani conseguiram apoio de grande número de pessoas, inclusive algumas figuras de destaque como o cantor e compositor Arnaldo Antunes que fez uma apresentação musical (imagem) na ocupação em favor dos Guarani e contestando o desmatamento e a construção do Empreendimento Carinas. Os vereadores Eduardo Suplicy (PT) e Sônia Guajajara (ex-candidata a Vice-Presidente da República, na chapa de Guilherme Boulos do PSOL) também deram seu apoio e estiveram junto aos Guarani em momentos mais duros como alguns Coletivos da periferia e a mídia internacional.

¹³⁸ De acordo com interlocutor Guarani, *Yary Ty* significa “flor de cedro” em homenagem aos enormes cedros derrubados pela construtora. Segundo sua fala, o cedro é uma espécie de árvore sagrada para os Guarani.

da área pertencente à construtora Tenda, para que seja realizada a construção desse parque e memorial.

4.3. Outros empreendimentos imobiliários na região

Há mudanças drásticas ocorrendo na região, resultantes de investimentos imobiliários milionários e interesses especulativos recentes. Trata-se de um contexto complexo e carente de políticas públicas adequadas que observem a interconectividade dos espaços, as transformações que são irreversíveis e as que podem ser evitadas. Como bem apontado pelo Relatório (TICP, 2020), nenhuma ação ou empreendimento deve ser analisado fora do todo e requer estudos integrados. Isolar áreas, aprovando empreendimentos sem estudos mais amplos, intensifica os problemas de áreas periféricas socialmente vulneráveis.

No que diz respeito ao impacto direto sobre a TI Jaraguá, esses outros projetos e empreendimentos também estão em processo de avanço, pelas franjas da vegetação nativa. Muitos deles, se conseguirem ser construídos, poderão causar danos ambientais incalculáveis, além de alterar drástica e abruptamente a região e, portanto, prejudicar a vida das pessoas que moram no entorno. Dentre alguns desses empreendimentos e loteamentos irregulares ou passíveis de regularização, está o Parque Condomínio Reserva do Jaraguá¹³⁹, que fica numa área de 61.231,12 m² (FARIA, 2011) e que também aponta alguns loteamentos irregulares, como o Conjunto Habitacional Turística do Jaraguá (Interesse Social), formado em 1998 pela Associação dos Trabalhadores Sem Terra de São Paulo (ATSTSP) e composto por 1.450 lotes em 282.200m² (FARIA, 2011).

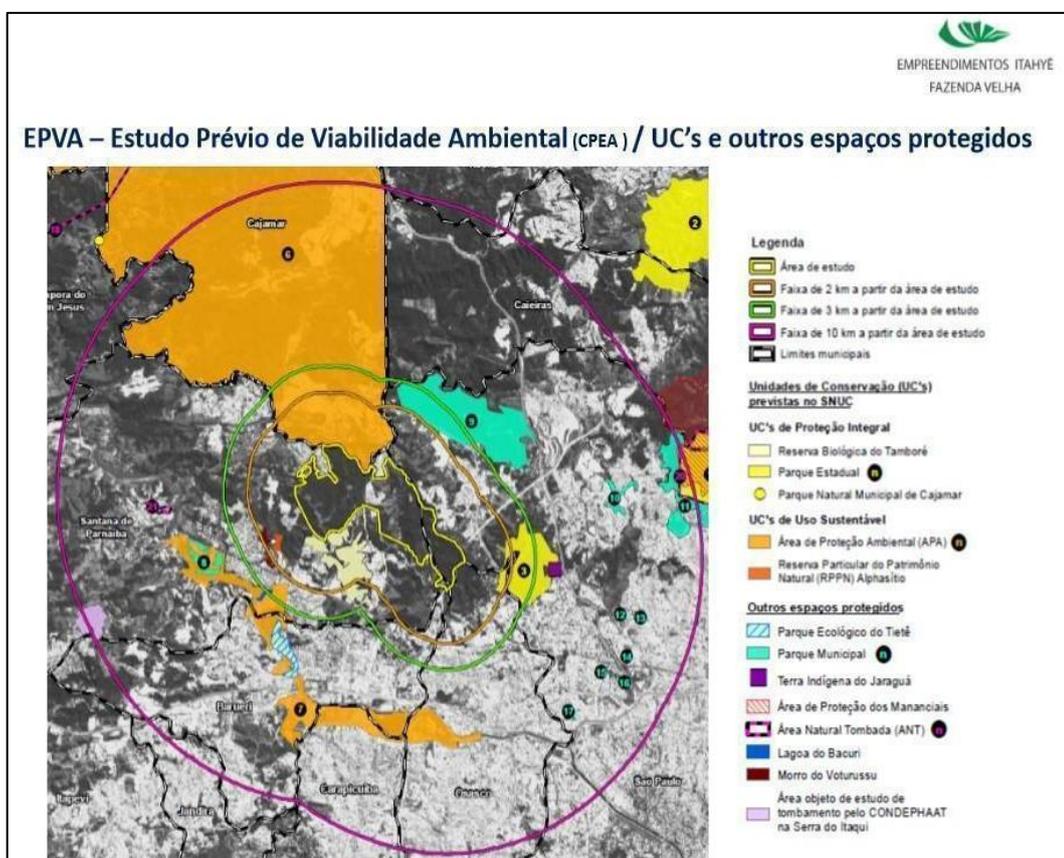
Um outro empreendimento em curso é o realizado pela Atua Econ Construtora. Esse empreendimento encontra-se em um terreno de 45 mil m², contendo dois condomínios residenciais, com seis prédios e apartamentos de 40m², área de lazer além de um centro comercial no mesmo terreno (CROCHIK 2008).¹⁴⁰

¹³⁹ O imóvel aparece no cadastro do INCRA, em situação de espólio, contendo seis hectares. (Faria, 2011)

¹⁴⁰ CROCHIK, Miguel Marques. *Gentrificação verde: o urbanismo sustentável como instrumento da reestruturação imobiliária de Perus*. São Paulo: FFLCH, 2018.

De todos esses empreendimentos, o maior é o Fazenda *Itahyê*, que contempla um projeto com 80 mil unidades para ser lançado em fases ao longo de 50 anos. Como mostra a figura 40, a seguir, A TI Jaraguá está a uma distância de 1 km do empreendimento. Entretanto, esse empreendimento em específico contratou uma série de estudos, inclusive o ECI (Estudo de Componente Indígena) e, de acordo com algumas lideranças da TI Jaraguá (e pelo que a autora pode observar em campo), estabelece um bom diálogo com o povo Guarani da TI Jaraguá.

Figura 40: Estudo Prévio de Viabilidade Ambiental



Fonte: Fazenda *Itahyê* (Concedida a autora em dez. 2019)

O Plano Diretor Estratégico (PDE) de 2014 descreve a área em que a TI Jaraguá está, bem como seu entorno, como área de fragilidade ambiental do município e sugere que seja necessária a recuperação da biodiversidade e conectividade ambiental do local. Portanto, está inserida numa região denominada de **Macrozona de Proteção e Recuperação Ambiental**. Por um lado, há de se preservar o bioma que resta e, por outro, a riqueza cultural presente no

local. Nesse sentido, essa junção pode até trazer recursos econômicos presentes no turismo ambiental como forma de geração de renda e fortalecimento da autoestima dos moradores pertencentes a TI Jaraguá e também dos habitantes do entorno. Para melhor entender a região, é importante esclarecer a dinâmica que exerce pressão sobre os “fragmentos de vegetação e sobre áreas periféricas socialmente vulneráveis, com o agravante, no caso, da contiguidade com a Terra Indígena” (Universidade Livre e Colaborativa, 2020, p. 23).

A região onde está o Jaraguá e parte da Cantareira foi reconhecida em 1994 pela UNESCO como Reserva da Biosfera do Cinturão Verde da Cidade de São Paulo. O Jaraguá faz parte da Zona Núcleo.

Art. 41. A Reserva da Biosfera é um modelo, adotado internacionalmente, de gestão integrada, participativa e sustentável dos recursos naturais, com objetivos básicos de preservação da diversidade biológica, o desenvolvimento de atividades de pesquisa o monitoramento ambiental, a educação ambiental, o desenvolvimento sustentável e a melhoria da qualidade de vida das populações. (Regulamento) ss I A reserva da Biosfera é constituída por: I - uma ou várias áreas-núcleo, destinadas à proteção integral da natureza; ii - uma ou várias zonas de amortecimento, onde só são admitidas atividades que não resultem em dano para as áreas-núcleo; e iii - uma ou várias zonas de transição, sem limites rígidos, onde o processo de ocupação e o manejo dos recursos naturais são planejados e conduzidos de modo participativo e em bases sustentáveis. (BRASIL. Ministério do Meio Ambiente. SNUC - Sistema Nacional de Unidades de Conservação da Natureza: Lei N 9.985, de 18d e julho de 2000)

Faz-se necessário apresentar a lei para reiterar o caráter emergencial da região, que apresenta crescentes problemas ambientais e sociais. Os Guarani lutam pela interrupção da destruição, não só dos fragmentos da vegetação nativa remanescentes, mas, principalmente, das nascentes e cursos d'água que podem representar o extermínio de sua cultura e sua existência como povo indígena no local. A manutenção da biodiversidade está atrelada à sua sobrevivência e, portanto, à contenção da mancha urbana¹⁴¹. É preciso sintetizar alguns conceitos que explicam a importância dessa contenção imobiliária na região, para que se

¹⁴¹ Este trabalho, dados seus objetivos e recortes, não irá aprofundar a questão de territorialidade indígena. Para mais informações acerca da situação atual de territorialidade indígena no Brasil, vide: *Direitos dos Povos Indígenas em Disputa*, de Manuela Carneiro da Cunha (2018).

entenda a interconectividade da região formando um contexto amplo. Esse entendimento reitera ainda mais claramente a seguinte afirmação:

Empreendimentos de habitação popular de grande porte devem estar situados em trechos que não representem impacto sobre os remanescentes de vegetação ou para a TI, ou devem ser alocados em setores das Macroáreas voltadas para a Qualificação e Redução de Vulnerabilidade Urbana que comportem maior adensamento. (Universidade Livre e Colaborativa, 2020 p. 15)

Uma das propostas de sustentabilidade para a região¹⁴², defendida pelo Território de Interesse da Cultura e da Paisagem (TICP), é justamente unir a preservação da natureza à projetos indutores de educação, geração de renda e recuperação da autoestima da população. Nesse caso, a população indígena da TI Jaraguá já desenvolve várias iniciativas, como mutirões, casas de cultura, cursos e outros eventos, impulsionados pelas mídias sociais, coletivos, ONG, instituições de ensino (privadas e públicas), entre tantos outros órgãos e instituições apoiadoras. Infelizmente, falta a ação mais estruturada do Governo e da Secretaria da Cultura no sentido de dar suporte a esses projetos.

4.4. Visões Guarani sobre seu espaço e projeções futuras

O povo Guarani na Terra Indígena do Jaraguá aprendeu a lutar por seus direitos, conhecer a constituição e denunciar as impunidades e incoerências recorrentes em seu cotidiano. Vivem o *Nhanderekó*, ou modo de vida Guarani, por meio da vida comunitária, o que revigora seus projetos e dá sustentação para suas lutas. O viver em comunidade os fortalece e causa estranheza reconhecer o individualismo dos não-indígenas urbanos comuns, muitas vezes alienados das questões que envolvem a sociedade como um todo.

“Agora, a cidade, porque o *jurua* [não-indígena] chama de cidade? eu fiquei pensando nisso. É porque os *jurua* que vivem em São Paulo, no prédio lá de doze, treze, quinze

¹⁴² Para aprovar a questão de necessidade de preservação dos fragmentos de mata nativa, o PDE entende a região correspondente ao entorno da TI como **Macroárea de Preservação dos Ecossistemas Naturais** que está marcada como a área do Parque e sua área de amortecimento e também **Macroárea de Redução de Vulnerabilidade e Recuperação ambiental**.

famílias, não se conhecem. De um lado mora um, de outro lado mora outro, ninguém se conhece, então tá totalmente “si”. Por isso é *sidade*, lá está morando o “si” sozinho. No *Tekoa* envolve comunidade indígena, que mora dentro da aldeia, isso é que é o chamado *Tekoa*. Envolve tudo”. [...]O “si” é a condição própria dos juruá, sempre pensando em si, vivendo para si, cada um por si, ignorando e evitando múltiplas subjetividades que povoam o cosmos, diferentemente de quem vive no *Tekoa*, por onde passam e onde se constituem relações com diferentes coletivos, humanos e não humanos (NOGUEIRA DA SILVA, 2018, p. 186).

Como mostra a fala do interlocutor de Nogueira da Silva acima, o *Tekoa* envolve tudo. Hoje, assim como no passado, seu *Nhanderekó* e sua cultura estão principalmente relacionados à sua espiritualidade e à vida comunitária. É a partir da vida comunitária, dos sonhos vividos e construídos juntos, que sua força se manifesta. Não apenas no canto do coral durante as rezas realizadas no *Opy* mas em todas as ações arquitetadas em conjunto, demonstram essa harmonia e potência na voz Guarani. Divergências ocorrem, mas o que é importante destacar e descrever é a produção contínua de seus projetos, que se concretizam, um atrás do outro.

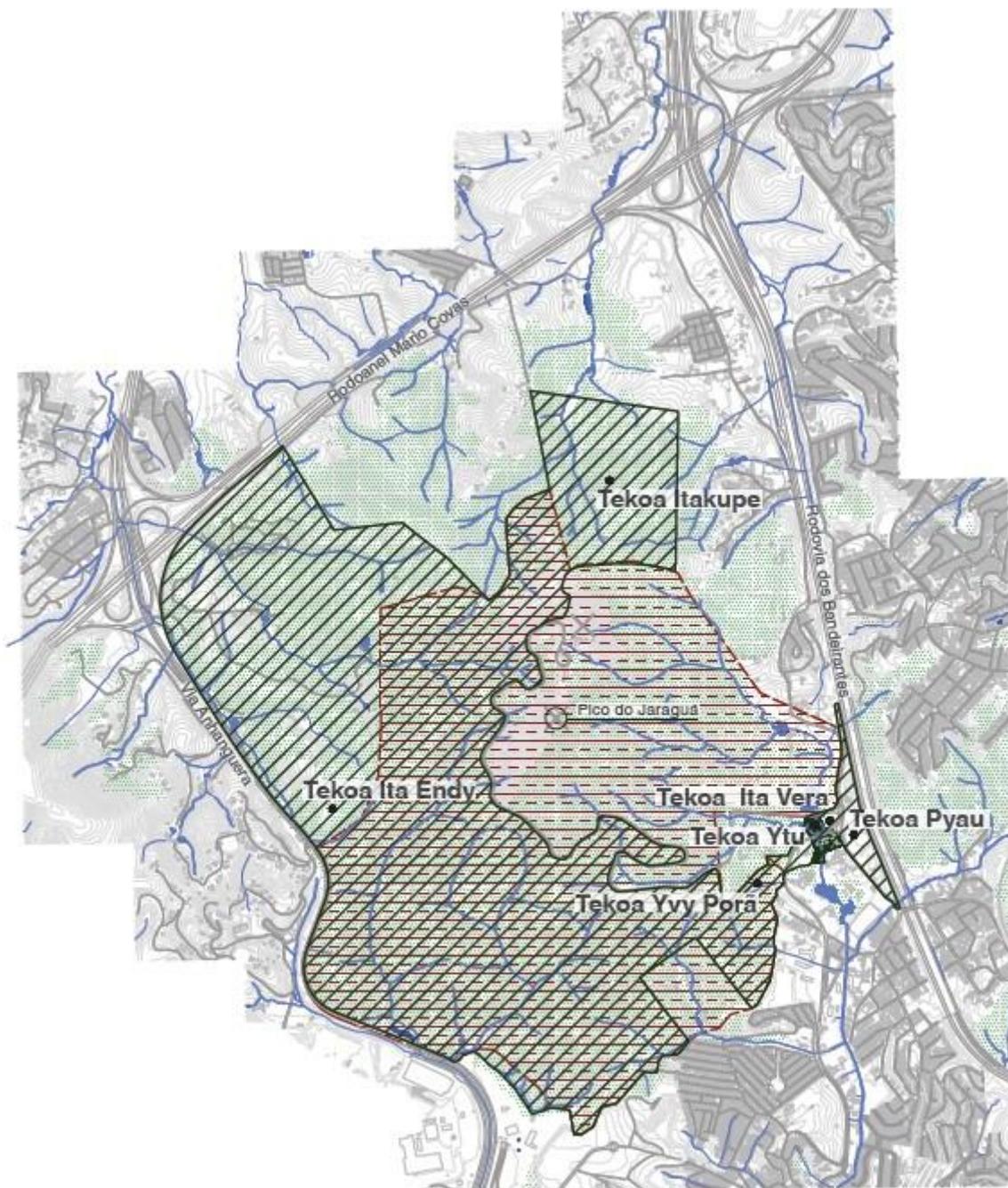
Um desses projetos mais relevantes para o povo Guarani do Jaraguá é a recente formação do *Tekoa Yvy Porã*. Essa retomada territorial Guarani tem um caráter especial. Na descrição de uma liderança, morador desse novo *Tekoa*, ela está sendo pensada como “cartão postal” para a TI Jaraguá. Para os Guarani, esse novo *Tekoa* representa a possibilidade de viverem seu modo de vida ou *Nhanderekó* com as modernidades disponíveis, mostrando ser possível incorporá-las e, ao mesmo tempo, viver sua cultura, tão presente e marcante no território e tratada sob tantos prismas ao longo do texto.

A ideia da *Yvy Porã* é ficar no máximo com mais 10 famílias, hoje já tem seis. [...] A gente quer que a *Yvy Porã* seja um exemplo de local que você consegue ter tudo assim que não é tradicional, mas você vive na tradicionalidade. Aqui tem *wifi*! Então a gente quer mostrar essa condição: você é indígena, você tem a tradicionalidade, mas também a modernidade. E porque não? Dá pra viver os dois. Não importa. As outras coisas são, vamos dizer assim, coisas banais, mas o que é mais importante é nossa tradição. Então é isso que a gente quer mostrar pras pessoas. Não só pro nosso grupo mas também pra mostrar para a sociedade toda aí. Não precisa chegar e derrubar uma área grande pra fazer estacionamento, faz estacionamento debaixo da terra mas deixa as árvores ali né? É isso. (Conversa com Interlocutor IG 01, setembro 2020)

De acordo com o Interlocutor IG 01, ao longo dos últimos anos, as retomadas pelo território aconteceram de forma gradativa: primeiro pela área onde está o *Tekoa Itakupé* e, em

seguida, pelos *Tekoa Itawera* e *Tekoa Itaendy*. Mais recentemente, houve a retomada da área onde fica hoje o *Tekoa Yvy Porã* (2017) (figura41).

Figura 41: Mapa marcando a TI Jaraguá e as retomadas



Terra Indígena Jaraguá
e Parque Estadual do Jaraguá
Escala 1:25000



Fonte: Mapa Guarani Digital, Geosampa, Funai, IBGE.

- | | | |
|---|----------------------------|-------------|
| Mata Atlântica | Tekoa | Antenas |
| Terra Indígena Jaraguá (532ha)
Portaria Funai n. 04/2013 | Parque Estadual do Jaraguá | Rios |
| Área Indígena Jaraguá (1,7ha) | Sistema Viário | Construções |
| Decreto n. 94.221/1967 | | |

Fonte: Laura Pappalardo baseado em dados fornecidos por Mapa Guarani, Funai, IBGE, Geosampa.

Esse processo de retomada do território Guarani e a criação de diferentes *Tekoa* tem o intuito de garantir que suas terras, que foram demarcadas, mas ainda não foram homologadas, não sejam ocupadas por posseiros.

As Terras que circundam o parque a gente tá com a estratégia de retomada e o Jaraguá tá sofrendo processos muito grandes de invasão de terras [...]. Tem várias partes que estão sendo ocupadas por esses grupos pequenos, grupos organizados¹⁴³. A nossa área indígena não foi invadida ainda, tá chegando perto, então antes que tenha algum tipo de atrito com essas pessoas que são do movimento das pessoas que não tem onde morar por exemplo, aí seria tenso. (Conversa entre autora e o interlocutor IG 01, setembro de 2020)

Além das retomadas serem importantes táticas de preservação do território Guarani, outro aspecto importante está na maneira como os Guarani se apresentam para os não-indígenas e a maneira como criam essas retomadas. A mais recente retomada territorial é o *Tekoa Yvy Porã*, que tem propositalmente um caráter estético que possa propiciar e comunicar o modo de vida Guarani, além de como eles acreditam impactar os não-indígenas. O processo de se abrir e se mostrar faz parte das táticas atuais de preservação do seu *Nhanderekó* e está presente nas dinâmicas das lideranças da TI Jaraguá. Portanto, as lideranças Guarani que moram no *Tekoa Yvy Porã* querem mostrar sua cultura e seus anseios, como um grito de súplica pela proteção da fauna e flora e pela garantia de se manter direitos e seu território, como mostra a fala abaixo, do interlocutor IG 01:

Então, a gente luta para poder preservar o que a gente tem e ainda mostrar nossa cultura porque muitas coisas não mostravam. Juruá não tinha conhecimento. Então os antropólogos que faziam amizade e ficavam dez anos pra uma coisa, aí conseguia mas até lá... Ele entrava com 20 anos e quando terminava sua pesquisa já tinha quase 70 anos (risos), então era difícil. Só que agora não, jovens lideranças, que a gente fala, que surgiu, abriu espaço né? O próprio Timóteo (liderança espiritual importante), o finado *xeramoí Jejoko* lá do Rio Silveira. [foi] o primeiro pajé, *xeramoí* que abriu as portas da casa de rezas pro *juruá* entrar. Ele foi o primeiro e depois muitos *xeramoí* abriram essa porta pra ter o conhecimento da espiritualidade, na verdade, Guarani. Isso foi muito importante e a gente vê que [é] cada vez mais. É muito importante, né?

¹⁴³ O Interlocutor deixa claro que esses pequenos grupos organizados não são do MST e diz que o MST “estuda o lugar que ele vai fazer ocupações”.

Então por isso eu tô aqui. Pra ajudar mesmo. (Conversa com Interlocutor IG 01, setembro 2020).

Essa fala é potente porque comunica mudanças na maneira como os eles se apresentam e se posicionam perante à sociedade dominante e aos não-indígenas. Vivem um processo de abertura para se mostrarem e não se esquivarem ou se esconderem, como já foi tática muito comum para sua sobrevivência¹⁴⁴. O Interlocutor até faz uma brincadeira quando ri e diz que o antropólogo ficava 50 anos para conseguir “uma coisa”, ou seja, alguma informação de peso. Em seguida, o interlocutor reitera sua postura em “ajudar” o não-indígena a conhecer sua cultura. Essa intencionalidade mostra não ser uma postura vinda dele pessoalmente, mas um direcionamento conduzido por meio de permissão espiritual: o interlocutor relata que quem começou a abrir os conhecimentos e, portanto, a espiritualidade e a casa de rezas, foi “o já falecido” *xeramoi Jijoko* e também o respeitado *xeramoi Timóteo Vera Tupã Popygua*.¹⁴⁵ Como é possível observar pelas falas do interlocutor, há muita clareza e respaldo nos processos e posturas que projetam seus horizontes.

Quando perguntado sobre o *Tekoa Yvy Porã*, o mais novo *Tekoa* da TI Jaraguá, um lugar singular por sua exuberância natural, o Interlocutor I G01 relata:

Tem uma coisa muito importante da *Yvy Porã* que aconteceu, apesar de antes mata, não tinha assim uma ocupação humana mas agora ela [área onde está o *Tekoa*] está com uma variedade de árvores. Engraçado porque engana, né? A gente tem manga, palmito juçara, pupunha, bananeira, várias espécies, cambuci, laranjeira. Então tá bem impressionante, muito melhor. A gente faz tudo pensando[...]nossa proposta de moradia: restauração de casas feitas com permacultura, que não tivessem a necessidade de usar um material que é convencional que é mais caro. Você usar o que é da terra mas com mais qualidade do que uma casa de pau a pique tradicional antiga. Esse é o futuro que a gente vislumbra, né? É o que a gente pretende fazer. (Conversa entre autora e Interlocutor IG01, setembro de 2020)

Andando por entre os caminhos do *Tekoa Ytu*, é visível o cuidado com a mata e com as construções. Todas as casas são feitas de barro ou madeira e estão entre árvores. Há harmonia

¹⁴⁴ Lucas Keese dos Santos em sua dissertação de mestrado: A esquiva do *xondaro*, movimentos e ação política entre os Guarani *Mbya*, 2016, pela FFLCH USP, se debruça sobre esse assunto.

¹⁴⁵ Autor do livro *Yvy Rupa, A Terra Uma Só*. Hedra, São Paulo, 2017.

nos usos, que são todos pensados e definidos. Há lugares certos designados para cada atividade (figuras 42, 43 e 44 abaixo). Durante uma longa caminhada, o interlocutor IG 09 descreveu cada lugar e seu uso específico. Há um galinheiro cercado, um apiário e o lugar das árvores frutíferas. As casas são cuidadosamente pensadas no que se refere aos locais para sua implantação e seus acessos. Há a intenção de se fazer uma casa de rezas mais íntima e menor e o interlocutor descreveu minuciosamente como será o acesso até ela e o porquê do local escolhido. Há organicidade em relação à mata e aos caminhos abertos naturalmente¹⁴⁶, levando a um platô onde planejam construí-la. O relevo, as árvores e as nascentes (há duas no local) são cuidadosamente observados e pensados em relação ao resto do *Tekoa*:

[...] memórias de um passado antigo que se perpetuam, tradicionalmente repassadas, incorporando experiências recentes, a depender do ambiente de suas aldeias, e contrariando as lembranças relatadas em suas próprias histórias de vida repletas de infortúnios. (LADEIRA, 2016)

Percebe-se, pelo relato acima, o desvelar de um mapa mental repleto de “memórias de um passado antigo que se perpetuam” e direcionam sua interpretação sobre possíveis comunicações com a própria mata, ao observar suas nuances, brechas, sons, texturas e composições que contextualizam sua relação com elas.

¹⁴⁶ Essa fala se conecta à ideia de mata intocada, apresentada no capítulo 1 desta dissertação, ao citar Zibel da Costa (1989).

Figura 42: Casa de Reza, *Opy. Tekoa Yvy Porã*: construção em pau a pique



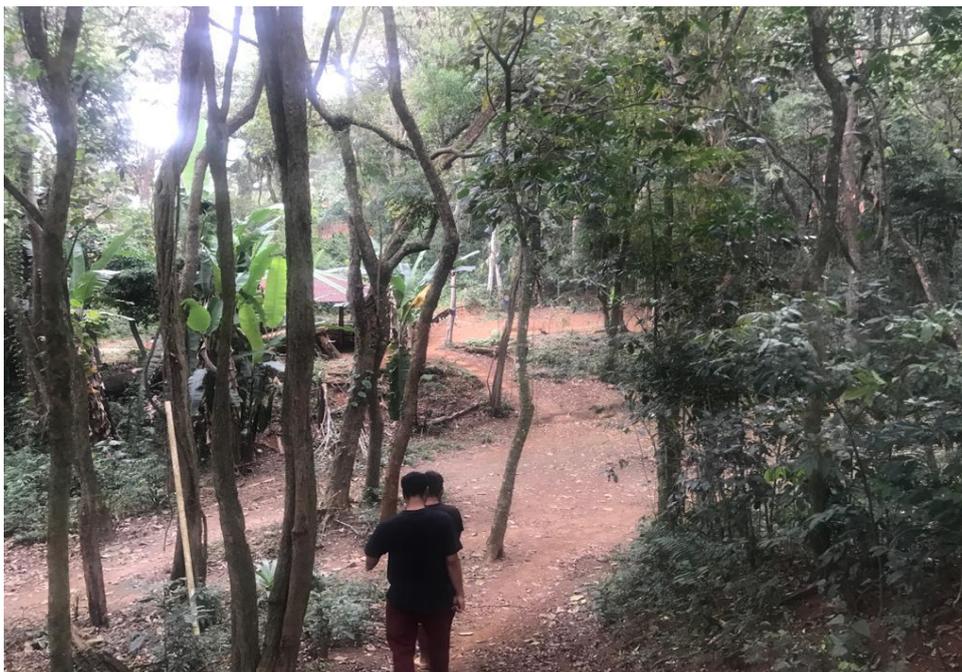
Fonte: Arquivo pessoal autora , 2020

Figura 43: Residência em pau a pique *Tekoa Yvy Porã* (2020)



Fonte: Arquivo pessoal da autora

Figura 44: Caminhos Yvy Porã



Fonte: Arquivo pessoal da autora, 2020

Portanto, o *Tekoa Yvy Porã* representa uma projeção daquilo que esses Guarani, no Jaraguá, acreditam e entendem como sendo possível comunicar: partes fundamentais do ser e do ver Guarani e, principalmente, sua resistência no território. É, por meio de uma espacialidade controlada (“faz estacionamento debaixo da terra, mas deixa as árvores ali”, fala de IG 01, já apresentada no início do item 4.4), onde “bioconstrução e agrofloresta¹⁴⁷” se entrelaçam e criam o *Tekoa Yvy Porã*. Esse *Tekoa*, que está sendo construído como expressão do que os Guarani desejam, para onde estão mirando seu olhar e seu caminho, abre percursos e ensaios de um novo jeito de estar no mundo: aberto e de protagonismo. O respeito pelo meio natural e práticas que explicitem a valorização de seu *Nhanderekó* estão cuidadosamente sendo comunicadas para os não-indígenas.

¹⁴⁷ Como disse Maria Inês Ladeira, “sem buscar uma correspondência imediata no seu próprio vocabulário. [...] assim palavras e categorias referentes ao território e à natureza. Preferem incorporar, como tal, ao seu repertório de diálogo, pois, diante da atualização frequente de vocabulários, o emprego desses termos segue a tendência dominante, sem afetar suas próprias concepções e sistemas” no Seminário Internacional Etnologia Guarani: Diálogos e Contribuições. FAIND – UFGD, outubro, 2016.

Mesmo perante tantos desafios relacionados à infraestrutura, moradia, garantia de direitos constitucionais, contradições e dificuldades, postas ao longo do texto e enfrentadas, principalmente, por meio de vulnerabilidade social, há a construção do sonho: viver num lugar de agrofloresta e permacultura, ter um espaço para se viver o *Nhanderekó* e também de tecer tantos outros projetos e ideias, que ficarão para um futuro trabalho de reflexão. Paisagens são percebidas e criadas por pessoas. Os Guarani podem não ter uma palavra para descrever a paisagem. Como diz Maria Inês Ladeira (2016), quando perguntado sobre a paisagem, um ancião Guarani decorreu sobre os fazeres e as atividades encontradas naquele espaço. Entretanto, os Guarani *vivem* a paisagem, ela existe em múltiplas camadas desveladas ao longo deste trabalho. A paisagem para os Guarani está retratada em sua memória, que constrói os ambientes presentes:

[...] há sim uma “memória paisagística” vivida pelos antepassados que projetam, de forma mais global ou plena, lembranças, imagens, sentidos e sensações. Em desenhos e relatos, jovens descrevem com detalhes, a partir da memória dos seus pais e, esses lugares e seus significados simbólicos [...] uma memória que evoca sons, cheiros, imagens, saberes, que é repassada para novas gerações sem sequer conhecerem esses lugares, mas que conseguem fielmente imaginar e reproduzi-los em desenhos e narrativas (LADEIRA, 2016)

A espacialidade do *Tekoa Yvy Porã* é uma das ferramentas criadas para que os Guarani possam comunicar o que há de mais sublime em sua cultura e perspectivas. Este *Tekoa* é o lugar onde querem receber os não-indígenas para múltiplas atividades culturais e será o lugar onde receberão as escolas, os pesquisadores e instituições parceiras. O *Tekoa Yvy Porã* torna-se um lugar político e poético que conta sobre sua cultura, sua espiritualidade e expressa seus valores Guarani mais profundos e como eles pretendem se relacionar com o mundo de tecnologia e de rápidas comunicações em longas distâncias. A resistência se coloca nesse lugar de permanência e de protagonismo sobre valores e religiosidade: algo íntimo e que antes, como disse o interlocutor IG01, demorava décadas de amizade com o pesquisador para que algo lhe fosse revelado. Nesse sentido, as táticas mudaram e os Guarani não são aquele povo que se esconde. O aspecto territorial dessa resistência, que está muito presente no Jaraguá, são as retomadas, com o intuito de impedir ocupações ilegais de se instalarem ali.

Por último, e mais recentemente, há o percurso de resistência, que se apresenta por meio da política e pela atuação de três mulheres Guarani do Jaraguá, que se pré-candidataram (pelo PSOL) no “Mandato Coletivo Jaraguá é Guarani”, para ocupar uma das 55 cadeiras de vereador na Câmara Municipal de São Paulo. Essa configuração, que se desenha de dentro para fora, ensaia movimentos expansivos e que arriscam uma voz de tudo ou nada. É “para valer” e os Guarani mostram que estão dispostos a participar e criar a vida no território e onde estão e no momento que atravessam.

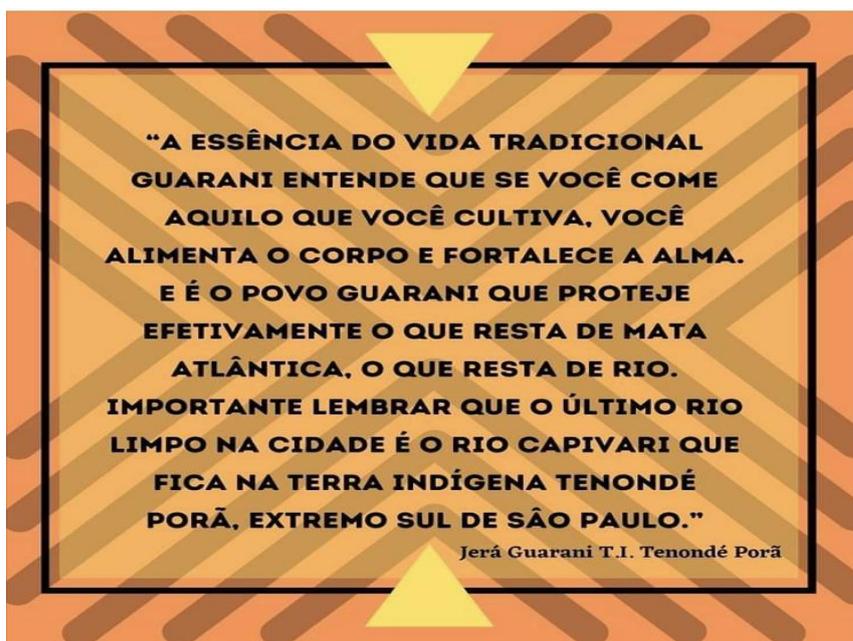
Figura 45: Folheto digital “Mandato Coletivo Jaraguá é Guarani”



Fonte: Pagina “Mandado Coletivo Jaraguá e Guarani”, Facebook¹⁴⁸

¹⁴⁸ Disponível em: <<https://mandatocoletivojaraguaegarani.financie.de/>>. Acesso em 30 de setembro de 2020.

Figura 46: Fala da conhecida *Jerá* Guarani para a campanha do Mandato Coletivo Jaraguá é Guarani



Fonte: Pagina “Mandado Coletivo Jaraguá e Guarani”, Facebook¹⁴⁹

A fala de Jerá Guarani acima, colocada na página do *Facebook* para a pré-candidatura do Mandato Coletivo, reforça a importância da terra, dos alimentos e do cultivo como meio para se cuidar do corpo físico, do leito terrestre e, assim, fortalecer a “alma” Guarani. Nesse curto trecho, Jerá comunica o bem-viver Guarani, que se manifesta com o surgimento e fortalecimento da relação entre esses agentes, que estão interconectados e são interdependentes, além de se auto alimentarem. A pré-candidatura deste coletivo estabelece uma plataforma de comunicação que permite aos Guarani se expressarem e reformularem suas visões, para que elas se “encaixem” à sociedade dominante. Esse exercício de protagonismo Guarani, por si só, é um passo avante em direção às suas conquistas. Para a sociedade no geral, trata-se de uma conquista em direção a modos de se fazer políticas, que aumentem a participação de mulheres e minorias.

¹⁴⁹ Disponível em: <<https://www.facebook.com/mandatocoletivojaraguaegarani/about>>. Acesso em 30 de setembro de 2020.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viver em *Tekoa* e preservando o *Nhanderekó* são os pilares da cultura e do povo Guarani residentes no Jaraguá. Como mostrado por meio desta dissertação, o processo de criação de um *Tekoa* e o viver em comunidade, praticando seus rituais, falando Guarani e observando os ciclos da natureza promovem continuidade ao que os Guarani chamam de tradição cultural. Mesmo no Jaraguá, onde o espaço é reduzido e sem mata para as práticas relacionadas a caça, pesca e roças, há a manutenção do modo de vida Guarani, principalmente nos espaços criados para sua espiritualidade. Os interlocutores desta dissertação falam que sua cultura está atrelada a frequentar o *Opy*, ao praticarem sua religiosidade e fortalecem seu *Nhanderekó*. Assim, a repetição dos rituais por tantas gerações mantém firme seus significados. Quando há tantas distrações e impedimentos, gerados por dificuldades de tantas naturezas, algumas explicadas ao longo deste trabalho, ir ao *Opy*, fumar o *petinguá*, tocar, cantar, dançar e se comunicar com *Nhanderu*, são processos de resistência, que afirmam sua existência como povo Guarani no território.

As retomadas¹⁵⁰ do território Guarani e a idealização e concepção do *Tekoa Yvy Porã* mostram o esforço desse povo em viver de acordo com seus valores e com aquilo que acreditam que devam comunicar, em resposta às interferências e interações com a sociedade dominante. Esse processo acontece tanto como táticas de sobrevivência, quanto para contribuir e estabelecerem seu protagonismo indígena perante a sociedade. Como demonstrado por meio desta dissertação, houve mudanças na forma como os Guarani se apresentam. Antes, por meio de esquiva, era comum tentarem se esconder, para se protegerem e, portanto, não revelarem aos não-indígenas suas visões mais profundas. Hoje, pela mesma razão, ou seja, para se protegerem, mostram-se como parte das estratégias que os afirmam como cultura e povo. Assim esta pesquisa descreveu aspectos da identidade indígena Guarani, que está em constante atualização, como também as ressignificações de suas práticas culturais que compõem seu ambiente.

Para atender aquilo que o trabalho se propôs em descrever, mostra-se como os Guarani no Jaraguá interpretam a paisagem e o que ela comunica. Este estudo, portanto, entende a

¹⁵⁰ “Retomada” é o termo que os interlocutores optam por usar.

aproximação Guarani com a paisagem como cerne de sua própria construção de identidade como povo e, indissociável, da sua vivência em comunidade¹⁵¹. Ou seja, “a memória paisagística” Guarani está na “reprodução física e cultural” do seu contexto (LADEIRA, 2016). Para os Guarani, não há separação entre seres humanos e seu ambiente natural e, por isso, para se aproximar de sua leitura de paisagem, é necessária uma aproximação com suas narrativas mais profundas, muitas delas associadas à espiritualidade e às relações com sua cosmogonia. Os Guarani se posicionam no espaço como responsáveis pela manutenção de partes do seu modo de vida. Ao abordar como estudo de caso o *Tekoa Ytu* e seu desdobramento por meio da criação do *Tekoa Yvy Porã*, a pesquisa mostrou a paisagem vivenciada por esse povo, dando enfoque às práticas que caracterizam ali a permanência comunitária Guarani, suas lutas por direitos já conquistados e sua resistência diante de um contexto tão imerso em contradições.

Por meio da voz Guarani, presente nos cantos, conversas e histórias narradas, revelam-se os significados da “alma” Guarani, transformando seu contexto e oferecendo específicas leituras de mundo em tudo o que os cercam. A potência dessa voz Guarani está em comunicar *Yvy Rupa* em diferentes momentos, mas, presentes em suas manifestações culturais e principalmente na vida que almejam e que nos contam ser possível, principalmente, no que tange as relações com o meio natural. Por entre o lixo imperecível¹⁵² espalhado pelo chão dos *Tekoa*, casas em deterioração, fossas sépticas que vazam, ribeirão das Lavras poluído correndo a céu aberto no *Tekoa Ytu*, e outras tantas precariedades presentes nas espacialidades da TI Jaraguá, surgem as belezas da vida Guarani. Elas se manifestam de forma ordenada e atenta aos ciclos lunares, repletas de poesia, subjetividades, relações diversas com o passado e com elementos da natureza. É por meio dos rituais que essa harmonia se evidencia e preenche a casa de reza, o *Tekoa* e os Guarani de significados.

¹⁵¹ O Trabalho de pesquisa do NEP foi de fundamental importância para a construção deste percurso junto a observação participante como tratado no início desta dissertação.

¹⁵² Esse lixo refere-se aos produtos imperecíveis comprados em supermercados, como embalagens de plástico, que são espalhadas pelo chão dos *Tekoa* pelos cachorros, que são em si, um grande problema. Essas questões foram tratadas ao longo do terceiro capítulo

Figura 47: Imagem ritual *Nhemongarai* do batismo erva mate



Fonte: Estadão, 2020¹⁵³

Essa imagem significativa (figura 47) do ritual *Nhemongarai* (ritual do batismo do milho, realizado nos meses de janeiro/fevereiro) mostra um Guarani colocando uma vela entre outras e, mais profundamente, apresenta aspectos da construção de mundo Guarani. Portanto, a imagem é sobre o fazer e a manutenção da tradição, que se perpetua enquanto há fluxo e continuidade nas práticas ritualísticas que são passadas de geração a geração. Enquanto objeto repleto de significados, a estrutura circular em volta do *ambá* (altar Guarani) segura todas as velas, que representam as almas das pessoas que serão batizadas. Cada vela é produzida manualmente, com cera das abelhas nativas Guarani. A espécie de canoa contém água pura da nascente misturada com casca de cedro que, como explicado ao longo desta dissertação, é, para os Guarani, a árvore que segura o mundo de *Nhanderú* (Deus Guarani).

Portanto, essa imagem carrega múltiplos e profundos significados, que sustentam o modo de vida Guarani e que criam e se reproduzem a partir de memórias paisagísticas fundamentais. O fazer de cada vela, possível pelo cuidar das abelhas, a água que tem que estar combinada com a casa de cedro e que, por sua vez, não pode ser retirada de qualquer forma e por qualquer

¹⁵³ Disponível em: <www.sustentabilidad.estadão.com.br>. Acesso em 20 de outubro de 2020.

pessoa, são apenas alguns elementos do *Nhemongarai* e que são necessários para se criar essa espacialidade para a sacralidade.

Espacialidades como essas, são criadas regularmente nos seis *Tekoa* da Terra Indígena e ancoram a cultura Guarani, criando paisagens concretas, que se relacionam com as memórias e com a “tradição”¹⁵⁴. Contrastando essas imagens e vivências, tão ordenadas e que emanam harmonia, há as espacialidades geradas pelo contato com a sociedade dominante, seus artefatos e imposições ao mundo Guarani, explicadas ao longo deste trabalho de pesquisa. A Terra Indígena do Jaraguá é um lugar de contradições e, talvez por isso, seja tão fascinante e desafiador pesquisar sobre seus espaços, seu povo e seus fazeres. Seus *Tekoa* são mantidos, tanto sob fragilidades, que mostram vulnerabilidades e problemas sérios relacionados à falta de infraestrutura apropriada, (desafios descritos nos capítulos desta dissertação) quanto sob as sutilezas que revelam o cuidado com seu interior e uma sofisticada estética do sagrado.

A imagem acima mostra que este ritual é orquestrado com minuciosidade, em detalhes. Como as velas, também os corpos são posicionados cuidadosamente durante os rituais, seus rostos, como visto no segundo capítulo desta dissertação, ficam voltados para leste, onde nasce o sol. Há um lugar e uma hora certa para cada movimento, que lembra os ciclos mais constantes da natureza, permitindo a continuidade de sua existência.

De acordo com Melià (1991, p. 68), a conservação do mundo depende da repetição das práticas rituais que simbolizam o ato fundador do mundo, realizado por Nhamandu (o primeiro criador). Cantar e rezar, com o bastão ritual, significa sustentar o mundo e fundá-lo continua e renovadamente. (LADEIRA, 2014. p. 162)

A materialidade dos espaços no Jaraguá é muito potente em apresentar a Cultura Guarani, principalmente no que diz respeito à religiosidade e seus nuances, apresentados nos quatro capítulos deste trabalho. O olhar voltado a questões relacionadas à arquitetura e urbanismo, durante os trabalhos de campo, ao vivenciar, tanto os rituais, quanto as lutas e os desafios presentes no cotidiano da Terra Indígena do Jaraguá, ampliou-se por meio de outras lentes. Esse difícil e surpreendente percurso, iluminado pelos estudos de antropologia, conduziram o olhar

¹⁵⁴ Toda vez que o texto usa a palavra “tradição” está trazendo as reflexões sobre esse conceito que entende tradição como um inventário que se atualiza e se modifica conforme o tempo. Esse conceito foi explicado ao longo do trabalho e é da antropóloga Adriana Queiroz Testa (2014)

da pesquisadora ao que inicialmente era irreconhecível. Ao trazer vozes vindas da etnografia, de outros estudos sobre a paisagem sensível, apresentadas na bibliografia desta dissertação, possibilitou-se outras perspectivas, que foram se abrindo. Assim, surgiram mundos nunca imaginados.

A noção moderna da *paisagem*, presente nos debates em torno dos conceitos apresentados pelas teorias do NEP e, em especial, por Jean Marc Besse (2006, 2014) e Augustin Berque (2012), e Tim Ingold (2002, 2011, 2013, 2017 também foram bases importantes para as reflexões sobre o conceito de paisagem e sua relação com a Terra Indígena do Jaraguá. Nesse sentido, este estudo evidenciou que a construção de conhecimento e a cultura são indissociáveis das conexões sociais e afetivas presentes no contexto da TI Jaraguá. Assim, a condição social de múltiplas interações, presentes na vida dos moradores do *Tekoa*, tornou-se central para o entendimento dessa paisagem. Entendendo essas espacialidades, que se constroem pelo contato humano e pela ritualização, mostram o reflexo de memórias e registros, mas principalmente suas interpretações e percalços que impactaram e desenham o território. Nesse sentido, o que se apresenta na Terra Indígena do Jaraguá, *Tekoa Ytu* e *Tekoa Yvy Porã*, recém-construído, é resultado, tanto das relações humanas, como das projeções dessas relações (humanas e não-humanas)¹⁵⁵, entre esse povo e o espaço: seu *fazer* e seu *habitar*.

Contudo, este trabalho de pesquisa também demonstrou um panorama geral sobre os Guarani da TI Jaraguá, por meio do recorte sobre suas aspirações e algumas de suas importantes especificidades. Assim, o que se encontra hoje na Terra Indígena do Jaraguá é um povo articulado perante a sociedade dominante, que conhece seus direitos, as leis e tem ideias claras de como se posicionar e se mostrar perante o poder público e a sociedade. Trata-se um povo cuidadoso em relação ao seu entorno, ao parque e às leis ambientais. Em umas das idas a campo, andando pelo *Tekoa Ytu*, um dos interlocutores me mostrou uma casa atingida por uma árvore, que caiu e estragou boa parte do telhado. Quando perguntado porque não cortaram partes da árvore que estava próxima a casa, ele respondeu que não podem tirar nenhuma árvore e já haviam chamado diversas vezes a prefeitura, que não veio cortar essas partes. Esse tipo de

¹⁵⁵ Ao se falar em relações não humanas, são referidas as relações tanto com os animais quanto com as árvores e seres mitológicos. Para os Guarani, há uma horizontalidade entre seres humanos e todos os outros seres que compõem seu universo, como foi explicado no primeiro capítulo dessa dissertação.

situação: ver os Guarani indignados por cumprirem a lei, mas não serem respeitados e se prejudicarem, ocorreu diversas vezes ao longo do trabalho de campo, não só no *Tekoa Ytu*, como também em outros *Tekoa* pelo litoral.

É importante ressaltar que este trabalho se construiu por meio da confiança e entrega no processo de observação participante e pelos afetos construídos com os Guarani e suas causas. O engajamento no processo possibilitou o desenvolvimento da pesquisa, que se expressa por esse texto. O chão do percurso se construiu por meio de escuta e de percepções e por questionamentos sobre o lugar comum atribuído a esse povo. Lentamente a desconstrução de paradigmas permitiu o avanço em direção ao enxergar. Aprender a ver e a escutar a voz Guarani foi o que esse trabalho se propôs a fazer. Conhecer o outro, um outro tão diferente, requer silenciar a si mesmo. Esse processo, embora desestabilizante, em última instância, permitiu o alargamento de bases construídas como arquiteta e urbanista e o encontro interdisciplinar que esta pesquisa proporcionou e descreveu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, Lígia Rodrigues. *Estar em Movimento é Estar Vivo: Territorialidade, Pessoa e Sonho Entre Famílias Tupi Guarani*. Tese de Doutorado em Antropologia, São Paulo: em Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2016.
- AMOROSO, Marta & MENDES DOS SANTOS, Gilton (Org.). *Paisagens ameríndias: lugares, circuitos e modos de vida na Amazônia*. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.
- AMOROSO, Marta. *Descontinuidades indigenistas e espaços vividos dos Guarani*. São Paulo: Revista de Antropologia da USP, 58 (I) (p.105-148), 2015.
- BAILÃO, S. André. S. 2016. *Paisagem – Tim Ingold*. Enciclopédia de Antropologia. Disponível em: <<http://ea.fflch.usp.br/conceito/paisagem-tim-ingold>>. Acesso em julho de 2018.
- BARTALINI, Vladimir. *Cinco propostas para uma teoria da paisagem (apresentação e tradução)*. In: Paisagem Textos n. 2. São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP, 2013.
- BATSON, Gregory (Org.). *Passos hacia una ecología de la mente. Una aproximación revolucionaria de la autocomprensión del hombre*. Buenos Aires: Lohlé-Lumen, 1972.
- BERQUE, Augustin. *A chôra em Platão. In Filosofia e Arquitectura da Paisagem – um manual*. Coordenação: Adriana Veríssimo Serrão. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2012
- BERQUE, Augustin. *Cinco propostas para uma teoria da paisagem - Paisagem, Meio, História*. Tradução de Vladimir Bartalini. IN: Paisagem Textos N°2 (textos traduzidos com a finalidade de subsidiar disciplinas do curso de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo). Universidade de São Paulo, 2013.
- BESSE, Jean-Marc. *Ver a Terra*. São Paulo: Perspectiva, 2006.

- BESSE, Jean-Marc. *As cinco Portas da Paisagem: Ensaio de uma Cartografia das problemáticas paisagísticas contemporâneas*. Tradução de Vladimir Bartalini. IN: Paisagem Textos N°3 (textos traduzidos com a finalidade de subsidiar disciplinas do curso de pós-graduação da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo). Universidade de São Paulo, 2016.
- BESSE, Jean-Marc. *O Gosto do Mundo: Exercícios sobre a paisagem*. Rio de Janeiro: Editora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2014.
- BRASIL. Ministério da Justiça. *Relatório Circunstanciado de Identificação e Delimitação da Terra Indígena Jaraguá*. Fundação Nacional do Índio - FUNAI. Brasília, 2010.
- BUENO, Flávia Assumpção de Godoy, SANDEVILLE, Euler. *A Interlocução entre Paisagem e Aprendizagem: O percurso Guarani*. Salvador: Enanparq 2018.
- CAMPOS, Diego Monteiro Gomes de. *Potencialidades para a criação do Território de Interesse da Cultura e Paisagem (TICP) Jacú-Pêssego na zona leste da cidade de São Paulo*. Tese de Mestrado em Ciência Ambiental, São Paulo: Instituto de Energia e Ambiente da Universidade de São Paulo, 2017.
- CLASTRES, Helene. *Terra Sem Mal*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1978.
- COSTA, Carlos Roberto Zibel. *Habitação Guarani – Tradição Construtiva e Mitologia*. Tese em Doutorado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade de São Paulo. São Paulo, 1989.
- COSTA, Carlos Roberto Zibel. LADEIRA, Maria Ines. *The Guarani Tribe Build a Village in the Urban Context o Greater São Paulo*. Traditional Dwellings and Settlements working paper series vol. L 71-105, 1992
- COSTA, Natália Teixeira Lopes. *A Atuação de diferentes esferas de Governo na Terra Indígena do Jaraguá*. Trabalho de Conclusão de Curso, FAU USP, 2016.
- DESCOLA, Philippe (2016). *Beyond Nature and Culture*. London: University of Chicago Press, 2013.

- DESCOLA, Philippe (2016). Landscape as transfiguration - Edward Westermarck Memorial Lecture, October 2015. *Suomen Antropologi: Journal of the Finnish Anthropological Society*, 41(1): 3-14. Disponível em: <https://journal.fi/suomenantropologi/article/view/59038>. Acesso em jan 2019.
- FARIA, Camila Salles. *A integração precária e a resistência indígena na periferia da metrópole*. São Paulo: Labur Edições, 2011.
- FARIA, Camila Salles. *A luta Guarani pela terra na metrópole paulistana; contradições entre propriedade privada capitalista e apropriação indígena*. Tese de Doutorado em Geografia, São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2016.
- FAUSTO, Carlos. *Donos Demais: Maestria e Domínio na Amazônia*. Mana 14 (2) 329-366. 2008
- GALLOIS, Dominique Tilkin; MACEDO, Valéria. *Nas Redes Guarani: saberes, traduções e trans-formações*. São Paulo: Hedra, 2018.
- GAMBINI, Roberto. *Espelho índio: A formação da alma brasileira*. Axis Mundi Editora LTDA: São Paulo, 2000.
- INGOLD, Tim. *Antropologia-Pra que serve?*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- INGOLD, Tim. *Estar Vivo: Ensaios Sobre Movimento, Conhecimento e Descrição*. Petrópolis: Vozes, 2011.
- INGOLD, Tim. *Landscape or Weather-World?* In.: *Being Alive. Essays on movement, knowledge and description*. Londres: Routledge, 2011.
- INGOLD, Tim. *Making. Anthropolgy, Archaeology, Art and Architecture*. Oxon: Routledge, 2013.
- INGOLD, Tim. *The perceptions of the Environment: Essays on livelihood, dwelling and skill*. New York: Taylor & Francis Group, 2002, pp. 189-209.

- JANUÁRIO, Elias. *Cadernos de Educação Escolar Indígena: 3 grau indígena*. Barra do Burges: UNEMAT; v.3, n.1, 2004.
- JARAGUÁ SP. Disponível em <www.jaraguasp.com.br/bairro/jaragua>. Acesso: 30 de junho de 2018.
- KEESE DOS SANTOS, Lucas. *A Esquiva do Xondaro: movimento e ação política entre os Guarani Mbya*. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. São Paulo: da Universidade de São Paulo, 2016.
- LADEIRA, Maria Inês Martins. *O Caminhar sob a luz: território Mbya à beira do oceano*. São Paulo. Editora UNESP, 2007.
- LADEIRA, Maria Inês Martins. *Espaço Geográfico Guarani - MBYA: significado, construção e uso*. Tese de Doutorado em Geografia Humana. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2001.
- LADEIRA, Maria Inês Martins. *Espaço Geográfico Guarani-Mbya significado, constituição e uso*. EDUEM (Editora da Universidade Estadual de Maringá). Maringá, 2008.
- LADEIRA, Maria Inês Martins. *O caminhar sob a luz: Território Mbya à beira do oceano*. 1992. Dissertação de Mestrado em Antropologia – Pontifícia Universidade Católica - PUC. Edição de Publicação. São Paulo: Editora UNESP, 2007. Versão Online. São Paulo: Centro de Trabalho Indigenista – CTI, 2014.
- LADEIRA, Maria Inês. Seminário Internacional Etnologia Guarani Diálogos e Contribuições. Faculdade Intercultural Indígena - FAIND-UFGD, Dourados, 6 a 8 de outubro de 2016.
- LADEIRA, Maria Inês; FARIA, Camila Salles. Os Avá Guarani yvy mbyte, centro da terra e os processos de transformação de seu território. Os Ava Guarani no Oeste do Paraná: (Re) existencia em Tekhoa Guasu Guavira. Coordenação científica: Carlos F. Marés de Souza Filho. Org: Danielle de Ouro Mamed, Manuel Munhoz Caleiro, Raul Cezar Bergold. Os Avá Guarani no Oeste do Paraná, Letra da Lei, Curitiba, 2016.

- MARIA, Yanci Ladeira. *Paisagem: Cultura – Natureza em Perspectiva. Uma abordagem trajetiva do conceito de paisagem*. Tese de Doutorado em Geografia Humana. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2016.
- MARIA, Yanci Ladeira. *Paisagem: entre o sensível e o factual. Uma abordagem a partir da Geografia Cultural*. Dissertação de mestrado em Geografia Humana. São Paulo, 2010.
- MAINARDI, Camila. *Desfazer e Refazer Coletivos – O Movimento Tupi Guarani*. Tese de Doutorado em Antropologia Social, São Paulo: da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, 2015.
- MAWE, John. *Viagens ao Interior do Brasil*. Editora Zelio Valverde. Rio de Janeiro, 1944.
- MONTEIRO, Simone Rocha da Rocha Pires *O marco conceitual da Vulnerabilidade Social..* Sociedade em Debates, Pelotas 17(2): 29-40; jul-dez/2011.
- MONTEIRO, Simone Rocha da Rocha Pires. Sociedade em Debates, Pelotas 17(2): 29-40; jul-dez/2011.
- MOTA, Maria Eloisa. *Faz-se o Caminho Caminhando: Reflexões sobre Educação Indígena*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais, São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2009.
- MOTTA, Aline Villela de Mello. *Tekoa Pyau: uma aldeia Guarani na MetrÓpole*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais; São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2007.
- NOGUEIRA DA SILVA, Fabio de Oliveira. *Elementos de etnografia Mbya: lideranças e grupos familiares na aldeia Tekoa Pyau (Jaraguá —São Paulo, SP)*. Tese de Mestrado em Antropologia Social, São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade De São Paulo, 2008.
- NOGUEIRA DA SILVA, Fabio de Oliveira. *Um Tekoa, uma cidade e a cidade*. Nas redes Guarani, saberes, tradições e transformações. Hedra, São Paulo, 2018:173-187.

- OLIVEIRA, Patricia do Padro. *Metricas da paisagem de conservação para Parques em situação de isolamento na cidade de São Paulo: o Parque Estadual Fontes do Ipiranga (PEFI), o Parque Estadual do Jaraguá (PEJ) e o Parque Natural Municipal Fazenda do Carmo(PNMFC), Município de São Paulo (SP)*. Dissertação de Mestrado em Geografia Física, São Paulo: Universidade de São Paulo, 2018.
- PIERRI, Daniel Calazans. *O Perecível e o Imperecível: reflexões Guarani sobre a existência*. Editora Elefante. São Paulo, 2018.
- PIRES, Aline Marinho Marks. *O Espelho Guarani Mbya. A autoimagem do Gaurani Mbya na transição da infância para a juventude*. Dissertação de Mestrado em Humanidades, Direitos e outras Legitimidades. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2019.
- POPYGUA, Timoteo Verá Tupã; EKMAN, Anita. *YVYRUPA A Terra Uma Só*. Hedra. São Paulo, 2017.
- Revista de Antropologia da UFSCar, v.5, n.2, jul-dez, p.251-268, 2013 Helene Clastres
- RIBEIRO, Darcy. *Configurações Histórico-Culturais dos Povos Americanos*. 2ª. Edição. Global Editora. São Paulo, 2016.
- SANDEVILLE JR, Euler. *Paisagem*. Paisagem e Ambiente. Nº 20. São Paulo, 2005:7-59.
- SANDEVILLE JR, Euler. *Paisagens Partilhadas*. Paisagem e Ambiente Nº.30, São Paulo, 2012: 203-214. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/78117/82205>>. Acesso em agosto de 2018.
- SANDEVILLE JR, Euler. *Paisagens Partilhadas*. Paisagem e Ambiente. n.30, São Paulo, 2012, p. 203-214.
- SANDEVILLE JR, Euler. *Paisagens Partilhadas*. Tese Livre Docência. FAU USP, 2011
- SANDEVILLE JR., Euler; BIRELLO, Fernando; BORTOLO, Mario; DEBOA, Suerda; FELICIANO PALMA, Bruna; GODOY BUENO, Flávia Assumpção; KINKER, Fabio; MARCOLINO, Miriam; RIBARIC, Adrian. *Reserva Jaraguá-Cainás x Terra Indígena*

- Guarani, Unidade de Conservação, ecologia da Paisagem e Patrimônio Cultural.* Universidade Livre e Colaborativa/ Biosphera21, 2020.
- SANDEVILLE; BROERING; ANGILELI. *Paisagem, Cultura e Participação Social.* Porto Alegre, 10 ENEPEA, 2010.
- SANTOS, Chirley Maria de Souza A. O Centro e Educação e Cultura Indígena (CECI) da aldeia *Tekoa* Pyau: a cultura Guarani na escola de educação infantil e a atuação dos educadores indígenas. Tese de Mestrado em Educação, São Paulo: PUC, 2013.
- SÃO PAULO, 2014. Programa Moradia Indígena. CDHU, 2014. Disponível em: <<http://www.cdhu.sp.gov.br/documents/20143/37069/ProgramaMoradiaIndigena.pdf/7dae6126-b4b4-2b1d-f4db-ad7d3ae7c051>>. Acesso em julho de 2020.
- SCHADEN, Egon. *Aspectos fundamentais da cultura Guarani.* Ed. USP: São Paulo, 1974.
- TESTA, Adriana Queiz. *Caminhos de Saberes Guarani Mbya: modos de criar, crescer e comunicar.* Tese de Pós-Graduação em Antropologia Social (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2014.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e Lugar: a perspectiva da experiência.* São Paulo: Difel, 2014.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. Nimuendajú e os Guarani. IN.: *Nimuendajú, Curt. As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocuva-Guarani,* São Paulo, Hucitec.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. CASTRO, Eduardo Viveiros de. *A Inconstância da Alma Selvagem: e outros ensaios de antropologia.* SÃO PAULO: UBU, 2017.
- VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *Metafísicas Canibais.* São Paulo: Ubu, 2018.